



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE
SANTANA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PROFCIAMB



STÊNIO ERSON DOS SANTOS

**“COOPERBIO¹ E O PROCESSO DE FORTALECIMENTO DOS SABERES
TRADICIONAIS EM PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS A PARTIR DOS SISTEMAS
AGROFLORESTAIS EM SEABRA, BAHIA”.**

FEIRA DE SANTANA - BA 2025

¹ Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina

STÊNIO ERSON DOS SANTOS

"COOPERBIO E O PROCESSO DE FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS A PARTIR DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM SEabra, BAHIA".

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como parte das exigências para obtenção do título de mestre em Ensino das Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB.

Área de Concentração:Ambiente e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Willian Moura de Aguiar (UEFS)
Coorientador: Prof. Dr. José Raimundo Oliveira Lima

Aprovada em 16 de julho de
2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 WILLIAN MOURA DE AGUIAR
Data: 02/09/2025 13:35:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DR. WILLIAN MOURA DE AGUIAR- ORIENTADOR (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 JOSE RAIMUNDO OLIVEIRA LIMA
Data: 02/09/2025 08:15:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DR. JOSÉ RAIMUNDO OLIVEIRA LIMA-COORIENTADOR (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 NAIARA CELIDA DOS SANTOS DE SOUZA
Data: 01/09/2025 10:44:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF^a. DR^a. NAIARA CÉLIDA DOS SANTOS DE SOUZA (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 TIAGO RODRIGUES SANTOS
Data: 01/09/2025 16:16:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROFº. DRº TIAGO RODRIGUES SANTOS (UFRB) UEFS-2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Stênio Erson dos
S238c Cooperbio e o processo de fortalecimento dos saberes tradicionais em práticas agroecológicas a partir dos sistemas agroflorestais em Seabra, Bahia / Stênio Erson dos Santos. - 2025.

155f.: il.

Orientador: Willian Moura de Aguiar

Coorientador: José Raimundo Oliveira Lima

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), 2025.

1. Sistema agroflorestal. 2. Sistema agroflorestal – Árvores nativas.
3. Educação ambiental crítica. 4. Contra colonização. 5. Economia popular e solidária.
- I. Aguiar, Willian Moura de, orient. II. Lima, José Raimundo Oliveira, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais. IV. Título.

CDU: 631

AGRADECIMENTOS

Feira de Santana, Bahia, 16 de julho de 2025

À Comunidade Acadêmica da Universidade Estadual da Bahia

Prezados(as),

Ao concluir meu curso de mestrado no **PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – BA**, não poderia deixar de expressar minha sincera gratidão a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para esta importante conquista.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo sustento e força em cada etapa dessa caminhada. Ao meu(à) orientador, Prof. Dr. Willian Moura de Aguiar (UEFS) e ao meu coorientador Prof. Dr. José Raimundo Oliveira Lima (UEFS), expresso minha profunda admiração e reconhecimento pela paciência, dedicação e valiosas orientações que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos(as) professores(as) do programa, minha gratidão pela partilha de conhecimento e por cada desafio que impulsionou meu crescimento acadêmico e pessoal. Aos colegas de turma, especialmente a Carolina, Cíntia, Marcos, Jares e Rauni (em memória) agradeço pela parceria, incentivo e momentos de convivência que tornaram essa jornada mais leve e significativa.

Estendo meus agradecimentos à minha família (esposa, mãe, pai, irmãos, filhos) e amigos, aos meus irmãos de luta da COOPERBIO, DO NÚCLEO RAÍZES DO SERTÃO, do PRÉ-NÚCLEO SEMENTES DA CHAPADA DE CERTIFICAÇÃO ORGÂNICA PARTICIPATIVA e a REDE DE AGROECOLOGIA POVOS DA MATA pelo apoio incondicional, compreensão e encorajamento, especialmente nos momentos de maior dificuldade.

Este título representa não apenas um marco na minha vida profissional e acadêmica, mas também o resultado de uma rede de vivência, lutas, resistência da agricultura orgânica e agroecológica, colaboração, incentivo e amizade. Levo comigo o aprendizado, as experiências e os vínculos construídos durante este período, com o compromisso de aplicá-los em prol da educação crítica transformadora e

participativa, da sociedade e da ciência.

Com gratidão,

Stênia Erson dos Santos

Mestre em Ensino das Ciências Ambientais / Programa de Mestrado Profissional em
Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Estadual de

Feira de Santana – BA.

RESUMO

O modelo de produção agrícola disseminado pela Revolução Verde mostrou-se ineficiente para a sociedade contemporânea por ser uma agricultura intensiva. Diante disso, tem sido necessário a contra colonização desse saber agrícola de produção, de modo a estabelecer um equilíbrio entre conservação e justiça ambiental, viabilidade produtiva e econômica. Este estudo visa analisar o Sistema Agroflorestal (SAF) com árvores nativas como uma estratégia de transição do modelo de agricultura intensiva para uma agricultura sustentável, a partir da vivência de um grupo de produtores de café vinculado à Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina que atuam nas comunidades de Churé, no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina-Bahia. Para isso, discute-se os conceitos de Justiça Ambiental, Educação Ambiental Crítica, Escolas do campo, Metodologias Ativas, Escolas decoloniais, tendo os SAF's com árvores nativas e práticas agroecológicas uma alternativa de produção sustentável, de transição agroecológica e da Economia Popular e Solidária. Portanto, observou-se que as concepções agroecológicas implantadas, a partir do processo de formação do coletivo COOPERBIO, configura-se uma ação contracolonial, visto que contribuiu com o processo de desarticulação da ordem padrão estabelecida pela agricultura intensiva, para articular um sistema de produção sustentável e justo, capaz de criar alternativas de convivências ambientais produtivas, economicamente viável e ambientalmente sustentável.

Palavras-Chave: Sistema agroflorestal; SAF com Árvores Nativas; Educação Ambiental Crítica; Contracolonização; Economia Popular e Solidária.

ABSTRACT

The agricultural production model disseminated by the Green Revolution has proven inefficient for contemporary society due to its intensive nature. Consequently, there is a need for the against colonization of traditional agricultural knowledge to establish a balance between conservation and environmental justice, as well as productive and economic viability. This study aims to analyze the Agroforestry System (AFS) with native trees as a transitional strategy from intensive agriculture to sustainable agriculture, based on the experience of a group of coffee producers affiliated with the Cooperative of Organic and Biodynamic Producers of Chapada Diamantina, operating in the communities of Churé, in the municipality of Seabra, Chapada Diamantina Territory, Bahia, Brazil. To this end, the study discusses the concepts of Environmental Justice, Critical Environmental Education, Rural Schools, Active Methodologies, and Decolonial Schools, positioning AFS with native trees and agroecological practices as an alternative for sustainable production, agroecological transition, and the Popular and Solidarity Economy. Therefore, it was observed that the agroecological concepts implemented through the training process of the COOPERBIO collective represent a counter-colonial action, as they contributed to the dismantling of the dominant order established by intensive agriculture, in order to articulate a sustainable and just production system capable of creating alternatives for productive environmental coexistence that are economically viable and environmentally sustainable.

Keywords: Agroforestry System with Native Trees; Critical Environmental Education; Against Colonization; Popular and Solidarity Economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte da área de estudo.....	41
Figura 2 Roda de conversa que ocorreu na propriedade de Bananeira no dia 01 de fevereiro de 2025.....	43
Figura 3 - Dinâmica sobre ancestralidade com ervas medicinais.....	43
Figura 4 - Participante da roda de conversa apresentando sua relação com o produto que trouxe.....	45
Figura 5 - Balaio com os produtos que representam a identidade e a capacidade produtiva.....	45
Figura 6 - Momentos da roda de conversa.....	46
Figura 7 - Momentos da roda de conversa.....	46
Figura 8 - Sistema agroflorestal no cafeiro com árvores nativas.....	47
Figura 9 – Passo a passo da metodologia.....	47
Figura 10 – Faixa etária dos membros participantes da roda.....	50
Figura 11 - Cartaz do Seminário de Agricultura Ecológica.....	54
Figura 12 - Vista aérea das lavouras agroflorestais com árvores nativas da COOPERBIO.....	57
Figura 13 – Vista aérea das lavouras agroflorestais com árvores nativas da COOPERBIO.....	58
Figura 14 – Sistemas agroflorestais no cafeiro.....	65
Figura 15 - Preparação da compostagem com esterco de gado, palha de café, palha de mamona, cinza, pó de rocha e água.....	63
Figura 16 - Curso de Certificação Participativa pelo núcleo Raízes do Sertão de Irecê.....	64
Figura 17 -Curso de Agroecologia com Engenheiro Agrônomo Edvaldo Reinaldo.....	65
Figura 18 - Colheita dos grãos com mais de 85% da produção em fase final de maturação.....	67
Figura 19 – Processo de lavar o café, além de galhos e folhas, ajuda a tirar os grãos secos, ardidos, mal granados, considerados defeitos.....	67
Figura 20 - Terreiros cobertos para a secagem de café.....	69
Figura 21 - Terreiros cobertos para a secagem de café.....	69
Figura 22 – Máquina de rebeneficiar café, avaliada em mais de 600 mil	

reais.....	70
Figura 23 – Formação do Glayco da Coopiatã sobre colheita e pós-colheita de café.....	71
Figura 24 – Coordenação do Núcleo Raízes do Sertão.....	75
Figura 25 – Após preparação dos canteiros é disponibilizado no solo, matéria orgânica, adquirida por meio de capim triturado na forrageira.....	75
Figura 26 Grupo Barroca (Pré- núcleo Sementes da Chapada).....	78
Figura 27 – Grupo Seriema da Serra (Pré- núcleo Sementes da Chapada).....	78
Figura 28 – Grupo Terra Mãe (Pré- núcleo Sementes da Chapada).....	79
Figura 29 – Grupo Quilombola Serrano - (Pré- núcleo Sementes da Chapada).....	79
Figura 30 – Grupo Vida Nova - (Pré-núcleo Sementes da Chapada).....	79
Figura 31 Agricultores e agricultoras que obtiveram a certificação orgânica participativa.....	80
Figura 32 – Cachimbinho num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	84
Figura 33 – Paratudo num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	84
Figura 34 – Copaíba num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	84
Figura 35 – São João num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	85
Figura 36 – Farinha seca num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	85
Figura 37 – Macaqueira num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	85
Figura 38 – Jaqueira num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	86
Figura 39 – Mulungu num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	86
Figura 40 – Caibeiro num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	86
Figura 41 – Ingazeira num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	87
Figura 42 – Jatobá num sistema agroflorestal em Seabra – BA.....	87
Figura 43 – Gravação do documentário.....	90
Figura 44 – Gravação do documentário.....	90
Figura 45 - Certificado da IG Chapada Diamantina na SIC - Semana Internacional do Café - Minas Gerais.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COOPERBIO – Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina.....	11
SAF – Sistemas Agroflorestal.....	12
EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.....	15
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.....	16
CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento.....	15
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	15
ONU – Organizações das Nações Unidas.....	18
ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	19
ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultores Familiares e seus Empreendimentos.....	21
SNCR - Sistema Nacional de Crédito Rural.....	21
IBC - Instituto Brasileiro do Café.....	23
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.....	24
CONAES - Conferência Nacional de Economia Solidária.....	30
CEPEMA - Fundação Centro de Educação Popular em Defesa do Meio Ambiente.....	54
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.....	55
SIC - Semana Internacional do Café - Minas Gerais.....	56
COOPIATÃ - Cooperativa dos Produtores de Café de Piatã.....	68
CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional.....	68
PDRS - Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável do Estado da Bahia.....	70
OPAC – Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade.....	74
BSCA - Associação Brasileira de Cafés Especiais.....	91
IG - Indicação Geográfica.....	91

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 A Colonialidade e o Capitalismo.....	20
2.2 Sistemas Agroflorestais com Árvores Nativas: uma Prática Agroecológica que Promove a Justiça Ambiental.....	2
2.3 Saber Agroecológico e Educação do campo: o exemplo da COOPERBIO em Seabra/BA e os processos educativos.....	30
2.4 Contracolonização do saber agrícola colonial, disseminação de saberes agroecológicos e a adoção de uma Economia Popular e Solidária.....	38
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	39
3.1 Métodos e Tipo da Pesquisa.....	41
3.2 Procedimentos de Pesquisa.....	42
3.3 Instrumentos de Coleta.....	44
3.4 Transcrição, Sistematização e Análise de Dados.....	47
4. RESULTADOS.....	49
4.1 Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina e o processo de fortalecimento do conhecimento agroecológico no território.....	49
4.2 Pré-Núcleo Sementes da Chapada e Processo de Certificação Orgânica Participativa no Território.....	73
4.3 Espécies arbóreas nativas com potencial para compor o sistema agroflorestal na produção de café dos agricultores.....	83
4.4 Documentário com a adoção de SAF com árvores nativas na cafeicultura no município de Seabra, Chapada Diamantina, Bahia.....	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
6. REFERÊNCIAS.....	99
7. ANEXO.....	104

APRESENTAÇÃO

Nasci em Salvador, no dia 28 de maio de 1983, no entanto, minha ancestralidade sempre trilhou rumo à identidade agrícola, social, cultural e política do sertão da Chapada Diamantina. Foi na comunidade do campo de Lagoa da Boa Vista em Seabra que, desde os cinco anos de idade, aprendi a ouvir o som do arrastar das lonas de café ao amanhecer, o canto das seriemas depois da chuva e o silêncio respeitoso da terra cansada. Sou filho de agricultor, herdeiro de uma história que começou não se sabe quando, mas teve uma ruptura com os saberes tradicionais nos anos 1970, quando meu pai e agricultores da região iniciaram os primeiros plantios de café, obedecendo às recomendações de assistência técnica de crédito rural da época: um metro entre plantas, quatro metros de entrelinha, trato químico na raiz, veneno no ar. Era o tempo em que a modernização prometia abundância, mas também trazia o peso invisível da exploração e o desgaste do solo.

Durante três décadas, esse modelo avançou sobre a Chapada Diamantina. A fertilidade da terra se perdeu, áreas inteiras foram abandonadas e transformadas em pastagens. Agricultores familiares, como nós, viram-se expulsos pelo próprio solo que antes os alimentava. As cidades chamavam com promessas de trabalho, mas o que levavam consigo era um vazio — o da sucessão rural interrompida e do roçado que não veria as próximas mãos.

Meu pai se foi à procura de desenvolvimento econômico no parque industrial de Camaçari, assim como os demais que buscaram outras metrópoles, não conseguiu, naquele período, encontrar soluções disponíveis ou se reconectar com os saberes ancestrais. Por esse motivo, nasci em Salvador, pois o parto de minha mãe teve complicações e Camaçari não tinha hospitais com tecnologia suficiente para assegurar um mergulho seguro nesse mar de vozes desencontradas.

Meu pai arribou de seu território, mas como um passarinho retornou à sua terra de origem com sua esposa e dois filhos, para seguir cuidando das lavouras de café e, no início dos anos 2000, um sopro novo atravessou as serras para dar continuidade aos saberes ancestrais em relação ao cultivo sustentável. Produtores de café e cachaça de Seabra, Abaíra, Piatã, Rio de Contas e Bonito juntaram forças para reconstruir a cafeicultura local. Foi assim que nasceu a COOPERBIO — Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina — e eu estava lá, mesmo aos 16 anos, como sócio fundador, ajudando a plantar essa

ideia e a me juntar nessa luta coletiva de valorização por meio de políticas públicas de uma agricultura sustentável.

Em dezembro de 2000, meu pai, inquieto e curioso, decidiu experimentar o que aprendera em intercâmbios no Ceará: cultivar café em meio à agrofloresta. Três meses depois, no dia 11 de março de 2001, plantei minha própria lavoura em Sistema Agroflorestal (SAF): o Sítio Canto da Seriema. Nessa unidade produtiva, pesquisei, observei, ouvi a sabedoria dos mais velhos por meio do relato de meu pai de como seus ancestrais manejavam o cafezal. Aprendi quais árvores dialogam com o café, como deixar a luz entrar na medida certa, como devolver ao solo a matéria que dele veio. Descobri que cuidar da terra é, antes de tudo, aprender a dialogar com ela e entender que podemos criar soluções simples para problemas complexos, como, por exemplo, armazenar água no solo com a desregulação dos períodos chuvosos.

Mas minha labuta não se limitou à agricultura. Em 2003, junto a jovens e lideranças da comunidade de Lagoa da Boa Vista, acendi uma chama diferente: fundamos o Grupo de Teatro Lamparinas do Sertão. Nesse espaço coletivo de formação, aprendi a ser ator, diretor, escritor — e cada peça era um ato de resistência. Essa lamparina, de luz firme e teimosa, iluminava não apenas o palco, mas a dignidade de nossa cultura sertaneja e possibilidades diversas de os jovens resistirem no sertão.

Na educação, segui pelo caminho das letras. Graduei-me em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela UNEB, especializei-me em Educação, Cultura e Sociedade, e também em Gestão Educacional em Língua Portuguesa. Tornei-me professor efetivo, primeiro no município de Mulungu do Morro em 2012, e depois professor efetivo do Estado da Bahia em 2023, no território de Irecê, onde ensino, mas também aprendo, todos os dias, que a palavra é semente, capaz de germinar e formar uma floresta biodiversa e produtiva.

A escrita também floresceu. Em 2017, fui premiado no Concurso Nacional Novos Poetas e, em 2018, premiado no 1º Prêmio Pai Inácio de Literatura, realizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Em 2019, publiquei *Cerco*, minha primeira coletânea de contos pela editora Multifoco. Em 2024, pela RG Editores, lancei *Maio Vermelho* e, com a força da Lei Paulo Gustavo, produzi o curta-metragem *Nunca Mais Vi Irene*.

Desde que me tornei pai de Ânthonny (15) e Henry (5), sinto a

responsabilidade profunda de conectá-los com sua territorialidade, para que possam se reconhecer guardiões dessa terra, prontos para enfrentar desafios e proteger nosso legado contra qualquer ameaça. Quero que conheçam os saberes preciosos das minhas avós Adalgiza (preta) e Crispiniana (branca), o exemplo de vida dos meus avôs Francisco (preto) e Gaudêncio (preto); a força dos meus pais Natalino (preto) e Edelza (mulata). Digo isso porque sei o quanto o vínculo com essa raiz, além de conectá-los com sua ancestralidade, fortalecerá seus passos, ensinando-os a cuidar e proteger da nossa aldeia, do nosso quilombo.

Sou agricultor, professor, escritor e ator, mas acima de tudo, sou homem de rima e prosa, do aboio, do cordel.

Minha Chapada coroada
Do amarelo são joeiro,
Onde o cafezal cochila
Debaixo do aguaceiro.
Eu sou agricultor rima e prosa,
E o meu cordel estradeiro
É cascavel poderosa,
É chuva que cai ligeira,
Erguendo o cheiro de poeira,
Molhando a terra arenosa.

Brota o mato do solo vivo.
Na primeira roçada,
A palha cobre o chão,
Refresca a terra cansada.
O sol já não racha tudo,
O ar muda de feição.
Sombra abriga o passarinho,
Orvalho beija o chão.
É árvore guardando a chuva,
É floresta em formação.

Deputados do palácio,
Venham ver, deixem o ócio:
O exemplo da COOPERBIO
Não fede a glifosato,
Para que veneno de mato?
Aqui, o saber camponês
É conhecimento partilhado,
É ciência tradicional raiz,
É agrofloresta com cisco,
É viver de modo feliz. (SANTOS, 2024)

Esse é o meio de minha história, pois sempre que sentir a necessidade, irei revisitá-lo. Espero que minhas produções possam permanecer vivas na memória e ações dos que virão, de modo a conectá-los com sua ancestralidade e territorialidade. Uma estrada feita de palavras e raízes, onde a poesia se mistura à

roça, ao cheiro da terra coberta de matéria orgânica, e nessa trilha cheia de pedras e riachos, a Chapada Diamantina segue coroada — não apenas pelas árvores e negras águas, mas também pela memória e saber tradicional, pela luta de quem nela vive e resiste.

1. INTRODUÇÃO

O modelo econômico de desenvolvimento agrícola disseminado pela Revolução Verde incentivou a produção de alimentos em larga escala, a partir de procedimentos altamente mecanizados, com o objetivo de atender às demandas de exportação, se dedicando à produção de commodities², sem apresentar variedade e qualidade padronizada (Hadic; Andrade, 2021). Esse tipo de produção de alimentos, além de estabelecer uma relação de dependência com a lei da procura e da oferta, que regulam os preços a partir do mercado financeiro e não a partir da realidade e custos de produção dos agricultores, viabilizam a insegurança alimentar, por não existir uma diversidade produtiva de alimentos, aumentando a desigualdade, a fome e os problemas ambientais.

Esse modelo convencional de produção expandiu mundialmente, alcançando diversas culturas, especialmente aquelas fortemente mecanizadas, como as de milho e soja. Essa expansão ocorreu também por meio do uso intensivo de agrotóxicos e da introdução de plantas geneticamente modificadas (transgênicas), o que contribuiu para a disseminação da monocultura. Tal processo visa atender às exigências do mercado capitalista, tanto em volume quanto em padronização da produção.

Esse contexto também impactou o modelo de produção cafeeira no território da Chapada Diamantina. A partir de investimentos econômicos de Crédito Rural, seguidos de orientações técnicas, passaram-se a implantar lavouras com espaçamentos de 4 metros entre as linhas de plantio, a fim de viabilizar o uso de tratores, bem como a inserção de adubação química e o combate de doenças com venenos contaminantes. Esse modelo de agricultura intensiva resultou na descaracterização das paisagens locais, devido à necessidade de ampliação das áreas desmatadas, no empobrecimento dos solos e na redução da produtividade.

Essa agricultura com altos custos de produção levou ao abandono de grandes

² Termo que corresponde a produtos básicos globais não industrializados, ou seja, como são matérias-primas que não considera quem as produziu ou de sua origem, seu preço é uniformemente determinado pela oferta e procura internacional (Commodities. In: Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Commodity#cite_note-4-5

áreas de terra, o que enfraqueceu a ligação dos agricultores com suas terras, suas tradições e suas raízes culturais. Hoje a Chapada é formada por agricultores que tiveram suas experiências ancestrais corrompidas a partir da década de 1970 e que buscam não só reconectar com esses saberes para seguir produzindo, mas proteger o território de novas invasões colonialistas. Invasões que ressurgem com mais ênfase através das mineradoras que se instalaram nessas terras sem pedir autorização da população local para explorar, oferecendo benefícios capitalistas que irão mais desconstruir do que reconstruir.

O resultado desse impacto se releva ao visualizar o potencial do estado da Bahia em relação a produção de café que ocorre principalmente no Planalto, abrangendo os territórios da Chapada Diamantina, Vitória da Conquista e Brejões. Essas regiões se destacam por suas altitudes elevadas e clima ameno, condições ideais para a produção de cafés especiais. Atualmente, a Chapada Diamantina é o segundo maior território produtor da Bahia em área colhida, com 20.453 hectares destinados ao cultivo de café (Portal da Agropecuária UEFS, 2024). Segundo projeção da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), divulgada em janeiro de 2024, a Bahia ocupa a quarta posição no ranking nacional de produção, com aproximadamente 3,61 milhões de sacas de 60 kg, o que representa 6,2% da produção brasileira (EMBRAPA, 2024).

O estado da Bahia conta com 24 mil propriedades cafeeiras (IBGE, 2006), das quais 86% estão vinculadas a pequenos agricultores. As demais são de médios e grandes proprietários, sendo que, desse número, somente 5% apresentam áreas superiores a 100 hectares, concentradas no Oeste, onde a atividade é empresarial (EMBRAPA, 2024). Esses dados revelam que a maior força produtiva de café do estado está no âmbito da agricultura familiar, o que requer maior investimento no setor.

Seabra, onde está situada a sede da Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina – COOPERBIO, e também o campo de estudo desta pesquisa, ocupa a 14^a colocação na Bahia em área plantada com café arábica, totalizando 1.400 hectares. O município supera, inclusive, regiões tradicionalmente reconhecidas pela produção cafeeira, como Piatã, que possui 1.040 hectares. No entanto, quando se trata da produção efetiva de café, Seabra cai para 20^a posição no ranking estadual (EMBRAPA, 2024).

Nesse sentido, reconectar esses trabalhadores rurais com sua territorialidade

e ancestralidade é uma estratégia fundamental para garantir que permaneçam em seus territórios, bem como que reconheçam esse potencial econômico. Além disso, esse processo favorece a busca por soluções sustentáveis, de baixo custo, e baseadas no conhecimento agroecológico, contribui para fortalecer a relação do agricultor com sua terra e promover a sustentabilidade social e ambiental.

Nesse cenário, o mercado de cafés especiais, além de apresentar uma demanda crescente por parte dos consumidores, possibilita a obtenção de um valor mais justo para os agricultores familiares, que muitas vezes enfrentam dificuldades para acessar o mercado em larga escala (Saes, 2006). Essa potencialidade se alinha à realidade agrícola do Território da Chapada Diamantina — especialmente em municípios como Seabra —, onde predominam a produção de cafés especiais e orgânicos. Nessa região, a maioria das propriedades é conduzida por produtores de base familiar, o que reforça a relevância socioeconômica desse segmento produtivo (Bronzeri; Bulgacov, 2014; Santos, 2019).

Nesse sentido, o manejo agroflorestal praticado por agricultoras e agricultores da COOPERBIO configura-se como um saber tradicional capaz de garantir o equilíbrio entre produtividade, baixos custos de produção e a transição para sistemas agroecológicos. Além disso, representa uma forma de resistência e questionamento às práticas convencionais coloniais, impostas de maneira impositiva no contexto ambiental brasileiro.

A região da Churé, objeto deste estudo, está localizada a cerca de 15 km ao norte do município de Seabra – centro geográfico do estado da Bahia –, no território da Chapada Diamantina. Essa região concentra o maior número de comunidades rurais com áreas de cultivo de café em Seabra, apresentando um terroir³ peculiar que assegura a essência dos sabores e aromas característicos dos cafés de alta qualidade. Segundo dados da agente de saúde Natália Alves de Souza (comunicação pessoal, 24 de junho de 2024), essa comunidade conta com aproximadamente 130 residências e uma população de 500 habitantes. Na comunidade não há escola pública nem posto de saúde. O acesso a esses serviços ocorre, principalmente, na comunidade de Lagoa da Boa Vista, localizada a aproximadamente 3 km de distância. No início dos anos 2000, motivado pelo

³ Palavra francesa que designa um conjunto de terras exploradas por uma comunidade (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Terroir>)

financiamento do Banco do Nordeste para a implantação de novas lavouras de café na região, formaram-se, nos arredores da comunidade de Churé, loteamentos de áreas produtivas com tamanho mínimo de 1 hectare. Atualmente, essa área corresponde à maior extensão de café cultivado e é uma grande oportunidade para a agricultura familiar no município de Seabra.

Portanto, esta pesquisa tem o objetivo de estudar a prática do Sistema Agroflorestal com árvores nativas, nas unidades produtivas da COOPERBIO, como uma estratégia de transição para uma agricultura sustentável, produtiva e socialmente justa. A proposta visa analisar o Sistema Agroflorestal com árvores nativas como uma proposta de transição do modelo de agricultura convencional – imposto pelo sistema capitalista e consumista – para o processo de produção sustentável e agroecológica. Essa transição se apresenta como resposta à necessidade de superar a degradação do solo e a redução da produtividade, a partir da experiência de um grupo de produtores de café do coletivo COOPERBIO, no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina, Estado da Bahia.

As contribuições promovidas pela Revolução Verde viabilizaram o aumento da produção de alimentos e a inserção de tecnologias no campo. No entanto, essa modernização intensificou a exploração dos recursos naturais – como água, florestas, rios, solos – comprometendo a sustentabilidade dos ambientes produtivos (Hadic; Andrade, 2021).

Diante desse cenário, a baixa produtividade e as irregularidades dos índices pluviométricos despertaram nos agricultores o interesse por estratégias agrícolas baseadas em princípios orgânicos e agroecológicos. Entre as práticas adotadas destacam-se a manutenção de árvores nativas e plantio de árvores frutíferas, como a jaqueira e o abacateiro. O objetivo era criar microclimas favoráveis, que possibilita a renovação do solo, a conservação da biodiversidade, a maturação adequada dos grãos – essencial para a extração da essência de um café de alta qualidade – e, principalmente, o aproveitamento da umidade da chuva frente aos baixos índices pluviométricos.

Frente ao exposto, essa pesquisa revela-se relevante ao valorizar o saber tradicional de agricultores seabrenses no uso de árvores nativas para a produção de café, por meio do manejo agroflorestal. Tal prática, além de configurar-se como um ato contracolonial frente ao modelo de agricultura intensiva, representa uma concepção agrícola capaz de alinhar ampliação produtiva à conservação ambiental,

à redução de custos de produção e a agregação de valor a um produto cultivado de forma limpa e sustentável. Nesse sentido, “o saber agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir ‘com a natureza’” (Leff, 2002, p. 44).

Portanto, esta pesquisa justifica-se por investigar uma prática que se configura como forma de enfrentamento à imposição da agricultura convencional, implantada pela Revolução Verde, bem como ao pensamento coronelista ainda presente no contexto local. Além disso, o estudo aborda uma concepção agrícola que é ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justa. Destaca-se, ainda, seu caráter interdisciplinar, ao articular questões climáticas e ambientais, os saberes tradicionais, a catalogação de espécies arbóreas nativas e os princípios de uma agricultura sustentável.

Essas práticas partem da necessidade de os agricultores elaborarem estratégias de custo acessível – a agrofloresta, por exemplo – para enfrentamento dos problemas da instabilidade pluviométrica que tem afetado ano a ano a produtividade. Essa ação inicial leva os agricultores à busca por novos conhecimentos agroecológicos, como produção de insumos orgânicos, prática de podas programadas no sistema, inserção de matéria orgânica na fertilização e preservação dos solos, diversificação produtiva, etc.

Portanto, não é a partir das orientações dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que surgiram em 2015, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) como parte da Agenda 2030, que toda essa transformação de produção sustentável no território acontece. Esses atos de resistência contra a agricultura intensiva se iniciam entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Ou seja, as ODS dialogam com o que já se faz nos ambientes produtivos ligados à COOPERBIO. Em especial, destaca-se o ODS 2 – “Fome Zero e Agricultura Sustentável” –, por analisar o processo de produção agroflorestal e agroecológica do café, bem como os benefícios ambientais que esse tipo de manejo proporciona, como o aumento da produtividade, a recuperação da saúde do solo e a conservação da biodiversidade. Também se evidencia o ODS 10 – “Redução das Desigualdades” –, uma vez que o comércio justo de cafés especiais contribui não apenas para a valorização do trabalho dos agricultores familiares, mas também para a segurança alimentar, ao promover alimentos de qualidade produzidos de forma ética e sustentável.

Em relação ao ODS 4 – “Educação de Qualidade” –, observa-se que a cooperativa promove o desenvolvimento de um conhecimento coletivo agroecológico, no qual cada agricultor também se torna pesquisador e disseminador de saberes. Nesse contexto, destaca-se a importância de que os conhecimentos ambientais sejam debatidos de forma mais eficaz, crítica e contextualizada nos ambientes escolares.

Destaca-se ainda o ODS 15 – “Vida Terrestre” –, tendo em vista que as práticas agroecológicas incentivadas pelo manejo agroflorestal promovem o uso sustentável dos ecossistemas, contribuindo para a preservação da biodiversidade, da vida nos solos e dos recursos naturais coletivos.

Por fim, evidencia-se o ODS 16 – “Paz, Justiça e Instituições Eficazes” –, à medida que o cooperativismo, representado pela COOPERBIO, configura-se como uma instituição capaz de integrar e fortalecer a atuação conjunta de homens e mulheres na luta por políticas públicas que garantam inclusão, justiça social e justiça ambiental.”

Diante do contexto apresentado, levanta-se o seguinte questionamento, como problema de pesquisa: **“De que forma o uso do Sistema Agroflorestal com árvores nativas na cafeicultura pode se constituir como uma estratégia de transição para um modelo de agricultura sustentável, produtiva e socialmente justo?”**. Para responder a essa pergunta, o trabalho tem como *objetivo geral*: estudar a prática do Sistema Agroflorestal com árvores nativas, nas unidades produtivas da COOPERBIO, como uma estratégia de transição para uma agricultura sustentável, produtiva e socialmente justa. Com vistas a atingir o objetivo geral dessa pesquisa, foram propostos *três objetivos específicos*, a saber:

- Reconhecer, por meio de roda de conversa, os saberes dos agricultores e agricultoras da COOPERBIO sobre as potencialidades do uso de árvores nativas na produção agroflorestal de café na busca da sua certificação orgânica;
- Identificar espécies arbóreas nativas com potencial para compor o sistema agroflorestal na produção de café praticada pelos agricultores da cooperativa;
- Produzir um documentário que resgate a adoção do Sistema Agroflorestal com árvores nativas na produção de café no município de Seabra, localizado na Chapada Diamantina, Bahia.

Dessa forma, a fim de atender aos objetivos propostos, a presente pesquisa conta com a abordagem metodológica qualitativa e pesquisa-ação, considerando o lócus empírico definido enquanto os sistemas agroflorestais com árvores nativas na cafeicultura, a partir da vivência de um grupo de produtores de café vinculados à Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina diante do processo de fortalecimento do conhecimento agroecológico, que atuam na comunidade de Churé e seu entorno, no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina, Estado da Bahia.

Isto posto, empiricamente, esse trabalho pretende contribuir fornecendo elementos que relevam a relação dos saberes agroecológicos praticados nos ambientes produtivos da COOPERBIO com os saberes tradicionais, visando demonstrar como essa conexão apresenta-se como um ato de resistência contra a imposição colonialista de uma agricultura intensiva, invasiva e agressiva em relação à preservação dos recursos naturais.

Teoricamente, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão de como os conceitos de Colonialidade e o Capitalismo se inseriu impositivamente no território, silenciando os saberes tradicionais; como os sistemas agroflorestais consegue alinhar a produtividade, a viabilidade econômica e conservação ambiental, contribuindo para a melhoria da qualificação da vida dos homens e mulheres do campo; de que maneira o saber agroecológico e a educação do campo podem contribuir para fortalecer as raízes produtivas sustentáveis, solidárias, culturais, políticas, de inclusão social, de cooperativismo, de formação e gestão dos problemas e potencialidades territoriais; bem como de que maneira às organizações coletivas de cooperativas descentralizam a tomada de decisão; amplia o acesso e as possibilidades de mecanismos econômicos; de redução de custos; de agregação de valor ao produto; de aumento da produtividade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Capitalismo e a Colonialidade

“Durante séculos, o agricultor conseguiu produzir alimentos causando impactos negativos de pequenas proporções no ambiente, mas isso foi modificado com a nova proposta para a agricultura (principalmente dos países subdesenvolvidos), conhecida como Revolução Verde, que valoriza a indústria química e mecânica. Esse modelo foi apresentado como a solução

do problema da fome mundial, visando aumentar a produção de alimentos a partir do uso intensivo de insumos químicos, sementes melhoradas e mecanização das lavouras, e foi implantado no Brasil com forte investimento do Estado. Não há dúvida quanto à influência da modernização agrícola no aumento da produção mundial nas últimas décadas, porém, esse modelo degrada os recursos naturais dos quais a agricultura depende – o solo, a água e a diversidade genética natural.” (Krawulski, Cristina. 2016. P.8)

Na perspectiva do materialismo histórico (Hadic; Andrade, 2021) o financiamento para a concretização dessa Revolução Verde, partiu inicialmente das elites agrárias e industriais, que via na modernização, o desenvolvimento do capitalismo que assegura as relações de poder e posse das terras, através da exportação da matéria prima. Essa concentração de capital permitiu à burguesia dominar os processos de produção, bem como a ampliação da capacidade produtiva a partir de uma mão de obra assalariada, o que daria origem a sociedade capitalista e todas as articulações privadas e públicas que fortaleceriam esse sistema social.

Seguindo essa orientação de formação dos Estados-nação, década de 70, os governos militares brasileiros promovem o incentivo de políticas públicas a partir de Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultores Familiares e seus Empreendimentos (ATER) e Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), a implantação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), bem como investimentos em escolas e universidades de ensino técnico. Esses quatro investimentos serviriam de base para assegurar a extensão rural e a superprodução a partir da indução química e desenvolvimento de tecnologias para a produção de sementes em laboratório (Hadic; Andrade, 2017).

Vale ressaltar que nesse período os instrumentos de políticas públicas foram usados pelo Estado para disseminar, guiados pela elite financeira, os ensinamentos da Revolução Verde e de uma agricultura mecanizada, química e com defensivos altamente venenosos. Porém, observa-se que nos dias atuais a EMBRAPA tem cumprido um importante papel de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias para o campo. Como afirma a presidente da Embrapa, Silvia Massruhá, na comemoração de 50 anos da instituição “Começamos um novo ciclo, voltado para os próximos 50 anos. Nossa estratégia é baseada em três pilares: sustentabilidade (ambiental, econômica e social), inclusão (social, digital e produtiva), e vanguarda científica e institucional” (EMBRAPA, 2024).

É possível analisar também que na sociedade contemporânea o sistema de Assistência Técnica e Extensão Rural que tem financiados pequenos agricultores

como uma estratégia inclusão e desenvolvimento do campo; bem como os investimentos em Universidades de Ensino Tecnológico têm contribuído para a disseminação de técnicas agroecológicas que podem promover o desenvolvimento dos agricultores familiares.

No território do município de Seabra, Bahia, no contexto rural, essa manobra “civilizatória” foi pensada e implantada pelo Estado na década de 1970, por meio da política de financiamentos que apesar de promover a expansão da cafeicultura na região, não despertou novas percepções agrícolas, devido ao incentivo da prática de uma agricultura química e venenosa, a partir do processo de formação de Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultores Familiares e seus Empreendimentos (ATER). Esse pensamento autocrático tinha o objetivo de padronizar o conhecimento e valores ao etnocentrismo da elite capitalista, desconsiderando para isso, os saberes dos povos tradicionais como forma de justificar as práticas impositivas disseminadas pelo capitalismo diante do processo de formação de uma sociedade consumista.

O desenvolvimento e o colonialismo chegam subjugando, atacando, destruindo. Quando se introduz o desenvolvimento em espaços onde o povo vive do envolvimento, quando modos de vida são atacados, quando o envolvimento é atrofiado, inviabilizado e enfraquecido, vai haver reação. (Bispo, p. 63, 2023)

Portanto, o colonialismo invade nosso território de forma impositiva, assim como os colonizadores fizeram, se colocando com algo revolucionário, apresentando uma receita pronta de desenvolvimento. No entanto, é relevante compreender que os autores dessa receita são pessoas que não convivem e nem vivenciam as dores desse povo. Não sejamos ingênuos, pois eles sempre tiveram interesses próprios e, por isso, apresentou algo sem brecha para contestação devido ao resultado previamente planejado: a garantia de matéria prima para alimentar o mercado capitalista.

Como aponta Moreira (2020, p.4) “Essa visão “civilizatória” justificou a ação tutelar do Estado e das elites locais junto à população sertaneja, considerada uma massa de analfabetos, miseráveis, e inaptos a pensar”. Isso contribuiu para a descaracterização e negação dos elementos e saberes do sertão que compõem a identidade sertaneja. Essa prerrogativa dissemina a ideia de que o sertão é uma região desprovida de conhecimentos técnicos e científicos, capazes de encontrar

soluções de convivência com o semiárido, alimenta ainda mais o discurso desenvolvimentista que por meio da invasão das áreas de exploração promove o avanço do capital e a degradação por meio da agricultura em larga escala. Nesse discurso a população local, além de ser violada ambientalmente e culturalmente, participa como mão de obra que precisa ser “salva do semiárido” através de práticas técnico-científicas eurocêntricas.

A obra *Sertões Contemporâneos: Rupturas e Continuidades no Semiárido*, de Gislene Moreira (Moreira, 2020), oferece uma análise crítica sobre a permanência e transformação das estruturas de poder nos sertões nordestinos, com destaque para a persistente influência dos coroneis. Para a autora, embora as mudanças políticas e sociais, muitas práticas associadas ao coronelismo tradicional ainda permanecem, adaptando-se às novas realidades econômicas, institucionais e tecnológicas.

Nesse contexto, a influência dos coronéis — grandes latifundiários cafeicultores — foi determinante para o silenciamento de saberes tradicionais dos povos da Chapada Diamantina, especialmente no que se refere às práticas agrícolas historicamente desenvolvidas pelas comunidades locais. Por serem os detentores legais da terra, com documentação formal que assegurava a posse, esses proprietários foram os primeiros a acessar os financiamentos do Instituto Brasileiro do Café (IBC), a partir da década de 1970. Foram também os primeiros a adotar o uso de agrotóxicos e outras tecnologias recomendadas por agentes técnicos, com a justificativa de reduzir os custos com mão de obra e garantir a manutenção de grandes lavouras sob seu controle. Assim, observa-se que a política agrária e os modelos técnicos adotados contribuíram para a subordinação dos conhecimentos locais, ao mesmo tempo em que promoveram a homogeneização do uso da terra, gerando impactos sociais, culturais e ambientais profundos.

Essa adoção de práticas agrícolas tecnificadas, como o uso de agrotóxicos e adubos químicos, foi incentivada por políticas de modernização da agricultura, com o argumento de reduzir os custos com mão de obra e aumentar a produtividade. Essa lógica produtivista reforçou a concentração de poder no campo, beneficiando os grandes proprietários e influenciando também os médios cafeicultores, que viam nos coroneis um modelo de sucesso a ser reproduzido. Portanto, a modernização agrícola, longe de promover uma democratização do acesso aos recursos produtivos, aprofundou desigualdades históricas e consolidou práticas excluientes no meio rural.

Esse processo resultou em dois efeitos centrais. Primeiro o silenciamento dos saberes tradicionais e práticas agroecológicas dos povos originários e comunidades rurais da região, cujas formas de cultivo estavam profundamente conectadas com o equilíbrio ambiental. Segundo a degradação dos ambientes produtivos, com aumento do uso de insumos químicos, desmatamento de matas nativas e alteração significativa das paisagens seabrenses, marcadas pela expansão desenfreada da monocultura.

Este mesmo sertão é o lugar dos “potentados” da colônia e “coronéis” do Império e da República, onde as lutas pelo “mando político” chegaram “a provocar verdadeiras guerras” [...] Ora, conforme Queiroz, o coronel extraía seu poder da riqueza, da parentela e do carisma, numa sociedade fortemente hierarquizada. Difícil imaginar uma sociedade coronelística onde a “desigualdade social” fosse “pouco acentuada” (Lima, 2022, p.313).

Esse pensamento contribuiu para a vinculação da visão de que o desenvolvimento da economia local estava sempre atrelado a uma ação vertical vinda de cima para baixo, de fora para dentro, trazido pelo poder público, pelos coronéis ou políticos, e não a partir de ações construídas e pensadas por membros da própria comunidade para atender as demandas coletivas locais. Um bom exemplo disso é a implantação da SUDENE⁴, a partir da década de 1960, que se insere impositivamente no contexto dos diversos territórios brasileiros como um modelo pronto e padronizado de transformação. O capitalismo invade as comunidades pregando a competitividade, ao tempo que violam as identidades e desestrutura a característica de solidariedade presente nas comunidades do interior (Pereira, 2022).

Ah! Após essa pandemia⁵,
 Quero desenferrujar os sorrisos!
 Lubrificar os gritos de protestos!
 Deixem que dizem que eu não presto!
 Quero mastigar bem mastigadinho,
 Ruminar devagarinho,
 Cada caldo quente de coronel.
 Esse gole de carquejo,
 Esse amargo beijo...
 Encarar esses senhores de gravatas, sem chapéus.

⁴ A missão institucional da Sudene é de "promover o desenvolvimento incluente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional" Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. In: WIKIPEDIA. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Superintend%C3%A7%C3%A3o_do_Desenvolvimento_do_Nordeste

⁵ Poema foi iniciado antes da pandemia, porém, finalizado após esse período o qual as causas e consequências dialogam com a temática expressa no poema.

Depois fazer de cada paletó de linho branco,
 Pano de chão.
 Torcer toda sujeira,
 Espanar toda a poeira
 Para dentro das conchas do Planalto.
 Entrincheirar os senhores da ganância...
 Encurralar todos no Palácio
 E dizer: mãos para o alto!
 Aqui quem fala é o povo! (Santos, 2020)

Esse contexto social inviabiliza as populações do campo de encontrar soluções locais de desenvolvimento, como a Economia Popular Solidária, que se apresenta como uma estratégia para desarticular modelos econômicos impositivos, como o sistema capitalista, para articular um sistema econômico construído de forma coletiva a partir de pesquisa, tecnologia e estratégias comerciais, para fortalecer economicamente um coletivo (Lima, 2022).

Tal pensamento autocrático tinha o objetivo de padronizar o conhecimento e valores ao etnocentrismo da elite capitalista, desconsiderando para isso, os saberes dos povos tradicionais como forma de justificar as práticas impositivas disseminadas pelo capitalismo diante do processo de formação de uma sociedade consumista. A desvalorização dos saberes das comunidades regionais através da inserção de um pacote de práticas que pudesse ser replicado em diferentes regiões passa um rolo compressor nos saberes comunitários tanto quanto à natureza das práticas agrícolas quanto aos impactos que dele atingem o território, pressupondo que os impasses socioambientais não poderiam ser superados pela população, que nesse contexto foi desestruturada tanto em recursos quanto em seus próprios saberes para o enfrentamento das questões locais.

Essa dependência com o sistema econômico capitalista e a ausência de vínculos com a sua territorialidade ou falta de pertencimento com a elaboração de estratégia de superação dos problemas locais, contribuiu para concentrar as populações sertanejas nas cidades, pois o surgimento das indústrias exigia da cultura consumista a ampliação da produtividade. Algo que seria viabilizado com todo o conhecimento tecnológico adquirido na Segunda Guerra Mundial pela indústria bélica que necessitava, com o fim da guerra, redirecionar esses saberes que não só mecanizaram a agricultura como também a tornou mais química por meio de sementes, fertilizantes e herbicidas venenosos (Hadic; Andrade, 2021). Tais tecnologias, impulsionadas pela Revolução Verde, não só desarticularam a sustentabilidade das unidades produtivas a partir da imposição de um único modelo

de manejo agrícola, mas também inviabilizam as práticas tradicionais (Hadic; Andrade, 2021).

Essa realidade histórica está atrelada ao fato de que todo Estado-nação se constitui com base numa estrutura de poder através do controle e da imposição violenta social, bem como a partir do silenciamento da diversidade cultural, étnica, política, de gênero, para viabilizar uma totalidade unificada num padrão eurocêntrico. Nesse contexto, observa-se que o controle do mercado mundial pela Europa foi adquirido através da invisibilização dos demais saberes com o objetivo de centralizar o poder do capital através das estratégias de dominação de outras nações por meio da colonização de novas regiões, a exploração das terras e dos povos. (Quijano, 2005)

Portanto, observa-se que as políticas públicas têm um relevante papel na implantação e disseminação de práticas agrícolas capazes de transformar, principalmente a realidade dos agricultores familiares, a partir de investimentos na agricultura agroecológica, sustentável e produtiva. Obviamente que na prática essa realidade depende de dois fatores determinantes: a percepção política de transformação social do poder executivo e legislativo; as formas de organizações coletivas da sociedade para cobrar e promover a elaboração de políticas públicas para os grupos menos favorecidos.

Dessa forma, torna-se relevante reconhecer e fortalecer iniciativas inovadoras que buscam romper com o legado do colonialismo, bem como investir em ações coletivas e políticas culturais capazes de promover a resistência e a transformação do semiárido. Tais iniciativas devem desafiar as estruturas historicamente estabelecidas, viabilizando alternativas fundamentadas na solidariedade, na agroecologia e na valorização dos saberes e das culturas locais.

2.2 Sistemas Agroflorestais com Árvores Nativas: uma Prática Agroecológica que Promove a Justiça Ambiental

Os sistemas agroflorestais (SAFs)⁶, na concepção agroecológica, propõe subverter uma ruptura com o modelo dominante da agricultura intensiva. Essa

⁶ SAF são sistemas de uso da terra que envolvem deliberada retenção, introdução, ou mistura de árvores ou outras plantas lenhosas perenes nos campos de cultivo ou produção animal, que se beneficiam dos resultados das interações ecológicas e econômicas. (NAIR, 1984)

perspectiva busca integrar o uso agrícola da terra – seja com por meio de culturas vegetais ou de criação de animais – com a manutenção de espécies arbóreas florestais na mesma área produtiva. Esse tipo de manejo tem o objetivo central de conciliar a produtividade, a viabilidade econômica e conservação ambiental, contribuindo para a melhoria da qualificação da vida dos homens e mulheres do campo.

Essa proposta visa fomentar o desenvolvimento da atividade agrícola em ambientes produtivos por meio de uma combinação equilibrada de elementos que atendam às necessidades nutricionais, hídricas, luminosas e espaçamento das espécies cultivadas. Tal equilíbrio possibilita a redução da dependência de insumos externos, além de garantir segurança alimentar e econômica tanto para quem produz quanto para quem consome (Franco, 2021). O sistema de manejo agroflorestal contribui significativamente para a preservação de três elementos naturais fundamentais à manutenção da vida: a biodiversidade, os recursos hídricos e os solos. Nesse sentido, torna-se necessário articular o manejo agroecológico com os princípios da ecologia política — ou, como propõe Foladori (2001, apud Loureiro; Layrargues, 2013, p. 56), uma política ecológica de desenvolvimento rural — que compreenda a natureza não apenas como fonte de recursos, mas como condição indispensável à existência humana.

Somente por meio dessa perspectiva será possível construir uma sociedade ambientalmente justa, capaz de desenvolver alternativas de convivência produtiva com o meio ambiente, que sejam economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Trata-se da constituição de um coletivo social crítico, apto a reconhecer os reais responsáveis pela degradação ambiental em larga escala, sem transferir essa responsabilidade para minorias historicamente marginalizadas, como os trabalhadores rurais, os grupos étnico-raciais discriminados e as mulheres. A degradação ambiental é fruto de um modelo de sociedade de consumo, capitalista e centralizador, imposto dos centros para as periferias. Nesse processo, os que mais sofrem com os impactos ambientais são justamente os grupos social e economicamente vulneráveis.

[...] justiça ambiental pode ser entendida como um conjunto de práticas organizadas de agentes sociais que se encontram na condição de expropriados e que defendem politicamente projetos societários anticapitalistas, estando pautadas por princípios como: equidade na distribuição das consequências ambientais negativas, de forma que nenhum

grupo social, étnico ou de classe suporte uma parcela desproporcional dessas consequências; justo acesso aos bens ambientais do país; amplo acesso às informações relevantes sobre as atividades poluentes, tais como o uso dos recursos naturais, o descarte de seus rejeitos e a localização das fontes de risco; fortalecimento e favorecimento da constituição de sujeitos coletivos de direitos, isto é, de movimentos sociais e organizações populares capazes de interferirem no processo de decisão da política e da economia (Loureiro; Layrargues, 2013, p.63/64).

A justiça ambiental se contrapõe a lógica de que a natureza é mercadoria e que a desigualdade, o acesso aos bens da natureza em relação as consequências do capitalismo sobre a natureza se abatem sobre as populações da mesma forma, para se ter justiça ambiental é preciso que se tenha uma equidade não só do acesso aos bens, mas também uma equidade no acesso as consequências da utilização da natureza.

Esse movimento de justiça ambiental além de se opor a vertente conservadora que desconsidera as relações socioculturais e sustentáveis, invisibiliza os conflitos socioambientais, pois são incapazes de fortalecer os processos políticos em prol do desenvolvimento ecológico inclusivo em relação ao uso e acesso aos bens ambientais disponíveis.

Se tratando dos ambientes produtivos de Seabra-BA, no território da Chapada Diamantina, observa-se em relação a biodiversidade que a degradação e a queimada de grandes áreas de floresta para a implantação de uma agricultura intensiva têm deixado em risco a manutenção de espécies animais e vegetais, bem como a sobrevivência dos povos locais que dependem dos ambientes produtivos ambientalmente equilibrados e produtivos. Sobre os recursos hídricos percebe-se uma irregularidade nos períodos de chuva que tem afetado não só a produtividade dos cafés e a qualidade dos grãos, mais também o empobrecimento dos solos desprotegidos de matéria orgânica.

“A vida no solo depende essencialmente da matéria orgânica. Esta pode ser: folhas mortas, raízes mortas, palha deixada pelas culturas, excreções radiculares, micro-organismos vivos e mortos, dejeções de animais de todo porte, excreções de micro-organismos, tóxicos e desintoxicantes produzidos por raízes e fungos e, por último, defensivos orgânicos.” (Primavesi, 2016, p.80)

Em relação a conservação e vida nos solos, Primavesi (2016) afirma que quando a matéria orgânica entra nesse estágio serve de alimento que regula o equilíbrio da vida no solo. A redução da matéria orgânica ou do retorno dela à terra

acarretará o esgotamento desse solo e a multiplicação de pragas e doenças, além de uma maior incidência de efeitos negativos dos ventos, a compactação e aquecimento dos solos. Segundo Bispo (2023, p. 55) “Joga-se veneno no inseto, ele morre, mas morre também o animal que se alimenta do inseto”, o que irá contribuir para o surgimento de novas pragas, ocasionando um desequilíbrio ecossistêmico. Para Primavesi (2016) um solo equilibrado, onde todas as espécies têm as mesmas oportunidades de acesso, não existe competição, e sim a diversificação de alimentos que além de assegurar uma temperatura mais amena e a umidade, viabiliza um equilíbrio aos organismos ali presentes.

Segunda a autora, sobre o ecossistema nativo, na floresta existe uma vegetação diversificada o que previne o surgimento de pragas. Existe um microclima, pois as árvores impedem que a luz solar possa alcançar diretamente o solo. O solo é protegido por folhas mortas e vegetação viva o que viabiliza a infiltração de água e a possibilidade de as raízes das plantas inseridas no sistema se alimentarem da matéria orgânica decomposta pelos microorganismos. Os efeitos negativos dos ventos são nulos, pois as árvores formam uma espécie de barreira protetiva.

Nesse sentido, quando o agricultor faz a retirada total da vegetação nativa para inserir qualquer tipo de agricultura, reduz significativamente os níveis de água dos lençóis freáticos subterrâneos, responsáveis pela manutenção dos rios. Além disso, com o solo descoberto, os efeitos negativos como o ressecamento da terra pela ação do vento, a erosão, a evaporação devido à alta incidência de luz solar, irá aos poucos, impossibilitar a presença de organismos vivos nesse ambiente.

Assim, é preciso planejar e incentivar financeiramente por meio de políticas públicas ecológicas uma agricultura capaz de produzir alimentos, preservando os recursos disponíveis da agricultura tradicional, mas também utilizando os conhecimentos e métodos ecológicos modernos. A proposta é viabilizar a prática da ciência da agroecologia, definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no processo de manejo de agrossistemas sustentáveis (Gliessman, 2000).

Para isso é preciso a formação de agricultores que buscam a partir da regeneração e renovação dos solos e dos microrganismos, da preservação da biodiversidade, da preservação dos recursos naturais, se relacionar com o seu ambiente produtivo como um elemento que trabalha em parceria com os elementos naturais para viabilizar um ecossistema vivo, sustentável e produtivo.

Portanto, a Educação Ambiental Crítica é o caminho para viabilizar a transformação social, ambiental e política a partir de três situações pedagógicas:

- 1) efetuar uma consistente análise da conjuntura complexa da realidade a fim de ter os fundamentos necessários para questionar os condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geram a desigualdade e os conflitos ambientais;
- 2) trabalhar a autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista;
- 3) implantar a transformação mais radical possível do padrão societário dominante, no qual se definem a situação de degradação intensiva da natureza e em seu interior, da condição humana (Loureiro; Layrargues, 2013, p.2013).

Nesse sentido, o processo de desarticulação da crise ambiental se inicia a partir de uma análise profunda das realidades e desigualdades ambientais, as exclusões sociais históricas, os conflitos ambientais, a compreensão reflexiva dos elementos que contribuem para o desenvolvimento da dicotomia da opressão e dominação, a padronização etnocêntrica que exclui todas as formas de organizações sociais e políticas dos povos tradicionais. Enfim, a sistematização de uma política Ecológica capaz de promover, seja nos espaços formais ou informais de conhecimento, uma Educação Ambiental Crítica que viabilize a justiça ambiental.

2.3 Saber Agroecológico e Educação do campo: o exemplo da COOPERBIO em Seabra/BA e os processos educativos.

A II Conferência Nacional de Economia Solidária (Conaes, 2010) teve como tema: “O direito às formas de organização econômica baseadas no trabalho associado, na propriedade coletiva, na cooperação e na autogestão, reafirmando a economia solidária como estratégia e política de desenvolvimento”. Essa conferência já demonstrava o desejo e necessidade de dialogar sobre um novo modelo capaz de assegurar o desenvolvimento econômico sustentável e inclusivo (Alves, Silva, Barreto, 2022). Essa preocupação com o tema é devido ao fato de já se perceber as consequências negativas do modelo de desenvolvimento imposto pelo capitalismo.

Desse modo, observa-se que o caminho a ser seguido pela sociedade contemporânea para refrear esses efeitos negativos é a inter-relação da economia solidária, a agricultura familiar e a agroecologia. Essa integração irá viabilizar a elaboração de um projeto de base popular de modo a fortalecer as raízes produtivas

sustentáveis, solidárias, culturais, políticas, de inclusão social, de cooperativismo, de formação e gestão dos problemas e potencialidades territoriais, de modo a qualificar os homens e mulheres do campo na administração de suas propriedades e do desenvolvimento local.

Tais estratégias agem como contra colonização ao modelo capitalista de desenvolvimento econômico, caracterizado pelo processo de centralização financeira do capitalismo colonial, afinal, todo ato de colonizar já é por si só impositivo, autocrático. Como diz Antônio Bispo (2023), o primeiro ato do colonizador é desterritorializar o povo colonizado, desarticulando-lhe sua identidade, na tentativa de fragilizar uma organização coletiva, silenciando memórias, impondo novos modelos de vida padronizados ao que interessa ao colonizador.

“A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” (Singer, 2002, p. 9).

Nesse sentido, Singer (2002) aponta que a economia solidária representa o movimento da diversidade econômica e social, capaz de, além de beneficiar todas as classes econômicas envolvidas no processo de interação financeira, contribuir para a construção de saberes coletivos de autogestão, cooperação, reciprocidade, valorização da diversidade cultural e ambiental; uma vez que, segundo o autor, a economia solidária é mais cooperativa e menos competitiva.

A intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, no sentido de promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana (Molina e Freitas, 2011, p. 8).

Portanto, torna-se relevante a elaboração e implantação planejada de um projeto político pedagógico decolonial para as escolas do campo, de modo a se construir coletivamente estratégias capazes de conectar os sujeitos do campo com sua ancestralidade, de viabilizar a formação contra-hegemônica e integral dos homens e mulheres do campo, de modo que esses trabalhadores sejam

protagonistas no processo de transformação individual, social, econômica, cultural e política no território no qual vivem, atuam, resistem, persistem, constroem, plantam, colhem, qualificam, transformam.

Como apresenta Molina e Freitas (2011), a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas. Esse tipo de educação enfatiza a relevância do acesso ao conhecimento e à garantia do direito à escolarização para essas populações, buscando atender suas realidades e necessidades de lutas específicas. Portanto, seu objetivo é promover uma educação integral capaz de formar o indivíduo na sua peculiaridade ancestral, tradicional, cultural e no modo de vida rural.

Essa proposta visa adaptar os currículos às realidades locais, considerando a diversidade de atividades agrícolas, artesanais e culturais, e, ao mesmo tempo, proporcionar a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Além disso, tem como princípio a busca pela melhoria da qualidade de vida nas áreas rurais, assegurando o acesso a uma educação interdisciplinar que respeite e amplie as potencialidades da agricultura sustentável, a preservação do meio ambiente e o fortalecimento das comunidades rurais, bem como incentivar o desenvolvimento de práticas e saberes que permitam a construção de um futuro mais equilibrado e justo para todos.

“A interdisciplinaridade, portanto, deve ser entendida não somente como um método integrador e sim como uma alternativa transformadora para os paradigmas atuais do conhecimento; o diálogo entre as ciências, tecnologias e saberes populares, sendo então, um método produtor de novos conhecimentos. Deve ser entendida como uma estratégia capaz de reintegrar o conhecimento para aprender uma realidade complexa (Leff, 2002, p.44)

Foi-se o tempo em que os povos marginalizados do campo se contentavam somente em demonstrar atos de resistência. Na sociedade contemporânea, só resistir não basta, agora é preciso ir além, conquistar novos territórios, novas rodas de diálogos, elaborar estratégias próprias de transformação a partir do que já sabemos do saber ancestral e do que podemos aprender, através do acesso à terra e à liberdade de experienciar, pesquisar, plantar o que queremos colher com o manejo que quisermos adotar e, não plantar o que o mercado capitalista quer que a gente plante a partir de receitas caras e prontas para atender os interesses do mercado internacional.

Observa-se historicamente que a prática agroecológica, além de ser interdisciplinar, procura valorizar os saberes tradicionais de manejo dos ambientes produtivos e dos ecossistemas, viabilizando a ressignificação da interação dos agricultores e agricultoras com a natureza diante da produção de alimentos, a observação de respostas produtivas, a adaptação dos camponeses às mudanças climáticas e às características do bioma da Chapada Diamantina. Logo, observa-se que a realidade vivenciada e experimentada pelos agricultores e agricultoras é um referencial mediador na produção de conhecimentos ecológicos e sustentáveis. Portanto, como orienta Altieri (2012), o conhecimento agroecológico se baseia em princípios como o diálogo de saberes, práticas sustentáveis na agricultura, a interconexão ecossistêmica e métodos participativos elaborados a partir do saber empírico e científico.

Sou livre! Livre! Ouviu?
 Não viverei escravo desse sistema!
 Não jogarei seu jogo, coronel!
 Sua patente não passa de um bilhete de papel.
 Não me curvarei diante de sua compostura... escura.
 Para sua ditadura
 Sou um balde de água fria ou... bacia.
 Sou a ira do povo na tomada da Bastilha.
 Sou o líquido salgado que cerca a tua ilha.
 O cerco! Sou o cerco
 Que reduz seu território, sou notório.
 O caminho estreito, o beco.
 O grito que ecoa no teu ego cego, manifesto.
 Eu Revolução! No campo ou na cidade.
 Sou Igualdade, justiça e fraternidade.
 A dor interminável que desconstrói
 O teu discurso arcaico, sou sensato.
 Eu Revolução! Re-vo-lu-ção!
 Em cada gota de lamento, parlamento.
 Sou feminina contra tua nobre nobreza.
 Sou de fé, menina! Sou francesa.
 (Santos, 2020, p.24)

Nesse contexto, quando o saber tradicional coletiviza-se para atender uma realidade vivida pelos sujeitos do campo; quando o saber tradicional sistematiza-se coletivamente para potencializar os recursos locais e qualificar o processo produtivo; quando ocorre a interação desses indivíduos com saberes tradicionais e científicos produzem novos conhecimentos para a superação de problemáticas reais e locais; quando homens e mulheres do campo compreendem que existem mercados justos que valorizam alimentos produzidos de forma limpa e sustentável, aproveitando e

qualificando as potencialidades ambientais; esses sujeitos estão contribuindo significativamente e participando de forma autogestionária diante da produção e disseminação dos saberes agroecológicos, além de estarem criando uma estratégia de proteção da sua territorialidade.

Sobre autogestão, pressupõe-se “a posse dos meios de produção da vida social e, por conseguinte, o controle coletivo e soberano das relações que os grupos sociais estabelecem com a natureza e entre si no processo de produção da existência humana” (Tiriba, 2008, p. 83). Logo, uma organização trabalhista associativa autogestionária controla coletivamente a cadeia produtiva, o uso ético dos recursos naturais necessários e participa das ações e tomadas de decisão que envolvem seus participantes.

A cooperação, elemento central na concepção da Educação do Campo, pressupõe uma cultura autogestionária, que busca formar sujeitos capazes de atuar como trabalhadores e gestores de seus próprios processos produtivos. Esse modelo rompe com a lógica fragmentadora imposta pelo capitalismo, que historicamente separa quem planeja de quem executa, quem planta de quem comercializa, e define arbitrariamente onde se pode plantar e quem tem direito de consumir. Tal lógica tem contribuído sistematicamente para a desvalorização dos territórios rurais e a supervalorização dos espaços urbanos (Molina e Freitas, 2011).

Freire (2005), ao mencionar o termo da educação bancária, em que o conteúdo é descontextualizado, sugere a atuação de uma escola comprometida com a formação de uma sociedade sem pertencimento, desconectada com os modos de vida, sem envolvimento com a realidade. Assim, o autor questiona sobre a necessidade de superar o autoritarismo pedagógico que transmite somente conhecimentos exógenos, sem considerar a peculiaridade dos saberes locais e ancestrais.

Portanto, é preciso desenvolver estratégias de contracolonização, como aponta Bispo (p. 36, 2023): “É você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender”. Nesse sentido, o caminho mais consistente e estratégico é por meio da institucionalização da Escola do Campo, de modo a criar uma rede de proteção de nosso território, ao contribuir com a formação de camponeses e camponesas, o sentimento de identificação com seu território de atuação, de modo que possam mapear as problemáticas e criar soluções economicamente viáveis que tenham o objetivo de qualificar a vida dos que vivem no

campo. Deste modo, estarão se formando sujeitos conectados, criativos, transformadores.

Nesse sentido, observa-se que as escolas do campo precisam assumir uma postura decolonial, de modo a despertar nos educandos a necessidade de auto-organização, de fortalecimento do convívio coletivo, da análise consciente da realidade, da corresponsabilização crítica com as problemáticas locais, da tomada de decisão e, principalmente, da ação prática diante da necessidade de resolução de problemas coletivos. Essas estratégias de interações pautadas mais na coletividade e menos no individualismo certamente irão contribuir para a formação de sujeitos mais autônomos, solidários, intertextuais e dinâmicos, dentro e fora da escola (Molina e Freitas, 2011).

“Essa apropriação de modelos teóricos, pedagógicos e tecnológicos que pouco dialogam com o semiárido é uma constante. Isso acaba gerando ambientes de aprendizagem que promovem sertões conectados tecnologicamente, mas “desterritorializados”, sem conexão com sua realidade (Moreira, 2020, p. 8).

Assim, deve-se buscar uma proposta pedagógica que possa ser inserida nos espaços educativos, com o objetivo de viabilizar uma valorização dos saberes tradicionais locais, bem como permitir ao sujeito mapear os problemas enfrentados pelo seu povo a partir de inferências históricas e também pesquisar técnicas e tecnologias viáveis e disponíveis em seu território para promover transformações ecológicas e produtivas que ele e sua comunidade necessitam.

Por escolas decoloniais entende-se o ambiente de ensino-aprendizagem que constitui território pedagógico vivo e ativo na transformação e na construção de uma nova história nos sertões, buscando constantemente fomentar rupturas com os modelos pedagógicos conservadores; que se compromete com a valorização das lutas e saberes dos povos tradicionais; e que tem currículo permeado pela leitura crítica do mundo e por práticas de solidariedade e diálogo com a realidade local. (Moreira, 2020, p.9)

Para isso, a formação dos professores necessita partir da ideia de interações mais horizontalizadas que viabilizem as potencialidades criativas de cada indivíduo nas relações com a sua formação histórica, a sua comunidade, a sua sociedade, o seu mundo (Moreira, 2020). Nesse processo, a prática de metodologias ativas nos espaços escolares contribui para estabelecer uma conexão entre esse espaço formal e os saberes ancestrais dos povos tradicionais e a identidade local contemporânea historicamente constituída.

Porém, como aponta Moreira (2020, p. 9), “para conectar a nova escola sertaneja ao mundo, faz-se necessário reconectá-la com o território onde está inserida”. Nessa dinâmica, as vozes dos povos tradicionais, historicamente e violentamente silenciadas, precisam ter a oportunidade de ecoar para participar desse jogo de lutas sociais diante do enfrentamento das múltiplas crises instaladas pela sociedade do consumo, a partir da necessidade da transformação de uma sociedade mais igualitária, inclusiva, sustentável.

Molina e Freitas (2011) apontam como desafio para a educação do campo planejar e desenvolver uma formação contra-hegemônica, de modo a viabilizar um projeto de educação e político de transformação e formação integral, liderado pela classe trabalhadora, ou seja, uma proposta capaz de pensar na transformação social a partir das perspectivas dos povos marginalizados, das comunidades do campo, das aldeias, dos quilombos, das periferias, das florestas, das águas, de modo que a autoformação humana possa, simultaneamente, transformar o mundo. Para isso, comprehende-se que os professores envolvidos diretamente e indiretamente no processo de ensinar e produzir materiais pedagógicos necessitam dialogar com os saberes e fazeres dos povos tradicionais, a fim de interpretar a realidade e de transformá-la de maneira crítica e contracolonial.

Uma escola que também prioriza a Educação Ambiental, que, segundo Leff (2001), precisa ser inserida nos espaços educacionais de modo a viabilizar a formação de um pensamento não reproduutor dos modelos tradicionais, mas crítico e criativo, capaz de identificar a relação entre os processos naturais e sociais, compreendendo que a nossa atuação no ambiente deve pensá-lo como um bem coletivo e global, e por isso, é necessário respeitá-lo diante das diversidades socioculturais.

Portanto, a epistemologia do saber agroecológico se constitui enquanto conhecimento científico considerando os diferentes saberes, ao tempo que também questiona a produção científica predominante ligada ao pensamento capitalista e desenvolvimentista como o agronegócio. A importância da agroecologia serve também para a implantação de políticas públicas que viabilizem o incentivo de um modelo de agricultura ambientalmente correto, economicamente viável e sustentavelmente produtivo. Contribui ainda na luta pela segurança alimentar, proteção dos ambientes degradados pelo capitalismo, a luta pelo direito à terra (GUHUR, SILVA, 2021).

Para se pensar num planejamento para sistematização da Educação do Campo, a proposta necessita estar alinhada com o processo de produção agroecológica, a economia solidária e a emancipação dos agricultores e agricultoras. Essa modalidade de ensino nasce do processo de luta dos movimentos sociais para resistir ao modelo de desenvolvimento econômico hegemônico e capitalista que sempre valorizou os grandes produtores de terras e os detentores do capital. Assim, a Educação do Campo surge para construir um modelo de desenvolvimento econômico que potencialize os diversos sujeitos sociais do campo (Molina e Freitas, 2011).

Segundo Molina e Freitas (2011), a Educação do Campo valoriza os processos culturais, estratégias dialógicas de socialização e as relações de trabalho vivenciadas pelos camponeses e suas lutas para reafirmar diariamente seu território e sua identidade social, cultural, agrícola, política, acesso ao conhecimento, direito à escolarização. Enfim, promove a formação de um sujeito capaz de reconhecer e lutar pela preservação de sua territorialidade e de sua ancestralidade.

Nesse contexto, a educação contribui para a formação de um sujeito interdisciplinar, capaz de estabelecer inter-relações com o saber popular, conectando-o com sua ancestralidade, sua realidade e a possibilidade de ressignificar e criar novos mundos. Ou seja, trata-se de um ato decolonial que democratiza o acesso ao poder e à fala no processo de construção de conhecimentos e da vida material. Freire (1996) fala de uma nova escola que realiza novos processos educativos capazes de promover a formação crítica e consciente de sujeito que questiona, investiga, age conscientemente sobre a sua realidade com o objetivo de transformá-la.

Por fim, o que a sociedade contemporânea necessita hoje são de sujeitos transformadores, ou seja, uma democratização que viabiliza não somente o acesso, mas também a construção de conhecimentos capazes de superar a visão colonialista e capitalista de hierarquização dos saberes que, devido à necessidade de validação, sempre inferioriza os saberes dos povos tradicionais. Os espaços educacionais necessitam modernizar os recursos didáticos educacionais, de modo a promover o diálogo entre os diversos saberes, bem como mediar as tensões que envolvem os diversos sujeitos diante do processo de produção de conhecimentos decoloniais (Molina e Freitas, 2011).

2.4 Contracolonização do saber agrícola colonial, disseminação de saberes agroecológicos e a adoção de uma Economia Popular e Solidária

[...] a descolonização da sociedade é a pressuposição e ponto de partida, está agora sendo arrasado no processo de reconcentração do controle do poder no capitalismo mundial e com a gestão dos mesmos responsáveis pela colonialidade do poder. Consequentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos. (QUIJANO, 2005, p. 138/139)

Um dos maiores desafios da sociedade, da escola e da universidade é compreender, como aponta Costa Neto (2016), que o pensamento decolonial sugere desvincular-se dos pensamentos coloniais inseridos impositivamente nos povos colonizados que tiveram suas culturas e identidades violadas por um sistema opressor. Portanto, o autor refere-se à viabilização do ecoar de vozes, experiências vivenciadas e sistematizadas localmente, historicamente silenciadas pelo colonialismo.

A proposta não é apagar o pensamento europeu das sociedades colonizadas, mas reconstruir os saberes tradicionais desarticulados socialmente pelo (neo) colonialismo. Esse processo de contracolonização tem a finalidade de questionar a continuidade dos elementos que alimentam a ressignificação do pensamento colonialista. Para isso, busca-se desarticular os diversos tipos de opressão, por meio da articulação interdisciplinar da cultura, da política, da economia, dos saberes tradicionais, de modo a valorizar os conhecimentos locais econômicos, menosprezados pelo saber eurocentrista.

[...] A Economia Popular e Solidária possibilita a “fuga” oportuna das “armadilhas” para a exclusividade do atendimento ao movimento das leis gerais de mercado, por exemplo, “oferta que cria sua própria demanda”, a lei clássica da economia convencional. (LIMA, 2022, p.137)

Historicamente no Brasil observa-se que ocorreu uma tentativa de inferiorização dos valores raciais, econômicos, linguísticos, culturais, políticos que caracterizam os povos colonizados, uma mordaça que buscou não só silenciar, mas aculturar os povos tradicionais a uma padronização cultural que mais se aproximava da cultura europeia. Essa visão contribui significativamente para que a inserção do pensamento consumista buscasse desarticular os saberes tradicionais em relação à organização coletiva agrícola, produtiva, social, econômica, política, visando a

centralização do poder, de modo a viabilizar o controle financeiro, a produção, a informação, a tecnologia e as redes mercadológicas a nível mundial.

Em contraponto, às organizações coletivas de cooperativas que visam um bem comum contribuem para subverter o padrão estabelecido pelos “donos do poder”, pois surgem da necessidade de descentralização da tomada de decisão; de acesso direto aos mecanismos econômicos; de participação estratégica no mercado; de redução de custos; de agregação de valor ao produto final e não mais fornecedores de matéria prima; de desarticulação dos “atravessa dores”; de aumento da produtividade; de redução de impostos e ampliação das possibilidades de operações financeiras (ARAÚJO; SILVA, 2010; In: LIMA, 2022).

Além disso, as relações educativas nesse ambiente informal vivenciado a partir das experiências cooperativistas contribuem para a construção e partilha de uma diversidade de saberes diante da apropriação de processos produtivos, qualificação dos produtos e estratégias de comercialização. Essas ações contribuem para que os cooperados valorizem não só o seu trabalho, como também o produto que passa a ter um valor agregado, capaz de movimentar economicamente as famílias, a comunidade, o território.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Torna-se relevante contextualizar que item pode ser dividido em três momentos que dialogam entre si: objetivo do item metodológico, desenvolvimento da metodologia e a sua composição. Na primeira abordagem, o objetivo foi de sistematizar, de forma concisa, o passo a passo da metodologia empregada nesta pesquisa. Visa proporcionar ao leitor uma compreensão clara dos materiais e métodos utilizados, estabelecendo uma conexão direta com os fundamentos teóricos e práticos que sustentam o estudo.

Em seguida, foi essencial estabelecer uma relação entre o histórico da Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina (COOPERBIO) e as narrativas coletadas durante as rodas de conversa. Essas narrativas foram confrontadas com a fundamentação teórica que aborda as influências externas determinantes para o silenciamento dos saberes tradicionais agrícolas na região, especialmente na produção de café. Os agricultores e agricultoras da COOPERBIO identificaram que o uso indiscriminado de agrotóxicos e

os altos índices de desmatamento impactaram negativamente o clima e a produção de alimentos. Como resposta, adotaram estratégias de produção sustentáveis, como os sistemas agroflorestais, que combinam o cultivo de cafeeiros com outras espécies florestais nativas, promovendo a biodiversidade e a resiliência ambiental.

Por fim, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na investigação participativa ou pesquisa-ação, onde o pesquisador atua como agente de transformação da realidade estudada. O roteiro da roda de conversa (ANEXO C) foi estruturado para apresentar aos cooperados, por meio de registros fotográficos, os momentos coletivos, as práticas agroecológicas já implementadas por eles durante o período de investigação. Tais práticas são reconhecidas como ações contracoloniais, que não apenas rejeitam saberes impostos externamente, mas também resgatam e preservam os saberes tradicionais agroecológicos. Tais práticas contribuem para a valorização da identidade dos agricultores e agricultoras, assegurando a continuidade de uma terra viva e produtiva para as futuras gerações.

3.1 Métodos e Tipo da Pesquisa

A metodologia deste projeto, parte do estudo de campo de abordagem qualitativa e pesquisa-ação, considerando o lócus empírico definido enquanto os sistemas agroflorestais com árvores nativas na cafeicultura, a partir da vivência de um grupo de produtores de café vinculados à Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina diante do processo de fortalecimento do conhecimento agroecológico, que atuam na comunidade de Churé e seu entorno, no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina, Estado da Bahia.

Em relação ao nome escolhido para os quinze participantes da roda, a estratégia utilizada ocorreu no final da atividade. Foi passado uma lista com o nome dos quinze cooperados e cooperadas. Em seguida foi solicitado que cada pessoa escolhesse um nome de uma espécies arbóreas que se identifica, de modo a ser usado na pesquisa e na tese de dissertação, ficando os seguintes nomes:

1. Sucupira
2. Bananeira
3. Jaqueira
4. Caibeira

5. Abacateira
6. Macaqueira
7. Ingazeira
8. Paratudo
9. Quaresma
10. Cachimbinho
11. Ipê
12. Copaíba
13. Baraúna
14. São Joeira
15. Candeia

A pesquisa-ação torna-se apropriada, pois o pesquisador está implicado no processo investigativo e atua como agente de transformação da realidade, o que é o caso desta investigação, desenvolvida a partir da vivência junto a produtores e produtoras de café que integram a COOPERBIO. Essa escolha metodológica reforça o compromisso ético-político com os sujeitos envolvidos, permitindo compreender os sistemas agroflorestais com árvores nativas não apenas como objetos de análise, mas como práticas vivenciadas, desenvolvidas e aprimoradas pelos próprios participantes do estudo. Assim, o lócus empírico definido (Figura 1) – os SAFs com árvores nativas na cafeicultura de base agroecológica – é analisado a partir do processo de construção coletiva do conhecimento agroecológico nas comunidades de Churé e seu entorno, no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina, Bahia.



Figura 1 – Recorte da área de estudo

Para Minayo (2001), enquanto a pesquisa qualitativa viabiliza se relacionar com uma dimensão maior de significados como crenças, valores, costumes, a pesquisa quantitativa se baseia na quantificação dos dados coletados a partir de técnicas estatísticas como percentual, média, etc. Em relação a abordagem qualitativa Gaskell (2002) disponibiliza dados essenciais para a compreensão das relações entre os sujeitos sociais e a situação analisada, de modo a compreender de forma detalhada as crenças, atitudes, valores e motivações do comportamento dos indivíduos.

Sobre pesquisa-ação Tiollent (1985), é uma forma de investigação participativa, onde pesquisadores e sujeitos pesquisados atuam juntos na definição do problema, coleta de dados, análise e proposição de soluções, essa proposta tem o objetivo não só conhecer a realidade, mas também transformá-la com base no conhecimento.

3.2 Procedimentos de Pesquisa

Os procedimentos para a coleta de dados foram desenvolvidos a partir de observação participante entre outubro de 2023 e dezembro de 2024, bem como a realização de roda de conversa, mediante roteiros previamente elaborados, com o objetivo levantar informações junto aos agricultores e agricultoras definidos nesta proposta de estudo, selecionados conforme a equidade de gênero, levando em consideração o seguinte perfil: cafeicultores e cafeicultoras vinculados à COOPERBIO que desenvolvem SAF com árvores nativas em suas propriedades na comunidade de Churé, Seabra, Bahia.

Antes de iniciar a roda de conversa, conforme o planejamento do roteiro, foi realizada uma roda de vivência (Figuras 2 e 3), com o objetivo de conectar os participantes a alguma memória marcante relacionada aos seus ancestrais. Previamente, colhi algumas ervas medicinais no espaço que Bananeira e Ipê, sua esposa, utilizam para cultivar hortas. Em seguida, foi confeccionado um ramalhete com mais de oito tipos diferentes de ervas medicinais.

Ao som da canção “Vida”, de Bruna Viola com participação de Chitãozinho & Xororó, propus que cada participante escolhesse uma das ervas para macerar e sentir o aroma, buscando, assim, reavivar alguma lembrança afetiva com seus

antepassados. À medida que o ramalhete passava de mão em mão, os participantes retiravam uma folha da erva preferida, fechavam os olhos e sentiam o aroma, revivendo boas lembranças de convivência com seus ancestrais.



Figura 2 – Roda de conversa que ocorreu na propriedade de Bananeira no dia 01 de fevereiro de 2025



Figura 3 – Dinâmica sobre ancestralidade com ervas medicinais

Sobre essas memórias, é importante destacar a emoção revelada nas vozes trêmulas e nos olhos lacrimejados dos participantes. O objetivo dessa dinâmica era proporcionar uma conexão dos agricultores e agricultoras presentes na roda de conversa com sua ancestralidade, por meio dos aromas das ervas medicinais e da canção sertaneja “Vida”, que expressa a saudade do eu-lírico pelas vivências na fazenda e pelos saberes compartilhados por seu pai, mãe, tios e avós.

A partir do envolvimento dos participantes, foi possível mapear diversos saberes populares, como o uso da hortelã e do poejo para tratar gripes; da losna para evitar hemorragias em mulheres no pós-parto; do capim-santo para resfriados; e da erva-cidreira para acalmar e auxiliar no sono. Também foram relatadas

lembranças de quintais repletos de plantas medicinais e dos ensinamentos transmitidos pelos pais, revelando a riqueza dos conhecimentos tradicionais ainda presentes no cotidiano dessas famílias. A Roda de Conversa é compreendida, segundo Brandão (2006), como uma metodologia própria da educação popular, por se basear em algo natural ao ser humano: o ato de conversar. Para o autor, todos, de alguma forma, falam sobre si, sobre a vida, o mundo ou sobre aquilo que lhes desperta interesse. Nesse sentido, a roda representa um espaço de troca de saberes e experiências, onde todos têm voz e são reconhecidos como sujeitos do conhecimento. Mais do que uma técnica, trata-se de uma prática que promove o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva, fortalecendo a participação e o pensamento crítico dos envolvidos.

3.3 Instrumentos de Coleta

O instrumento de coleta adotado para a roda de conversa foi um roteiro textual e fotográfico, construído a partir de momentos vivenciados por agricultores e agricultoras em ações coletivas realizadas pela COOPERBIO, durante o período de observação e mapeamento dos participantes, de outubro de 2023 a dezembro de 2024.

Inicialmente, foi realizada uma abertura na qual se apresentou o objetivo da roda de conversa: criar um espaço de diálogo aberto, onde os participantes pudessem compartilhar ideias, escutar uns aos outros e refletir coletivamente sobre diferentes temas. Esse tipo de encontro favorece a construção de um ambiente pautado no respeito, na troca de experiências e no aprendizado mútuo. O formato circular da roda, simbolicamente, remete à igualdade e à ausência de hierarquias, garantindo que todos tenham a oportunidade de falar e de serem ouvidos. Além disso, a roda de conversa constitui uma ferramenta potente para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes, promovendo maior compreensão, empatia e valorização das múltiplas perspectivas presentes no grupo.

A Roda de Conversa foi um instrumento de coleta relevante para estabelecer uma relação mais informal entre pesquisador e pesquisados, de modo a viabilizar uma maior espontaneidade no momento do bate papo sobre os saberes agroecológicos que esses agricultores e agricultoras já praticam. Configura-se também como um espaço propício para o desenvolvimento de valores como o

respeito, a escuta ativa, o saber falar no momento adequado, a construção de regras coletivas, a cidadania e a aceitação das diferenças. Segundo Campus (2000), esse método envolve aspectos fundamentais como a fala, o registro, a postura e a entonação da voz. Trata-se de uma prática de ressonância coletiva, pois promove a criação de espaços dialógicos em que os sujeitos podem se expressar livremente e, sobretudo, aprender a escutar o outro e a si mesmos. Nesse contexto, a Roda de Conversa se consolida como um instrumento democrático de aprendizagem, que valoriza a participação, a escuta mútua e a construção coletiva do saber.

Em seguida foi informado que o produto que representa cada participante, solicitado no convite, seria utilizado nesse momento para a dinâmica “meu alimento, minha identidade” (Figura 4). Dois balaios de cipó vazios (Figura 5) foram colocados no centro da roda. Após o início da canção de uma canção sertaneja, cada participante deveria se dirigir até o balaião e colocar dentro deste instrumento de colheita, o fruto de trabalho ou algo que representasse seu saber: alimento, artesanato, instrumento, produto industrializado, etc. Esse momento tinha o objetivo também de revelar a diversidade produtiva e de saberes existentes no coletivo.



Figura 4 – Participante da roda de conversa apresentando sua relação com o produto que trouxe



Figura 5 – Balaio com os produtos que representam a identidade e a capacidade produtiva

Para a realização da roda de conversa (Figuras 6 e 7), foi elaborado previamente um roteiro contendo questões organizadas em torno de eixos temáticos, a saber: perfil etário e de gênero dos participantes; motivos que levaram à adoção do Sistema Agroflorestal com árvores nativas; espécies nativas utilizadas no sistema; benefícios percebidos da agrofloresta e identificação da árvore de maior potencial; histórico da COOPERBIO; processos de formação e acesso ao conhecimento agroflorestal; práticas de manejo e produção de cafés orgânicos e especiais; aspectos relacionados à tecnologia e comercialização; valorização da produção por meio da atuação da cooperativa; trocas de experiências entre os membros; vivências do cooperativismo; conquistas e momentos históricos da organização; e, por fim, espaço para conclusão e agradecimentos.



Figuras 6 – Momentos da roda de conversa



Figuras 7 – Momentos da roda de conversa

A proposta metodológica consistiu na realização de um bate-papo orientado por temáticas previamente definidas, organizadas em 13 envelopes, com o objetivo de permitir respostas abertas e promover o compartilhamento de saberes entre os

participantes. No início da atividade, uma cesta contendo os envelopes foi passada de mão em mão ao som de canções que remetiam ao universo rural, criando um ambiente afetivo e acolhedor. A dinâmica previa que o participante que se sentisse à vontade retirasse um envelope e lesse o tema contido em seu interior. A partir disso, ele teria de três a cinco minutos para abordar a temática proposta.

Os demais participantes, mediante interesse e consentimento, podiam complementar ou aprofundar a fala inicial, favorecendo a construção coletiva do conhecimento em uma perspectiva horizontal. O instrutor da atividade atuava como mediador, estimulando a participação equitativa de todos e, quando necessário, introduzindo questões adicionais relacionadas à temática sorteada, com o intuito de ampliar o debate. Ao final de cada rodada, fotografias dos momentos registrados eram fixadas em um mural (Figura 8), simbolizando a construção coletiva da “colcha de retalhos” da história da COOPERBIO até aquele momento.



Figura 8 - Sistema agroflorestal com árvores nativas

Portanto, a pesquisa se caracteriza enquanto descritiva, entendida a partir dos procedimentos de coleta de dados, realizados por meio de observação das ações coletivas e de uma roda de conversa junto aos cafeicultores, localizados nas comunidades de Churé de modo a compreender seus saberes e práticas sobre o manejo que utilizam para desenvolver o sistema agroflorestal com árvores nativas na cafeicultura (GIL, 2007).

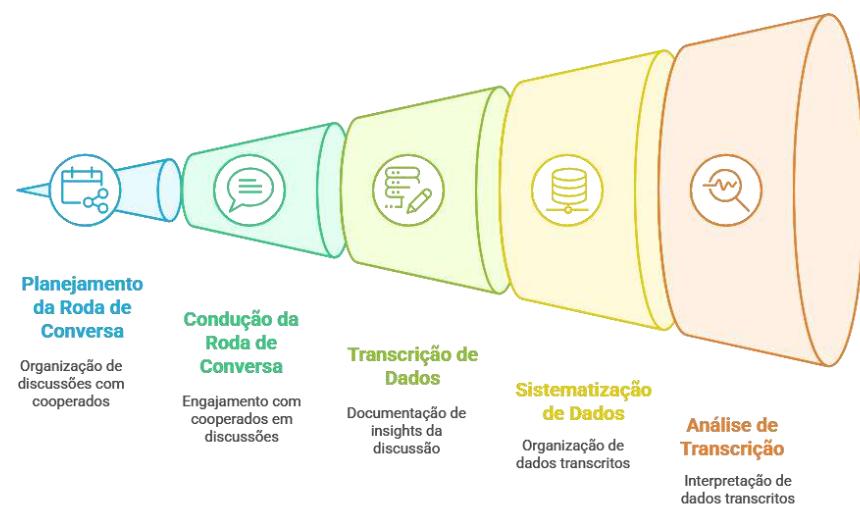
3.4 Transcrição, Sistematização e Análise de Dados

A análise dos dados coletados durante a roda de conversa foi realizada por meio da categorização temática, conforme orientações de Minayo (2001), no Capítulo 4 da obra *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Essa abordagem consiste em organizar e interpretar os dados qualitativos a partir da identificação de núcleos de sentido, que emergem do discurso dos participantes, articulando-se em torno de temas recorrentes e relevantes para os objetivos da pesquisa.

Desse modo a metodologia do projeto seguiu os seguintes passos (Figura 9):

1. Estudo dos referenciais teóricos;
2. Planejamento do roteiro da roda de conversa com os cooperados;
3. Roda de conversa com os cooperados que utilizam o sistema agroflorestal com árvores nativas;
4. Transcrição dos dados coletados na roda de conversa;
5. Sistematização dos dados
6. Análise da transcrição.
7. Gravação de vídeos para a produção de um documentário sobre as “O processo de fortalecimento dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”

Processo de Desenvolvimento de Documentário Agroecológico



Made with Napkin

Figura 9 – Passo a passo da metodologia

Todo o processo de análise dos dados foi finalizado com base na Análise do Discurso Orlandi (2005) e Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2011).

Para Orlandi, “A Análise do Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber” (ORLANDI, 2005, p. 59). Diante disso, observa-se que a língua se movimenta ideologicamente no jogo materializando-se a partir de enunciados. Todo enunciado é linguisticamente descritível e suscetível a interpretações. Bardin (2011) aborda que a Análise do Conteúdo requer a sistematização de três etapas: a primeira seria uma leitura flutuante dos dados transcritos, nesse caso as falas transcritas a partir da roda de conversa, escolha de hipóteses, organizações dos indicadores, repetição desses indicadores, registro dos dados; a segunda fase é a exploração do material e sistematização dos dados coletados; a terceira fase é a análise do conteúdo coletado a partir de inferências e interpretações. Portanto, os procedimentos metodológicos predefinidos foram relevantes de modo a assegurar o respeito aos sujeitos e ao campo de pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina e o processo de fortalecimento do conhecimento agroecológico no território

Em relação aos resultados obtidos em detrimento do objetivo 1 “Reconhecer, por meio de roda de conversa, os saberes dos agricultores e agricultoras da COOPERBIO, sobre as potencialidades do uso de árvores nativas na produção agroflorestal de café” foi preciso fazer um levantamento além das características da região e do perfil dos agricultores, verificar a evolução no processo de aprimoramento do conhecimento ao longo dos anos.

Os participantes da roda de conversa foram 15 ao todo, 7 mulheres e 8 homens, tenho uma faixa etária entre 25 e mais de 60 anos, sendo 50% pessoas acima de 50 anos (Figura 10). Todos agricultores familiares que já praticam em suas propriedades um manejo agroecológico. Esse perfil, viabilizou um diálogo consistente, visto que boa parte dos cooperados presentes estiveram presentes no território desde a inserção impositiva de uma agricultura intensiva a partir da década de 1970, o surgimento da COOPERBIO em 2003, bem como o fortalecimento dos saberes agroecológicos coletivos.

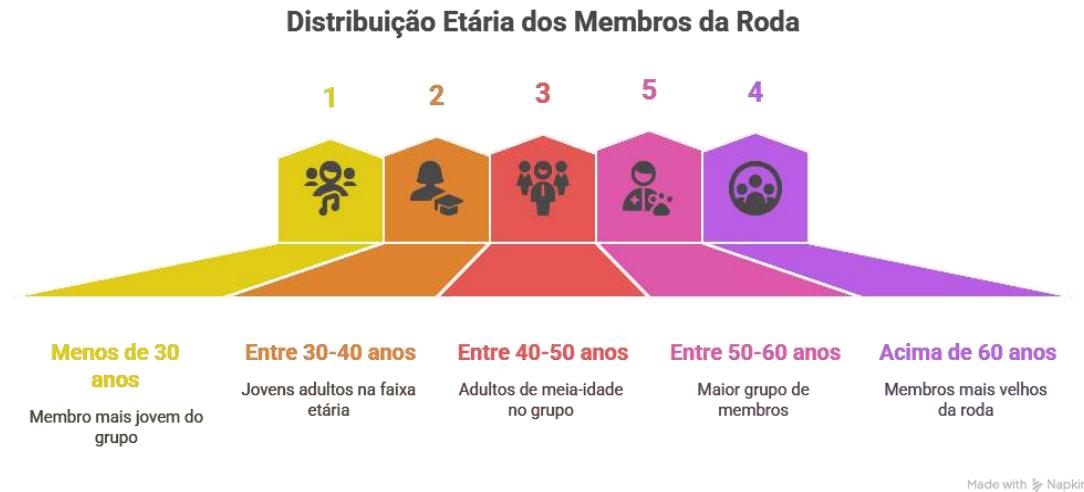


Figura 10 – Faixa etária dos membros participantes da roda

A região de Seabra, onde estão inseridos 80% dos ambientes produtivos vinculados à cooperativa, apresenta características climáticas favoráveis à produção de café com altitude média de 900 a 1100 metros, o que viabilizou o desenvolvimento de uma monocultura cafeeira na região. No final da década de 1970, essa realidade seria ainda mais intensificada a partir de investimentos do Instituto Brasileiro do Café (IBC). Esse Crédito Rural previa a assistência técnica que orientava a pulverização e adubação química, uso de trator, financiamento de equipamentos e máquinas, viabilizando a capacidade produtiva em larga escala.

Essa concepção agrícola, disseminada pela Revolução Verde, acelerou o processo de degradação e esgotamento da capacidade produtiva dos solos, estimulada pela adubação química e uso de defensivos (Hadic; Andrade 2021). Esse fator, atrelado aos baixos preços do café, fizeram essa cultura entrar em decadência no território, devido aos altos custos de produção, a impossibilidade de reinvestimento nas lavouras, ausência de chuvas, ineficiência de políticas públicas, falta de sucessão rural, entre outros.

Essa realidade fez com que muitos agricultores migrassem para a região sudeste em busca de outros tipos de trabalho nos grandes centros urbanos que se desenvolvem aceleradamente devido à industrialização e modernização. Nesse contexto, nas comunidades do campo, famílias desestruturadas, buscavam manter uma lavoura improdutiva e insustentável. Esse fato gerou o empobrecimento dos

agricultores familiares e o descrédito nos potenciais agrícolas desse território, inviabilizando a sucessão rural.

Paratudo mencionou que no final de década de 1990 a cafeicultura começou a ser retomada por meio de financiamentos do Banco do Nordeste,

Acho que sessenta e... 97, 98, foi quando teve aquele projeto do Banco do Nordeste, ficou sabendo que tinha uma produção de café, a cafeicultura começou a impulsionar aqui na região e a gente ficou sabendo que tinha no estado do Ceará, segundo diz a lenda, o estado mais seco do Brasil... (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

A partir do final da década de 90, o acesso de pequenos agricultores a microcréditos rurais para plantação de café por meio do Banco do Nordeste, além de viabilizar o acesso à terra, assegurou ao agricultor familiar o direito de produzir em suas pequenas unidades produtivas. Por um lado, essa realidade viabilizou o acesso dos povos nativos, inclusive jovens, à terra e promoveu o desenvolvimento da agricultura familiar na cafeicultura. Por outro, além de contribuir para disseminar e incentivar a adoção do sistema convencional com adubações químicas, queimadas, desmatamento total das matas, não despertou nos agricultores o desejo de criar novos conhecimentos referente ao manejo orgânico e agroecológico.

Esse saber agroecológico procura valorizar os saberes tradicionais de manejo dos ecossistemas sustentáveis, de modo a viabilizar e ressignificar a interação dos agricultores e agricultoras com a natureza diante da produção de alimentos, a observação de respostas produtivas, a adaptação dos camponeses às mudanças climáticas e às características do seu bioma de identidade. Portanto, como orienta Altieri (2012) o conhecimento agroecológico se baseia em princípios como o diálogo de saberes, práticas sustentáveis na agricultura, a interconexão ecossistêmica e métodos participativos elaborados a partir do saber empírico e científico.

Na roda de vivência, realizada antes da roda de conversa, ao som da canção “Vida” de Bruna Viola, Chitãozinho e Xororó, cada participante pode reconectar com suas vivências ancestrais.

Candeia trouxe uma lembrança de sua avó,

Esse cheiro aqui do do... eu esqueci o nome, mas que coloca também no remédio caseiro para gripe, minha vó antigamente fazia, pegava aquela folha de hortelão d'agua, colocava esse daqui, aquele do chão que rama

como é o nome dele? Puejo, eu vi esse aqui, eu lembrei, eu ainda era pequeno, ela fazia, até hoje ela faz, tia Nega, fazia uns remédios caseiro, um xarope caseiro (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Ipê relembrou de um remédio usado para evitar a hemorragia em mulheres após o parto,

Eu me lembrei de minha avó, tem muitos anos que já faleceu, e antigamente a gente sabe que né que não tinha hospital para as mulheres ganhar neném, ganhava neném dentro de casa e aí toda hora que... eu morava com minha avó, aí toda hora que uma das filhas dela ganhava neném, ela corria lá no pé de losna, fazia um chá e dava que era para evitar hemorragia, isso recordou bem (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Jaqueira relata a riqueza das ervas medicinais presente no quintal de sua avó,

[...] o pensamento que eu tenho assim é a diversidade que ela tinha no quintal dela, né assim, não só no sentido de da gente ter as hortaliças, mas também a gente ter essa farmácia, vamos dizer assim, né, que num momento de dificuldade a gente podia encontrar uma solução, um chá, uma erva, pra algum momento, né, esse pensamento da vó ali também bateu a sintonia, essa lembrança dela, da avó (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Paratudo lembrou da alfavaca, usado para colírio e da relação que teve com os ensinamentos de seu pai,

Eu acho que a minha história em já contei né, antes de todo mundo falar eu falei da alfavaca que a gente usava antigamente né, era era quando a gente era criança e caia qualquer coisa no olho da gente era o colírio semente de alfavaca, as vezes a gente guardava assim, a semente quando ela tava bem sequinha, é e quando alguém cita assim pai e mãe como referência, eu acho que daquela época eu tinha uma referência assim muito forte, do meu pai, né eu acho que, sei lá, eu aprendi muito com ele, ele até fala assim olha você nunca proibe seu filho fazer aquilo que você faz, né, aquilo que você faz, você não deve proibir, se eu bebo, eu fumo, eu não devo proibir meu filho mais beber, jogava, ele por exemplo não jogava, eu acho que praticamente ele proibia a gente jogar, pelo menos ele falava assim, não gostava né de a gente jogava. Fumar e beber eu acho que bom, eu acho que não deve fazer, mas se você usar eu acho que você não tem nenhuma moral pra proibir né, então eu acho assim é um ensinamento, assim até hoje eu não fumo, não bebo, então, ele não proibir, não me incentivou, então, eu tenho uma referência muito forte disso né (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

São Joeira registrou a lembrança de sua professora de biologia, Marilande, que a ensinou usar o chá da erva cidreira para dormir

[...] por causa do cheiro da erva cidreira, eu lembrei de uma professora, dona Marilande Queiroz, né ? Eu já falei isso uma vez, eu tinha, o quê? Uns 17 anos. Morava em Seabra, ela era professora de biologia, aí eu fiquei 3 dias sem dormir, aí cheguei e eu não dormia porque se eu dormisse, amanhã eu manhecia morta, fiquei com aquilo, não vou dormir não, 3 dias, aí eu achei, como ela era professora de biologia, eu achei que ela entendia de problema disso aí, dona Marilande, vizinha né, eu falei, o dona

Marilande, eu tô 3 dias sem dormir, e tá me atrapalhando né, ela disse, ó, ela tinha muitas ervas né na casa dela, você vai peg... por isso que eu peguei a erva cidreira, vai pegar essa erva cidreira, vai fazer o chá, não vai ferver, ferve a água, bota dentro e pronto. Dormi a noite todinha, pronto, sarei, eu nem estudar eu tava conseguindo mais (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Bananeira falou da receita de um xarope que sua mãe fazia,

[...] quando a gente era criança, lá em Souto Soares, naquela época não tinha médico, não tinha hospital, e aí, sempre quando a gente tava gripado, de difuço né, falava difuço, mãe fazia o xarope de hortelazim com puejo e umas mistura, e fazia o xarope e dava pra gente tomar e era bom, risolia. Aí uma vez, acho que a gripe apertou muito, não tinha médico, mas tinha um farmacêutico na Parnaíba, era muito famoso (Caibeira – cheguei ir lá). Isso.

Robertino, pronto. Aí, mãe foi lá pra ver o que podia resolver essa gripe, e ele receitou xarope de hor... de puejo, é mel de puejo, uma garrafinha magrinha, cumpridinha, aí falou mel de puejo? Eu já faço, eu já dou pro meus menino, pode comprar o mel de puejo e dá pra eles, e a gente tomava e era o mesmo sabor do que mãe fazia, era o da garrafinha, aí mãe continuou fazendo o xarope mel e puejo e mais outras coisas [...] (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Em relação ao o objetivo 1 “Diagnosticar, por meio de roda de conversa, os saberes dos agricultores e agricultoras da COOPERBIO, sobre as potencialidades do uso de árvores nativas na produção agroflorestal de café”; observou-se que o desde o processo de formação da cooperativa essa troca de saberes agroecológicos já acontecia.

Em relação ao histórico da COOPERBIO, desde a década de 1970, nas comunidades do campo de Seabra que cultivam o café, a prática da monocultura agrícola cafeeira, química e extensiva foi incentivada no primeiro momento pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), contemplando inicialmente grandes e médios proprietários que tinham sua terra legalizada, incentivando o uso de adubos e venenos químicos, bem como plantações de café com espaçamento de 4 m por linha, o que sugere o uso de máquinas. Posteriormente, na década de 1990, projetos financiados pelo Banco do Nordeste por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultores Familiares e seus Empreendimentos (ATER) viabilizaram a ampliação de áreas produtivas de café na região ao possibilitar o acesso de pequenos produtores da agricultura familiar a esse financiamento, visto que tiveram também a possibilidade de adquirir sua própria terra de grandes latifundiários que, a partir da proposta de Extensão Rural do Banco do Nordeste, realizaram o loteamento de suas terras e facilitaram o pagamento parcelado.

No ano de 1999, constou-se que no território da Chapada Diamantina já existia

algumas experiências isoladas em Bonito e Abaíra. No município de Piatã, no povoado de Malhada, existia um agricultor que já possuía uma relação de vivência com a Fundação Centro de Educação Popular em Defesa do Meio Ambiente (CEPEMA) no Ceará. Por meio desse intercâmbio, que essa fundação foi convidada para participar do Seminário Agricultura Ecológica com foco na produção de café orgânico (Figura 11).

Nos dias de 25 e 26 de novembro de 1999, o evento ocorreu em Seabra e nos dias 27 e 28 do mesmo ano, na comunidade de Catolés em Abaíra. A proposta tinha como temas: Desenvolvimento Local Sustentável e Gestão Ambiental. Esse evento foi organizado pelos Grupos: GAS (Grupo Ambientalista de Seabra); a Terra Viva de Piatã e Pinga-pinga de Catolés, em Abaíra. Além da mobilização e apoio das associações de Churé, Lagoa da Boa Vista e Duas Barras em Seabra.



Figura 11 – Cartaz do Seminário de Agricultura Ecológica

A partir desse evento ocorreu um intercâmbio com a Fundação CEPEMA com apoio do SEBRAE e o Banco do Nordeste, período em que os agricultores da Chapada Diamantina, Seabra, Ibicoara, Piatã e Abaíra, com os cafeicultores cearenses que já praticavam o sistema agroflorestal na cafeicultura, puderam conhecer de perto as práticas agroflorestais já estabelecidas nos municípios de Baturité e Caucaia no Ceará. Essa troca de experiências visava melhorar as práticas

de cultivo e promover um desenvolvimento sustentável na região. É a partir desse contato, que agricultores iniciam o processo de formação de uma cooperativa, oficializada em 2008, com a perspectiva de produção orgânica e sustentável no território, hoje denominada Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina.

Segundo Paratudo,

“A COOPERBIO era o seguinte, acho que ela foi surgindo naturalmente, não pensava muito que era uma cooperativa, ela surgiu através dessas visitas que fez lá no Ceará, e tinha uns produtores que mesmo antes disso já não usava produto químico né, era o caso meu, acho que de “Cachimbinho” e outros aqui. Tinha uns grupos de produtores orgânicos também de Bonito, Abaíra, tinha Brígida lá em Piatã e a gente aqui em Seabra. Aqui em Seabra já tinha o grupo GAS, o grupo ambientalista de Seabra. E como a gente começou a plantar orgânico e a gente achava que tinha que ter um diferencial também no nosso café. Piatã destacou na questão da qualidade de café, o melhor café do Brasil, o melhor café da Bahia. E a gente produzindo orgânico não tinha um reconhecimento. Com isso a gente teve a ideia de criar a cooperativa pra ter um produto diferenciado, Piatã o melhor café do Brasil, da Bahia e de outros né, café de qualidade, e a gente também produzia um café de qualidade, mas na qualidade mais ambiental, daí surgiu a fundação da cooperativa, ela foi criada né com pessoas de vários lugares, o pessoal daqui de Seabra, tinha esse pessoal como eu falei de Abaíra, de Piatã de Bonito, Ibicoara, também, e depois devido às distâncias né para fazer as reuniões, foi ficando cansativo para algumas pessoas, ela acabou concentrando aqui em Seabra, e mantém assim até hoje, mas eu acho que surgiu assim, dessa necessidade do reconhecimento daquilo que tava fazendo. A gente não precisa só fazer o que é bom, precisa mostrar que faz o bom, foi assim que surgiu a cooperativa” (Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025, COOPERBIO).

Ainda sobre essa questão da origem da COOPERBIO, Jaqueira afirma que,

[...] a ideia era também o fortalecimento da questão da certificação, porque a gente já tinha grupos [...] de outros municípios que produziam o café, mas o custo da certificação era alto né, para se fazer individualmente. Então a intenção era juntar esse grupo né, o grupo de Catolés né que tem a fundação, a associação Pinga-pinga né, a região de Catolés, Abaíra, tem o grupo de Ibicoara, Bonito e nós de Seabra que fomos os caçulas né. É importante também lembrar que esse período da formação da COOPERBIO, a importância da gente reconhecer a [...] ABD a Associação Biodinâmica, através de Raquel, porque foi uma das pessoas através da associação biodinâmica que deu esse suporte, [...] tinha a associação e o IBD né que era a certificadora, então essa formação articulados por Raquel, nas suas visitas [...] vinha aqui [...] juntava esses grupos na articulação de reuniões e eventos, e foi aí que surgiu a ideia, de início para fortalecer a certificação e também da troca de experiências também, isso é importante também porque cada grupo tinha uma forma de trabalho né. Eu me lembro bem que Catolés nos ensinou muito a questão de cobertura de solo, a necessidade que tinha né, de um manejo diferenciado né , e através desses encontros, através dessas articulações, não só no fortalecimento da certificação, mas também dessa troca de experiência né, para nos manter até no momento que chegamos hoje né, e isso foi importante, reconhecer as parcerias que tivemos ao longo dos anos” (Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025, COOPERBIO).

Na fala de Jaqueira aparecem dois fatores relevantes para destacar. O primeiro, a ideia de que um dos motivos da fundação da cooperativa havia sido com o objetivo de viabilizar financeiramente a certificação orgânica. Nesse período, a ABD (Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica), tinha como representante no território, Rachel Soraggi, que promovia a formação dos agricultores de diversas cidades da Chapada Diamantina, a partir da proposta de produção biodinâmica. Outro fato relevante é a partilha de saberes agroecológicos, quando Jaqueira menciona que os agricultores de Catolés, Abaíra-BA, ensinaram os agricultores seabrenses sobre a importância da cobertura de solo para a preservação da vida no solo.

Essa fase inicial não só viabilizou um contato com uma nova concepção ecológica produtiva como também uma possível solução para os baixos índices pluviométricos enfrentados pelos cafeicultores seabrenses. Nesse sentido, é possível afirmar que o surgimento da COOPERBIO partiu da necessidade de organização para valorização do trabalho, por meio da produção de um produto orgânico de base agroecológica e na comercialização com preço justo. Essa postura não só viabilizou uma corresponsabilização desses agricultores com uma produção mais sustentável, mas também com a proteção da nossa terra e do nosso território em relação à invasão capitalista com seu modelo agrícola, que além de envenenar o solo, tornou-o improdutivo, devido ao caráter de explorar, retirar sem repor, forçar a produtividade e o lucro, como se a terra e a biodiversidade viva seriam algo inesgotável.

Quaresma abordou sobre a Semana Internacional do Café que ocorreu em Minas Gerais, em novembro de 2024.

Eu conversei até com Bananeira né lá na SIC né que a gente tava lá, o pessoal tava mostrando um estudo sobre quais plantas, tem uma boa desempenho né e ajuda no café, das roças e tais, e aí a maioria das plantas que os estudos tavam provando que beneficiava o café, aí vem Bananeira né, não mais isso eu já tenho na roça, não mais isso aqui meu pai já me falava que era bom, (risos) e é isso né, por mais que tá respondendo por que que é benefício para o café, mais ainda assim, tem muita coisa que já fazia aqui, que era utilizado, que só tá dando justificativa, que acontecia né, por que que isso favorece, que a questão da variedade que planta dentro da roça que ajuda a equilibrar as pragas, a equilibrar né a, a o, o, os bio... os seres vivos né, da da do solo, enfim, e todos os outros benefícios né de adubação e proteção solar, de proteção solar né para a planta e por aí vai (COOPERBIO , Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Ana Primavesi (2016) aborda sobre como é o ecossistema nativo. Segunda a autora, na floresta existe uma vegetação diversificada o que previne o surgimento de pragas. Existe um microclima, pois as árvores impedem que a luz solar possa alcançar diretamente o solo. O solo é protegido por folhas mortas e vegetação viva o que viabiliza a infiltração de água e a possibilidade das serapilheiras se alimentarem da matéria orgânica decomposta pelos microorganismos. Os efeitos negativos dos ventos são nulos, pois as árvores formam uma espécie de barreira protetiva.

Em uma das etapas da roda de conversa dialogou-se sobre o tema: cafés agroflorestais (Figuras 12 e 13). O objetivo dessas imagens era fazer com que os cooperados reconhecessem e exteriorizassem seus conhecimentos sobre a prática da agrofloresta. Durante as falas, o mediador foi tentando conduzir o bate-papo com questões relevantes sobre agrofloresta como: Onde ou com quem você aprendeu a usar as árvores nativas no plantio de café? O motivo que fez adotar o sistema de produção de café com árvores nativas? Nomes de árvores que são consideradas adequadas para o sombreamento de café? Quais os principais benefícios que as árvores nativas trazem para a sua lavoura de café?



Figura 12 – Vista aérea das lavouras agroflorestais com árvores nativas da COOPERBIO



Figura 13 – Vista aérea das lavouras agroflorestais com árvores nativas da COOPERBIO

Bananeira disse sobre,

A sobrevivência dos microorganismos, que quando é desmatado, terra nua vamos dizer assim, os microorganismos ou morre ou some dali, e tanto reflorestado tá sempre ali, vivo (Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025, COOPERBIO).

Cachimbinho mencionou sobre a importância do manejo na agrofloresta,

Você já reparou que também não dá seca de ponteira. Tem muita gente que diz assim: é debaixo das árvores, não produz, não produz por que não faz o manejo das árvores, tem que ter uma sombra controlada, não pode ser muito ensombrado. [...] ali na nossa frente ali, aquelas árvores ali, se o cara faz uma poda naquelas árvores ali o tanto de matéria orgânica que vai jogar no chão ali, um absurdo ali, não sabe nem calcular, depois brota novamente (Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025, COOPERBIO).

Nesse sentido, observa-se que quando o agricultor faz a retirada total da vegetação nativa para inserir qualquer tipo de agricultura, reduz significativamente os níveis de água dos lençóis freáticos subterrâneos, responsáveis pela manutenção dos rios. Além disso, com o solo descoberto, os efeitos negativos como o ressecamento da terra pela ação do vento, a erosão, a evaporação devido à alta incidência de luz solar, irá aos poucos, impossibilitar a presença de organismos vivos nesse ambiente.

Assim, é preciso planejar e incentivar financeiramente por meio de políticas públicas ecológicas uma agricultura capaz de produzir alimentos, preservando os recursos disponíveis da agricultura tradicional, mas também utilizando os conhecimentos e métodos ecológicos modernos. A proposta é viabilizar a prática da ciência da agroecologia, definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no processo de manejo de agrossistemas sustentáveis (Gliessman,

2000).

Para isso é preciso a formação de agricultores que buscam a partir da regeneração e renovação dos solos e dos microrganismos, da preservação da biodiversidade, da preservação dos recursos naturais, se relacionar com o seu ambiente produtivo como um elemento que trabalha em parceria com os elementos naturais para viabilizar um ecossistema vivo, sustentável e produtivo.

Cachimbinho, sobre a origem da agrofloresta na região, relatou:

Desde pequeno que meu pai tocava negócio de roça e eu costumo dizer que o pessoal hoje tá desaprendendo. Antigamente, eu lembro que ele só limpava roça quando o mato tava grande, ninguém adubava roça naquela época, sabe? Então, ele só limpava a roça quando o mato tava grande. Ele, quando limpava, puxava aquele mato pra cima do pé de café, e hoje muita gente tem medo de mato (risos) Hoje, muita gente tem medo de mato, então era assim que se trabalhava naquela época. Então eu fui embora pra Camaçari, morei lá um bocado de tempo, nessa época saiu o projeto do banco, o pessoal aqui achava que essa região aqui no alto não se produzia café, só plantava nas baixadas, né, no alto não produzia café, então na época teve o financiamento e o banco, nós fizemos nossas roças no alto aqui, no alto aqui, entendeu? Aí, quando foi, Dilsim, esse negócio de agrofloresta aqui, foi quando Dilsim teve lá nesse... em Baturité, né? Aí então veio um rapaz, um rapaz veio visitar a gente aqui também, na época, aí eu, eu, ele falou: rapaz, nós tava fazendo uma roça, ele disse por que... nós tinha roçado, entendeu? Roçado o coisa e deixado as árvores, a derruba, como chamava o povo, né? (Paratudo – É. A derruba.) Aí, quando ele chegou, tava nesse sistema, aí ele falou: por que você não deixa essas árvores aqui? Aí eu falei, moço, vou deixar, vou... aí me chamaram até de maluco na época, e eu... vou deixar pra fazer um teste, aí fui deixando, e acabou que dando certo, né. O que acontece, o nosso clima como tá mudando aqui, eu acredito que futuramente quem não fizer esse processo, pelo menos, não vai produzir mais café, entendeu? Eu penso isso daí (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Essa fala de Cachimbinho é extremamente relevante por apresentar uma prática ancestral de seu pai em relação à produção e manejo com a matéria orgânica, prática abandonada por boa parte dos agricultores que vêm o mato como o inimigo da lavoura. “Hoje muita gente tem medo de mato” (Cachimbinho, 2025), usando muitas vezes venenos para acabar com o mato que poderia se transformar em matéria orgânica. Outro fato interessante foi a origem das lavouras com agrofloresta na região, que se iniciou a partir de uma visita dos cafeicultores cearenses que já praticavam a agrofloresta em seu estado e orientaram a manter as árvores nativas na roçagem parcial da mata, “a derruba, como chamava o povo, né” (Cachimbinho, 2025); iniciando assim o experimento com árvores nativas no processo de sombreamento do café.

Ainda sobre saberes ancestrais em relação ao uso da agrofloresta na

produção de café, Caibeira relata que,

[...] as mudas de café antigamente, fazia igual Paratudo tá fazendo? Não. Então, de onde vinham essas mudas? Debaixo dos pés de jaca. [...] Então vamos aqui, eu me lembro, rancava as mudas, eu lembro cortava desse tamanho aqui, eu deixava a raiz, ficava um pedaço desse tamaim né [...] (Bananeira – cortava a ponta da raiz e cortava em cima também) Então isso aí eu lembro, eu me lembro quando dona Diva ensinava aqui, Diva fez um passeio lá na casa do senhor Antônio [...] Então, essas coisa eu cheguei a ver isso lá, vi com o meu pai também, então era isso, já servia, só que a gente não tinha a noção que a gente tá tendo aqui agora. Até porque o povo precisava do pé de jaca para comer, para pegar passarim no visgo, então é, é. Então é isso, mas as mudas antigamente, no tempo de meu pai, daí pra lá, vinha é debaixo dos pés de jaca (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

A partir dessa fala de Caibeira, observa-se que, anterior à visita nas lavouras agroflorestais do Ceará, a maioria das unidades produtivas da região norte de Seabra possuía somente pés de jaca, geralmente para os agricultores realizarem as refeições. No entanto, após esse intercâmbio com os agricultores cearenses que já produziam cafés agroflorestais, os agricultores e agricultoras vinculados à COOPERBIO, a partir também dessa memória de que as mudas de café eram produzidas a partir daquelas que nasciam embaixo das jaqueiras, alguns cafeicultores começaram a adotar a agrofloresta ao perceber que embaixo das jaqueiras, os cafezais eram mais frondosos e produtivos.

Diante dessa observação, alguns agricultores que participaram desse intercâmbio passaram a preservar árvores nativas nas áreas recém-desmatadas, dando início às primeiras lavouras agroflorestais na região. Durante esse período, aconteceu a observação das árvores nativas adequadas ao sistema a partir das características positivas dos cafezais que ficam embaixo das jaqueiras. Nesse sentido, ao longo dos anos, algumas árvores foram sendo preservadas por serem consideradas adequadas ao sistema agroflorestal, como as apontadas na roda de conversa.

Sucupira acrescentou,

Se o café é uma planta de floresta, qual é o lugar que ele vai produzir melhor, viver melhor, de forma mais natural? É no sol direto ali, cem por cento, ou nesse consórcio, né, com a sombra? Eu acho que é um pouco desse aprendizado, né, que a gente vai desenvolvendo, vai observando, né, então eu acho do observar, como a gente fala, eu acho que é muito do observar o que dá certo e tentar replicar isso, então eu acho que muitas coisas são isso, é entender a origem daquela planta, né, onde é que ela foi, que surgiu, onde é que ela existe naturalmente, e tentar trazer um pouco desse ambiente para os outros ambientes, né (COOPERBIO, Roda de

conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Diante das abordagens acima, observa-se que esses agricultores, a partir do saber ancestral e do contato com cafeicultores que já praticavam a agrofloresta, assumiram o papel de pesquisadores dentro da sua unidade produtiva e foram aprendendo com a troca de experiências exitosas desde a origem da COOPERBIO. Isso viabilizou a produção de conhecimentos sustentáveis, práticas que de certa forma acabam protegendo o território da invasão impositiva do manejo com venenos e o incentivo ao desmatamento desordenado e o empobrecimento do solo, acarretando o abandono de grandes talhões de terras e o reuso com a criação de gado que acabaram contribuindo ainda mais para a compactação do solo. Além disso, alguns cooperados afirmaram sobre a melhoria em relação à adubação, redução da limpa, preservação da umidade, etc. Um ambiente equilibrado para a preservação da vida no solo e o movimento necessário para retroalimentar a terra, assegurando sua fertilidade e menor dependência de insumos externos.

Ainda sobre os benefícios da agrofloresta, Bananeira aborda a correção natural da acidez do solo por meio do uso das árvores nativas junto com a lavoura de café,

Se eu não me engano, na tua mesmo, foi feita a análise de solo e não precisa mais usar o calcário, a planta já corrigiu a acidez da terra. Onde é aberto o solo vai estragando tanto que sempre é preciso tá corrigido com calcário (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Paratudo acrescentou,

Eu fiquei pasmo quando eu vi que a roça de Copaíba não precisou usar calcário, eu imaginava que aqui na nossa região isso não existia, aqui é entre 4 e 5 toneladas, na análise de solo foi Glaucia (engenheira agrônoma) que fez a interpretação, disse que não precisa (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Sobre essa questão da preservação e vida nos solos Primavesi (2016, p. 80) afirma que “a matéria orgânica não é essencialmente “adubo orgânico”. Antes de liberar os minerais, tem que ser decomposta.”, porém quando entra nesse estágio serve de alimento que regula o equilíbrio da vida no solo. A redução da matéria orgânica ou do retorno dela à terra acarretará o esgotamento desse solo e a multiplicação de pragas e doenças, além de uma maior incidência de efeitos negativos dos ventos, a compactação e aquecimento dos solos. Para ela um solo

equilibrado, onde todas as espécies têm as mesmas oportunidades de acesso, não existe competição, e sim a diversificação de alimentos que além de assegurar uma temperatura mais amena e a umidade, viabiliza um equilíbrio aos organismos ali presentes.

Em relação a capacidade produtiva do café, de forma simultânea, produz frutos da safra atual e assegura o crescimento vegetativo que irá definir a safra do ano seguinte, visto que o café floresce e produz novos grãos e ramos novos. Nesse sentido, quando ocorre uma alta produção de frutos, ocorre também uma maior exigência da planta para nutrir o crescimento dos frutos, comprometendo o crescimento vegetativo e a produção do ano seguinte. Ou seja, no ano que a produção é mais baixa, sobra energia para aumentar o crescimento vegetativo que resultará numa maior produção (Camargo, 2001). Nos cafés agroflorestais, observa-se que existe um equilíbrio, uma vez que essa diferença produtiva de um ano para outro é menor, pois a planta não perde sua capacidade vegetativa e, apesar de o café não ter altas produtividades, os frutos são maiores e mais sadios, viabilizando a qualidade e a produção de cafés especiais.

Sobre produtividade dos cafés agroflorestais, Para Tudo disse que,

[...] a produção é relativa, eu acredito que o tanto que diminui é o mesmo tanto que aumenta se isso pode acontecer, porque assim café é uma cultura bianual, a safra de café é assim, quando produz muito em um ano, no outro é improutivo, o café na sombra ele não produz muito, mas todo ano produz e a qualidade do grão também é maior, então eu acho que o rendimento aí é de 15 a 20%, o rendimento na hora de você, é beneficiar o café, o rendimento que, (inelegível) um café graúdo, (Bananeira: quando madurece, madurece sadio) madurece sadio e esse problema, ele produz pouco, mas produz todo ano, então eu acho que fica relativo a produção, eu acredito que deve ser, o peso é isso que tou dizendo, ele ganha porcentagem no peso e produz todo ano (Bananeira: uma coisa recupera outra né) eu acho que, eu acredito que é relativo, com uma qualidade melhor (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Diante disso, é possível afirmar que nos ambientes produtivos da COOPERBIO, desde 2008, iniciou-se um processo de libertação dos sujeitos das amarras coronelistas e da agricultura intensiva do veneno. A partir de intercâmbios formativos com o saber agroecológico e a interação com os saberes tradicionais locais, as vivências e experimentos em relação ao conceito de agricultura orgânica e biodinâmica.

Esse período de formação e troca de saberes contribuiu para que os sujeitos do campo do município de Seabra, Bahia, pudessem ampliar e adquirir novos

conhecimentos sustentáveis no processo de produção do café, como o sistema agroflorestal com árvores nativas, reiterando o potencial da troca de experiências para o aprimoramento e otimização da produção sustentável e orgânica. Esse espaço informal de conhecimento viabilizou a contracolonização com a agricultura química a partir da partilha de experiências agrícolas eficientes no processo de construção de uma concepção agroecológica.

Durante a observação, foi possível mapear ações coletivas realizadas pela cooperativa nos ambientes produtivos como: técnicas de cultivo com podas e inserção de forrageiras; sistema agroflorestal de café com árvores nativas (Figura 14); produção de biofertilizantes, chorumes e compostagem (Figura 15); captura de microrganismos eficientes para o processo de decomposição da matéria orgânica; qualificação de colheita e pós-colheita.

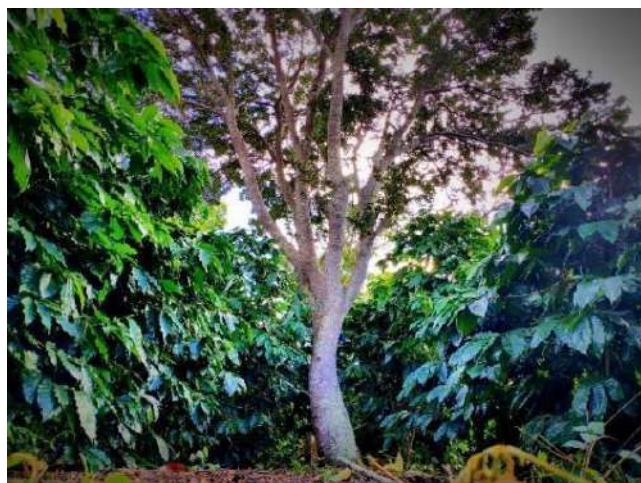


Figura 14 - Sistema agroflorestal no cafeiro com árvores nativas



Figura 15 - Preparação da compostagem com esterco de gado, palha de café, palha de mamona, cinza, pó de rocha e água

Para Moreira (2020) a “[...] apropriação de modelos teóricos, pedagógicos e tecnológicos [...] acaba gerando ambientes de aprendizagem que promovem sertões conectados tecnologicamente, mas “desterritorializados” [...] com sua realidade” (p. 8). Portanto, observa-se a relevância da epistemologia do saber agroecológico, pois se constitui enquanto conhecimento científico considerando os diferentes saberes, ao tempo que também questiona a produção científica predominante ligada ao pensamento capitalista e desenvolvimentista.

Nos meses de junho de 2023 ocorreram duas relevantes formações, realizadas pela COOPERBIO, em parceria com o Banco do Nordeste. A primeira no dia 07 de junho, ministrada pelo membro do Núcleo Raízes do Sertão (Irecê) Fabiano Novaes sobre o processo de certificação orgânica participativa (Figura 16). A segunda, o curso de Agroecologia nos dias 28, 29 e 30 de junho como o Engenheiro Agrônomo Edvaldo Reinaldo (Figura 17). O objetivo das ações era viabilizar a formação dos cooperados no processo de produção de insumos orgânicos de baixo custo, bem como iniciar o processo de formação de um pré-núcleo de certificação orgânica participativa no município de Seabra, BA.



Figura 16 - Curso de Certificação Participativa pelo núcleo Raízes do Sertão de Irecê



Figura 17 - Curso de Agroecologia com Engenheiro Agrônomo Edvaldo Reinaldo

Ambas as formações partiram da percepção de construção de uma proposta agrícola agroecológica, nesse processo decolonial de transição para o manejo ecológico sustentável. O instrutor Fabiano Novais⁷ mostrou o quanto a comunidade precisa identificar e enfrentar os problemas, de modo a atender necessidades internas e não o contrário. Para ele, produzir e consumir um alimento é um ato político e que o caminho é a produção orgânica sustentável.

Para Giessman (2000) a abordagem agroecológica corresponde colocar em prática os princípios da Ecologia no manejo adotado, bem como na construção de agroecossistemas sustentáveis. Nesse sentido, é importante ressaltar que a agroecologia possui bases científicas capazes de orientar o processo de transição agroecológica de forma sustentável, economicamente viável e produtiva. Dessa forma, essa transição não representa somente o retorno aos modelos ancestrais de produção de alimentos, é preciso inserir no manejo métodos tradicionais de equilíbrio físico, químico e biológico do solo e do agroecossistema; com a inserção de tecnologias inovadoras no processo diante da interação dos agricultores e agricultoras com a conservação das águas, manutenção da fertilidade do solo, manejo humanizado com os animais.

⁷ Fabiano Pereira de Novaes é agricultor orgânico certificado pela rede de Agroecologia povos da mata, escopo primário vegetal, TEC. Em agropecuária, bacharelando em agroecologia 8/10 semestre, promove cursos de bio fertilizantes, produção orgânica de base agroecológica e certificação orgânica participativa.

Nesse sentido, no curso de agroecologia que aconteceu na comunidade da Churé – Seabra - BA, nos dias 28, 29 e 30 de 2023, os participantes tiveram a oportunidade de aprender sobre práticas agrícolas sustentáveis, com enfoque na preservação do meio ambiente e na produção de alimentos saudáveis. O professor Edvaldo Reinaldo⁸ compartilhou seu conhecimento e experiência, abordando temas como manejo do solo, biodiversidade, a redução de custos a partir da produção de insumos produzidos na própria propriedade e uso consciente dos recursos naturais. A parceria entre a Cooperbio e o Banco do Nordeste foi fundamental para viabilizar esse curso, demonstrando seu compromisso com uma agricultura economicamente viável, ambientalmente sustentável e socialmente justa, de modo a viabilizar o desenvolvimento econômico das comunidades rurais.

Portanto, trata-se de um ato decolonial que democratiza o acesso ao poder e a fala no processo de construção de conhecimentos e da vida material. Para Freire (1992) uma nova escola que realiza novos processos educativos capazes de promover a formação crítica e consciente de um sujeito que questiona, investiga, age conscientemente sobre a sua realidade com o objetivo de transformá-la.

Com base nos ensinamentos de Leff (2001), a Educação Ambiental precisa ser inserida nos espaços educacionais de modo a viabilizar a formação de um pensamento não reproduutor dos modelos tradicionais, mas crítico e criativo, capaz de identificar a relação entre os processos naturais e sociais, compreendendo que a nossa atuação no ambiente deve pensá-lo como um bem coletivo e global, e por isso, é necessário respeitá-lo diante das diversidades socioculturais.

Na roda de conversa surgiu o tema “práticas de manejo de pós-colheita” que os cooperados foram aprendendo ao longo dos anos e colocando em prática. Tais práticas adotadas a partir de trocas de experiências revelou que a colheita seletiva qualificou o processo de produção sustentável e de cafés especiais (Figura 18), bem como a ação de lavar o café e retirar no terreiro os grãos imaturos após a colheita (Figura 19), a secagem, etc.

⁸ REINALDO FILHO, Edvaldo dos Santos Eng. Agrônomo, graduado na UFRPE, pós-graduado em Agricultura Orgânica, pela UFLA e pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior, pela UNEB. Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural – BAHIATER.



Figura 18 – Colheita dos grãos com mais de 85% da produção em fase final de maturação



Figura 19 – Processo de lavar o café, além de galhos e folhas, ajuda a tirar os grãos secos, ardidos, mal granados, considerados defeitos

Para Ipê,

Primeiro de tudo, foi deixar... catar o café maduro, né. Porque dá boa qualidade (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Segundo Cachimbinho,

[...] outra coisa aí foi lavar o café, porque isso daí colocou muita gente pra fora do nosso processo, sabia? Muita gente saiu por causa disso daí. Esse negócio de lavar café nada, mas isso daí os primeiros defeitos que a gente tira do café (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

São Joeira acredita que,

A secagem também no terreiro, tem a ver (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Quaresma, destaca,

Mesmo que o café não dê uma bebida assim, de alta, de alto valor, né, mas só o fato de a gente lavar o café já remove muita impureza. [...] Já melhora bastante, ele pode não chegar no máximo né, mas já chega ali num ponto bem interessante. Que vale a pena, né, o trabalho (COOPERBIO, Roda de

conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Observa-se que a produção de cafés especiais demanda tecnologias e conhecimentos técnicos desde o processo de adubação, irrigação, cultivo, colheita e pós-colheita, bem como um mercado que absorva esse produto por um preço justo (Saes; Silveira, 2014, Leite, 2020). A partir dessa nova realidade, as cooperativas de café como a COOPIATÃ e a COOPERBIO, referências na produção de café no território da Chapada Diamantina, buscaram acessar editais que pudessem equipar tais empreendimentos com tecnologia capaz de atender às inúmeras demandas para o processo de produção de cafés especiais.

Nesse sentido, em 2019, o Governo do Estado da Bahia, lançou o edital 10/2019⁹ que visava a Seleção de Subprojetos para Alianças Produtivas Territoriais da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) da Bahia, com o objetivo de potencializar o desenvolvimento econômico e social de cooperativas. Esses investimentos públicos viabilizaram que tais cooperativas adquirissem equipamentos de uso coletivo e individual como: terreiros cobertos para secagem dos cafés especiais; máquinas de beneficiamento, peneiração e rebeneficiamento. Esses equipamentos além de potencializar essas organizações coletivas, possibilitou o acesso dos agricultores familiares a tecnologias e ao mercado de cafés especiais, contribuindo para a busca de outros saberes, capazes de apresentar novas concepções agrícolas diante da necessidade de viabilizar a sustentabilidade econômica, social e ambiental, bem como a manutenção dos ambientes produtivos.

Esse aprimoramento exigiu novos investimentos que pudessem potencializar essa nova realidade. Nesse sentido, com o objetivo de incentivar o crescimento da produção da agricultura familiar na Bahia, através de parcerias com o setor privado, o Governo do Estado investiu 60 milhões por meio deste Edital Alianças Produtivas (2019), do projeto Bahia Produtiva, destinado às associações e cooperativas da agricultura familiar. Esse recurso além de modernizar com tecnologias essas organizações coletivas, possibilitou a ampliação de relações comerciais desses agricultores com o setor privado, qualificou os processos de gestão; viabilizou a

⁹ Em decorrência deste edital atualmente a cooperativa conseguiu qualificar sua estrutura a partir da aquisição de dois galpões, para beneficiamento de grão com elevador de repasse e alimentação, bica de jogo molas inclinadas de 4 metros, datador, seladora, balanças de precisão, unidade de classificação de grãos de café - Painel de controle digital por sistema touch-screen; banco de memórias para gravar até 5 programas de ajustes; Sistema de transporte dos grãos em bandejas de alumínio; Válvulas ejetoras, descascador de renda para café, laboratório de prova de café (provador capacitado, moinho de prova, torrador de prova, mesa de provas, equipamentos).

produção de novos produtos; o que possibilitou uma participação direta na economia local. A partir desse convênio, a COOPERBIO conseguiu o acesso a equipamentos (Figura 20 e 21) e máquinas (Figura 22), além de uma sede própria e um carro, que estruturou a cooperativa, de modo a potencializar o aumento da produção de cafés especiais⁹.



Figura 20 - Terreiros cobertos para a secagem de café



Figura 21 - Terreiros cobertos para a secagem de café



Figura 22 – Máquina de rebeneficiar café, avaliada em mais de 600 mil reais

Quaresma afirma que essa máquina irá qualificar o processo de rebenefício dos cafés na retirada de defeitos que antes era feito de forma manual, o que inviabiliza até aos clientes em tempo adequado.

Essa máquina é para selecionar o café, é agilizar bastante o processo. É um dos maiores gargalos que a gente tem no café especial é você selecionar, pra você limpar ali uma saca de café é, aja dedo viu pra poder chegar lá, e aí com essa máquina aí agiliza bastante esse processo (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Vale ressaltar que no território da Chapada Diamantina somente grandes produtores de café possuem, por meio de recursos próprios, estrutura adequada, mão de obra assalariada, assistência técnica, o que permite uma regularidade e alta produtividade de cafés de qualidade. Nesse sentido, observa-se que as políticas públicas que apostaram nas cooperativas como articuladoras de alianças com associações através do Edital de Alianças Produtivas Territoriais, uma chamada pública vinculado ao Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável do Estado da Bahia - PDRS (Bahia Produtiva), contribuíram para viabilizar aos agricultores familiares o acesso a tecnologias, aos investimentos nas lavouras, à assistência técnica, o que contribuiu ainda mais para qualificar a capacidade produtiva dos cafés da região (CAR, 2024)

Essa ocorrência, de certa forma, reverte a ordem capitalista de favorecimento aos que já possuem o capital, ao reconhecer a capacidade que as cooperativas de gestão e apropriação autônoma de todo processo produtivo, movimentando, assim, a economia local. Esses resultados exigem do Governo do Estado a ampliação de novas políticas públicas de fortalecimento de coletivos com potencial mediador em

sua região que atendam às necessidades econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas dessas comunidades do campo.

Observa-se que ações de base popular contribuem para o desenvolvimento de uma Economia Popular Solidária, além de ampliar os mecanismos políticos como a criação de leis de valorização da agricultura familiar, orgânica e agroecológica, como estratégias de desenvolvimento local e solidário, de modo a envolver os sujeitos não só no processo de produção, mas também de forma direta nas relações econômicas (Lima, 2022). Historicamente, a comunidade de Churé enfrentou um processo de colonização técnico-científica-epistemológica quanto à produção de café. Contudo, nos últimos anos, as práticas agroecológicas viabilizaram não só o resgate às práticas tradicionais, a solidariedade e o reconhecimento da identidade de classe, como também o despertar para uma produção agrícola ecologicamente sustentável e produtiva. Sobre a criação de leis no dia 24 de agosto de 2024 o Governo do Estado da Bahia regulamentou a Lei da Agroecologia e Produção Orgânica (Nº 14.564 de 16 de maio de 2023), resultado de uma longa luta coletiva de coletivos por uma agricultura sustentável, que irá viabilizar ainda mais investimentos públicos no setor.

No dia 17 e 18 de maio de 2024 aconteceu, na Sede da Associação Comunitária de Churé e também na propriedade da senhora Flávia, Seabra – BA, o curso “Processo de Produção dos Cafés Especiais: Colheita e Pós Colheita” (Figura 23). Essa formação foi viabilizada pela COOPERBIO em parceria com o SEBRAE e tinha como objetivo qualificar o processo de colheita e pós-colheita com foco na produção de cafés especiais.



Figura 23 – Formação do Glayco da Coopiatã sobre colheita e pós-colheita de café

Esse trabalho de formação em relação ao aumento produtivo de cafés especiais é uma preocupação relevante, pois a grande maioria dos cooperados ainda colhem os cafés de forma convencional com o manejo chamado de “derriça”, em que além de colher grãos em estágios de maturação diferentes: verde, maduro, seco, imaturo. Todo esse café é levado diretamente para o terreiro sem um processo de higienização dos grãos como a lavagem para retiradas dos cafés boias e a retirada dos grãos imaturos.

Essa realidade além de impedir a ampliação da produção de cafés especiais, contribui para o insucesso de parte das lavouras que não conseguem pagar os custos de produção como a adubação adequada e a colheita, visto que a maioria desse tipo de café são comercializados para “atravessa dores” e alimentam o mercado de commodities, sem agregar um valor para o agricultor familiar.

Nesse sentido, a cooperativa busca acessar o mercado de cafés especiais para assegurar uma comercialização que seja justa para quem vende e para quem compra, de modo a viabilizar a ampliação de um mercado que paga por compreender a importância de uma agricultura sustentável no processo de produção de produtos limpos e de excelente qualidade.

Dessa forma, observa-se que a Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos buscou ao longo de seu processo histórico de formação, subverter essa ordem ao desenvolver uma relação comercial baseada na Economia Solidária Popular que pode ser descrita em três fases. Primeiro, quando os cooperados encerram uma relação comercial com os “atravessa dores”, aquele que atravessa as dores do produtor, evitando alimentar o modelo do mercado tradicional de exploração do trabalho dos agricultores familiares e o enriquecimento da classe que detém o poder do capital. A segunda fase, se refere ao redimensionar demandas de desenvolvimento local e sua inclusão no cenário comercial territorial, estadual e nacional em relação a adoção da perspectiva agroecológica na certificação orgânica participativa, o que possibilitou o reconhecimento da qualidade dos cafés especiais de base agroecológica produzidos nos ambientes produtivos ligados à COOPERBIO de empresas de renome como a Wolff Café (SP) e a Aha Café (DF). A terceira fase, se trata do lançamento das linhas de café Tradicional, Gourmet e Especial no final de 2022, de modo a comercializar a própria marca, agregando ainda mais um valor ao produto e ao trabalho dos cooperados.

4.2 Pré-Núcleo Sementes da Chapada e Processo de Certificação Orgânica Participativa no Território

Desde sua fundação a COOPERBIO se constitui a partir de uma identidade e compromisso com a produção de base agroecológica. Essa característica viabilizou ampliação de novas lutas por políticas públicas de fortalecimento dos homens e mulheres do campo, como o surgimento do Pré-Núcleo Sementes da Chapada de Certificação Orgânica Participativa (Figura 24). Esse núcleo foi implementado no dia 07 de junho de 2023, na sede da Associação Comunitária de Churé, no município de Seabra-BA. O Pré-Núcleo é credenciado junto a Rede de Agroecologia Povos da Mata e apadrinhado pelo Núcleo de Certificação Participativa Raízes do Sertão, pertencente ao Território de Identidade Irecê. Este núcleo mãe orienta a formação e condução do novo núcleo no Território Chapada Diamantina.



Figura 24 – Coordenação do Núcleo Raízes do Sertão

Sobre produção orgânica São Joeira e Sucupira estabeleceram uma análise interessante:

SÃO JOEIRA - Uma coisa que, oh gente, uma coisa que o pessoal fala, se plantar é... como é que diz, a mesma coisa, sempre a mesma coisa, a mesma cultura, no mesmo lugar, disse que não produz. Eu já discordo, a não ser químico, agora orgânico já plantei a primeira, a segunda, a terceira, tô na quarta, tá entendendo? E tá saindo bonito, então acho que isso daí é o químico, porque o químico mata, não tem nada a ver (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

SUCUPIRA – tem muita coisa na questão da, o químico a gente costuma dizer que é uma, é uma produção, igual garimpo, você vai tirando, tirando, tirando, já na produção orgânica você tira, mas você tá colocando adubo, você tá colocando folha, então tem esse processo de enriquecer o solo né, você suga, mas coloca dinovo, é igual um banco né (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

SÃO JOEIRA – É, oh Abacateira, arou a terra, eu não tô mentindo não, olha o tamanho da folha de mostarda, eu não tô mentindo não, desse tamanho aqui, sem adubo, só com a terra (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Diante disso, observa-se que o saber agroecológico se concretiza, principalmente, através de intercâmbios de saberes. Na roda de conversa, dona São Joeira se refere a uma importante visita que agricultores e agricultoras da COOPERBIO fizeram, em agosto de 2023, em duas propriedades certificadas orgânicas, vinculadas ao Núcleo Raízes do Sertão e a OPAC (Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade) Rede de Agroecologia Povos da Mata de Certificação Orgânica Participativa¹⁰, nas cidades de Canarana-BA e Barro Alto-BA, ambas no território de Irecê.

Na propriedade Fazenda de Barriguda, em Canarana-BA, o objetivo era acompanhar na prática todo o processo de produção orgânica, bem como a preparação coletiva de uma horta agroecológica (Figura 25). Nessa ação os agricultores seabrenses interagiram com as técnicas de construção das leiras; a produção de matéria orgânica com capim triturado na forrageira, de modo a evitar a evaporação e assegurar a ação dos microrganismos no processo de liberação dos nutrientes para as plantas; a relevância das barreiras vegetais com os vizinhos não orgânicos, de modo a evitar a contaminação com agrotóxicos; preservação da fauna e da flora; destinação das águas cinzas, do lixo seco e orgânico; o zelo com os animais domésticos; o armazenamento das ferramentas; o registro das atividades desenvolvidas e da compra de insumos externos no caderno de campo; controle de erosões; recuperação e manutenção da fertilidade do solo; bem como técnicas de nutrição e fabricação de biofertilizantes, de modo a reduzir o uso de insumos externos, barateando os custos de produção

¹⁰ A Associação Povos da Mata de Certificação Participativa é a OPAC da Rede de Agroecologia Povos da Mata e é credenciado junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, desde agosto de 2016. Acesso em: <https://povosdamata.org.br>



Figura 25 – Após preparação dos canteiros é disponibilizado no solo, matéria orgânica, adquirida por meio de capim triturado na forrageira

Fabiano Novaes, dono da propriedade Flor de Barriguda, apresentou como é feito a fertirrigação de seus canteiros com bioinsumo líquido, receita que adaptou a partir das diversas formações que participou sobre o processo de produção orgânica. Segundo ele, essa receita engloba todas as outras receitas (chorume, microorganismos eficientes, compostagem, etc.), viabilizando uma nutrição mais completa e, consequentemente, maior produtividade, além de reduzir a mão de obra.

BIOINSUMO LÍQUIDO¹¹

INGREDIENTES PARA CAIXA DE 1000 LITROS:

90kg de esterco fresco.

2 caixas de cana triturada (ou melaço ou açúcar mascavo).

2 caixas de plantas trituradas (ex: São João, moringa, gliricidia, coração de banana, etc.) 6kg de cinzas.

6kg de pó de rocha.

Micro-organismos capturados com 1kg arroz cozido sem sal. PREPARO:
Coloca tudo na caixa d'água e completa com água, mexer duas vezes por dia entorno de 15 dias estará pronta para usar.

USO:

Pulverizar 10% em plantas adultas, 0,5% em plantas jovens, fertirrigação 20%. (FABIANO, 2023)

Outra visita realizada foi na agroindústria de Orgânicos do Quintal que fica na comunidade rural de Lagoa Funda, Barro Alto - BA, dos proprietários Matheus Fernandes e Paula Ferreira. O objetivo desse momento foi acompanhar como os alimentos orgânicos são processados numa agroindústria certificada e qual estrutura essa unidade precisa ter para atender as demandas de conformidades exigidas para

¹¹ Receita adaptada por Fabiano Novaes a partir de estudos e participação em formações de produção orgânica.

se obter uma certificação orgânica industrial. Nessa unidade industrial, além de verduras e legumes orgânicos é possível encontrar frutas, produtos desidratados, geleias, extrato de tomate, temperos, etc.

Nesse espaço, a proprietária relatou toda a história da propriedade que se iniciou com as hortas no quintal de sua casa e, ao longo do tempo as relações comerciais, principalmente após a adoção do manejo orgânico, foi adquirindo grandes proporções para o mercado in natura e também industrializados, o que passou a aumentar a renda da família e reduzir o desperdício.

Ora, isso que se compra no supermercado com o selo de “orgânico” é um produto, às vezes sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico, não é voltado para a vida. Se um quilo de carne orgânica é muito caro, o pobre não pode comprar; e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria – com ou sem veneno. (BISPO, p.65/66, 2023)

A respeito dessa abordagem de Antônio Bispo (2023), Paula Ferreira¹², uma das proprietárias da Agroindústria Orgânicos do Quintal disse uma frase interessante, “[...] primeiro é preciso disponibilizar e comercializar os alimentos orgânicos produzidos com as comunidades vizinhas, só após o excedente é encaminhado para outros territórios e para a capital Salvador”. Para ela, essa é a proposta agroecológica, primeiro se alimenta os mais próximos, depois os mais distantes. Essa visão vai de encontro a filosofia de que os alimentos melhores devem ser exportados. Nesse sentido, observa-se que a proposta agroecológica vai além do que as relações financeiras, pois os alimentos de base agroecológica devem ser acessíveis geograficamente, ambientalmente, socialmente e também financeiramente.

Sobre esse processo de transição para agrossistemas sustentáveis, Gliessman (2000), sinaliza a existência de três níveis de desenvolvimento: 1) incremento da eficiência de práticas convencionais de modo a reduzir consumo de insumos externos, danosos ao meio ambiente; 2) substituição de insumos e práticas convencionais por práticas alternativas de substituição de insumos contaminantes e

¹² Paula Ferreira, mulher, mãe, agricultora familiar de base agroecologia, certificada nos escopos de Produção Vegetal Primaria e Agroindústria. Possui formação em Pedagogia e Pós-Graduação em Gestão de Processo Educacionais Pela UNEB Campus XVI. Atualmente, coordena o projeto “Agroecologia em Rede: Mais Alimentos, Mais Vida”, financiado pela CAR, através da Rede de Agroecologia Povos da Mata.

degradantes ao meio ambiente; 3) redesenho dos agroecossistemas, para que estes funcionem com base em novos conjuntos e processos ecológicos, eliminando os problemas ao meio ambiente.

Com base nessa concepção, as discussões e a adoção de um processo de transição agroecológica, tem se expandido, a partir do manejo dos agroecossistemas com base ecológica, carecendo dessa forma, o repensar dos agricultores, de modo a conceber novas práticas de produção, cultivo, comercialização e consumo de alimentos mais saudáveis, o que perpassa por um processo educativo com vistas ao desenvolvimento sustentável agrícola de base familiar, bem como os princípios da agroecologia (Caporal; Costabeber, 2000).

Portanto, a agroecologia é uma ciência que adota uma relação ecológica diante do processo de produção, compreendido como uma interação que preserva a biodiversidade de espécies, onde os homens e mulheres não fazem parte do meio ambiente, eles são o próprio ambiente e interagem com os demais elementos como os animais, o solo, o cultivo, as pragas, as doenças, contribuindo para o equilíbrio do agroecossistema. Nesse jogo de interação, experimentações e pesquisa, os agricultores e agricultoras compreendem as ações e os tipos de manejo que deve realizar para construir bases agroecológicas sólidas capazes de viabilizar a manutenção crescente da capacidade produtiva do solo, a diversidade, a qualidade e a quantidade de tipos de alimentos que é possível produzir dentro do mesmo ambiente produtivo.

Nessa perspectiva, de acordo com Altieri e Nicholls (2000), a interação entre os diversos componentes bióticos do agroecossistema contribuem positivamente com o controle biológico de pragas, reciclagem de nutrientes, conservação da água, conservação e/ou regeneração do solo, além do aumento da produtividade agrícola de forma sustentável.

Nesse sentido, a importância da agroecologia serve para a implantação de políticas públicas que viabilizem o incentivo de um modelo de agricultura ambientalmente sustentável, economicamente viável e produtiva. Contribui ainda na luta pela segurança alimentar, proteção dos ambientes degradados pelo capitalismo, a luta pelo direito à terra (Guhur, Silva, 2021).

Nesse momento em que todos os agricultores e agricultoras têm sua propriedade visitada pelos membros dos grupos (Figura 26, 27, 28, 29 e 30), observa-se que ocorre um processo de formação continuada a partir da integração e

partilha de conhecimentos agroecológicos. Essa prática continuada contribui para que os agricultores tenham autonomia em relação ao custo de produção e o controle, anotado no caderno de campo, de manejo adequado a ser realizado para atender cada demanda; bem como constitui-se uma interrelação de saberes coletivos, um saber sólido construído a partir do diálogo.



Figura 26 Grupo Barroca (Pré- núcleo Sementes da Chapada)



Figura 27 – Grupo Seriema da Serra (Pré- núcleo Sementes da Chapada)



Figura 28 – Grupo Terra Mãe (Pré- núcleo Sementes da Chapada)



Figura 29 – Grupo Quilombola Serrano - (Pré- núcleo Sementes da Chapada)



Figura 30 – Grupo Vida Nova - (Pré-núcleo Sementes da Chapada)

No mês de julho (6) de 2024, na Câmara de Vereadores de Seabra, ocorreu a entrega de certificados a 50 agricultores e agricultoras (Figura 31) que durante o período de mais de 12 meses tiveram acompanhamento de membros do Núcleo Raízes do Sertão e da Rede de Agroecologia Povos da Mata. Nesse encontro a fala de cada pessoa que participou de forma direta durante o processo de concretização

do Pré-núcleo Sementes da Chapada, bem como a formação e certificação dos agricultores e agricultoras do território da Chapada Diamantina foram relevantes, uma vez que diversas representações políticas e de empreendimentos públicos e privados estavam presentes para compreender as necessidades apresentadas para o processo de construção de uma agricultura ambientalmente sustentável no território.



Figura 31 Agricultores e agricultoras que obtiveram a certificação orgânica participativa

Por fim, esse momento de celebração demonstra o poder da coletividade para a transformação de uma realidade local, da força de um saber construído a partir do diálogo e das necessidades dos homens e mulheres do campo. Nesse contexto, é possível afirmar que a COOPERBIO cumpre um relevante papel no processo de transformação da realidade local.

BANANEIRA – [...] a gente já produzia orgânicos, mas não podia provar. É uma prova que a gente tem e pode dizer tem aqui o certificado (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

SUCUPIRA – o objetivo da, do do núcleo né é basicamente certificar né, a gente tem outros horizontes, a comercialização tal, mas é certificar e aí a gente entra agora na reta final de um outro sonho que a cooperativa ainda tem que é ver o selo de orgânico nos nossos cafés, né [...] E aí agora a cooperativa tem os seus espaços, mas a gente ainda não conseguiu, por que veio o projeto, mas aí tem uma série de ajustes que precisam ser feitos nos espaços para poder né ter aprovação da vigilância sanitária e da certificação (COOPERBIO, Roda de conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Tais lutas para certificar tanto as unidades produtivas quanto as unidades industriais, contribuíram para que os cooperados valorizassem não só o seu trabalho, mas também a necessidade de a COOPERBIO ter a sua própria marca, de modo a agregar um valor capaz de movimentar economicamente a comunidade e as famílias.

Segundo Santos (2005), a localidade não comprehende apenas um espaço físico de delimitações geográficas, mas também um conjunto de elementos que se articulam para a formação política do sujeito na sua integralidade, propiciando-lhe condições de agir de forma contra-hegemônica perante o modelo de globalização neoliberal na perspectiva de outro processo de desenvolvimento, mais humanizado e equilibrado. (Lima, 2022).

Nesse contexto, observa-se que buscar novas alternativas e relações comerciais com empresas que valorizam a história por trás do processo produtivo, um manejo mais sustentável, perfil do trabalhador e sua relação com a terra e o seu território de identidade, foi um processo construído a partir das necessidades dos agricultores familiares para valorizar sua história.

Assim, viabilizou-se o início de um processo que certamente irá, a longo prazo, contribuir para o desenvolvimento local solidário e participativo dos sujeitos, valorizando o trabalho, “[...] a cooperação, autogestão, associação, ação econômica e solidariedade” (Lima, 2022, p. 137). Um sujeito dotado de conhecimento, capaz de identificar e impedir imposições externas que vão de encontro ao saber que construiu coletivamente, um agricultor ou agricultora que comprehende a relevância do cooperativismo, um indivíduo que sabe produzir de forma sustentável, que valoriza o seu trabalho e o seu produto, que participa de uma rede de conhecimentos agroecológicos potencializa a saúde, o meio ambiente, a segurança alimentar, o respeito às mulheres, ao acesso ao alimento de qualidade e com preço justo, as mobilizações políticas, etc.

Para Lima (2022), as organizações cooperativas que atuam com bases nos princípios de Gestão Democrática; Participação Econômica; Autonomia e Independência; Educação, Formação e Informação; cumprem um papel importante social ao promover o desenvolvimento de agricultores familiares que, juntos, fortalecem uma identidade comunitária, política, educativa, produtiva, sustentável; criam estratégias econômicas participativas como feiras, plataformas digitais, compras e vendas coletivas, além de promoverem o reconhecimento da identidade de classe.

Economia Popular e Solidária, principalmente em nível local, por serem capazes de influenciar decisivamente no aumento da produtividade e das estruturas que viabilizam menores custos, possibilidades reais de saúde preventiva, processos educativos, preço justo e consumo consciente, facilitando então o desenvolvimento local solidário e das redes de economia solidária (Mance, 2004; In: Lima, 2022).

Nesse contexto, observa-se que ações de base popular promovidas por cooperativas, nesse caso as ações desenvolvidas pela COOPERBIO, contribuem para o desenvolvimento de uma Economia Popular Solidária, bem como para a ampliação de mecanismos políticos de valorização da agricultura familiar, orgânica e agroecológica, como estratégias de desenvolvimento local e solidário, de modo a conectar os sujeitos com a sua territorialidade, co responsabilizando-os com o enfrentamento e superação dos problemas, bem como os resultados; envolvendo-os não só com processo de produção, mas também, de forma direta, com as relações econômicas e a criação de leis. (Lima, 2022, p.139)

“Toda política é um instrumento colonialista, porque a política diz respeito à gestão da vida alheia. Política não é autogestão. A política é produzida por um grupo que se entende iluminado e que, por isso, tem que ser protagonista da vida alheia.” (Bispo, P.28,)

Nesse sentido, é relevante compreender, a partir de uma visão contracolonialista, que as políticas públicas através do Edital Alianças Produtivas (2019), apostaram nas cooperativas como articuladoras para o desenvolvimento econômico territorial, tendo a plena consciência de estarem realizando uma ação política coadjuvante. Nesse caso o protagonismo foi assumido pelas organizações coletivas e seu alto potencial econômico e de mobilização de agricultores e agricultoras familiares, exigiram do Governo do Estado da Bahia, pelo resultado já demonstrado, a ampliação de novas políticas públicas, desenhadas a partir de ações contracoloniais desses camponeses e camponesas para fortalecer sua territorialidade. Ações capazes de viabilizar o fortalecimento desses coletivos e da agricultura familiar, de modo a atender às necessidades econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas dessas comunidades, bem como, o acesso a tecnologias capazes de qualificar ainda mais a produção de cafés da região.

Segundo Freire (2006), o “homem é um ser de práxis, da ação e da reflexão” (Freire, 2006, p. 28), que através da relação e da ação do homem sobre o mundo, comprehende sua capacidade de transformar sua realidade a partir da pesquisa e observação dos resultados de sua própria ação. Ao transformar, cria novas realidades que vão condicionando a forma individual e posteriormente coletiva de atuar sobre o meio em que está inserido, a sociedade, o território e outros mundos.

Historicamente, essas comunidades enfrentam um processo de colonização técnico-científica-epistemológica quanto à produção de café a partir das

ações impositivas do Estado de viabilizar financiamentos a agricultores que adotassem o padrão de uma agricultura química e intensiva. No entanto, observa-se que a implantação de um sistema alternativo de manejo como o Sistema Agroflorestal com árvores nativas nos ambientes produtivos do povoado de Churé e comunidades do campo ao norte de Seabra, apresenta-se como uma alternativa de produção sustentável e de transição agroecológica e um ato decolonial enquanto proposta de ruptura com o modelo de agricultura convencional vigente, um ato contracolonial agrícola de enfrentamento da imposição de uma agricultura intensiva.

Diante disso, observa-se que os espaços escolares se preocupem em formar sujeitos conectados com sua territorialidade, de modo a se corresponsabilizar com os problemas comunitários a ponto de querer criar estratégias de superação. É preciso pisar mais firmemente no chão do seu território de identidade para protegê-lo de possíveis invasões colonialistas. “É você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender” (Bispo, p.36, 2023). Nesse sentido, se defender pode ser representado pelo desejo de plantar as nossas próprias sementes; utilizar a terra que precisamos e não a que querem; cultivar o solo como algo vivo e não com uma base exploratória e inesgotável; usar a terra e a água não como um bem particular, mas como um bem coletivo que será utilizado por outras gerações e, por isso, precisam serem preservados para assegurar a existências dos que virão; manejar a partir de um pensamento ecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justa.

4.3 Espécies arbóreas com potencial para compor o sistema agroflorestal na produção de café dos agricultores

Em relação ao objetivo 2 “Identificar espécies arbóreas nativas com potencial para compor o sistema agroflorestal na produção de café dos agricultores” durante a roda de conversa, os participantes demonstraram conhecimento de vida sobre quais as espécies de árvores nativas adequadas ao SAF na cafeicultura. A partir dessa temática, muitos cooperados com base nos ensinamentos da produção orgânica agroecológica, passaram a preservar árvores nativas cachimbinho (Figura 32), paratudo (Figura 33), copaíba (Figura 34), São João (Figura 35), farinha seca (Figura 36), macaqueira (Figura 37), jaqueira (Figura 38), mulungu (Figura 39), caibeiro (Figura 40), ingazeira (Figura 41), jatobá (Figura 42) etc. e plantar frutíferas como a

jaqueira e o abacateiro. O objetivo era criar um microclima de modo a viabilizar a renovação do solo, a preservação da biodiversidade, o aproveitamento da umidade em relação aos baixos níveis de chuva, a maturação dos grãos no tempo adequado para extração da essência de um excelente café.



Figura 32 – Cachimbinho num sistema agroflorestal em Seabra – BA

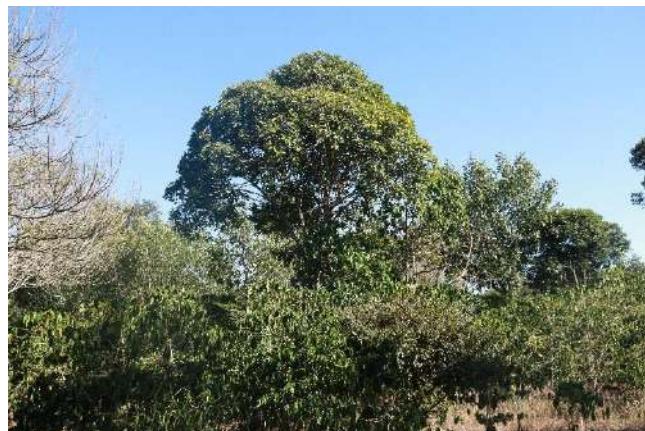


Figura 33 – Paratudo num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 34 – Copaíba num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 35 – São João com flores amarelas num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 36 – Farinha seca num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 37 – Macaqueira num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 38 – Jaqueira num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 39 – Mulungu num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 40 – Caibeiro num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 41 – Ingazeira num sistema agroflorestal em Seabra – BA



Figura 42 – Jatobá num sistema agroflorestal em Seabra – BA

INGAZEIRA - São João, e cachibim, gente? É bom! Ingá (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

CAIBEIRA – o abacate, a santa bárbara pra nós lá beleza, o caibeiro (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

SÃO JOEIRA – Mata barata (paratudo), feijão-de-porco (leguminosa).

CANDEIA – Estraladeira, pra mim agora [...] o pé de candeia [...] (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

BANANEIRA – Mulungu aqui é bom pra café (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

PARATUDO – A jaca. (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025). SUCUPIRA – a jaca o abacate, o são joeiro, todas planta que dá vagem é leguminosa, o ingá, o são joeiro, aí a gente fala do feijão, mas também tem plantas nativas que são leguminosas também, leguminosa o que que a gente pensa primeiro, fixação de nitrogênio também, a parte verde da planta, ela tira do ar, ela consegue tirar do ar e jogar para a raiz para planta consumir daquilo ali, então eu acho que é questão de experimentar, tem plantas que a gente tem aqui que a gente não vai ter um lugar nenhum, então muito de experimentar [...] então se eu pego uma planta que já é adaptada a região e plantado num solo degradado, ela vai ser mais resistente, ela vai conseguir resistir a questão da água, a questão do clima [...] e conseguir fazer essa recuperação mais natural do solo né (COOPERBIO, Roda de Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

QUARESMA – Umbaúba, ingá foi a planta mais falada lá na SIC, foi sobre o ingá [...] a gente tá focado muito nas árvores, mas lá na SIC eles apresentaram muito as [...] leguminosas que também favorece para o equilíbrio das pragas, na roça, a gente fala muito do sombreamento, mas também tem a questão do solo que a gente pode também melhorar, potencializar, cultivando leguminosas diferentes, né (COOPERBIO, Roda de

Conversa, 01 de fevereiro de 2025).

Esse SAF foi adotado principalmente por agricultores jovens e também por agricultores que já havia experienciado o esgotamento e abandono de suas terras por causa da exploração agrícola incentivado pelos créditos rurais e a forte influência do capitalismo e a Revolução Verde no processo de modernização tecnológica e o uso de veneno para o aumento da produção.

Inicialmente alguns agricultores implantaram esse sistema de manejo com o objetivo de manter a umidade do solo por mais tempo e viabilizar o aproveitamento das águas das chuvas. Porém, aos longos dos anos, a partir da postura de um agricultor pesquisador que aprende e transmite suas experiências, estabelecendo um espaço informal de profissionalização para as gerações futuras, outras concepções agroecológicas foram sendo compreendidas e praticadas como: a identificação e controle de espécies nativas adequadas ao cafeeiro, preservação da biodiversidade animal e vegetal, a manutenção da fertilidade do solo por meio de adubação e cobertura com matéria orgânica, controle de pragas e doenças com doses homeopáticas.

No entanto, a implantação do SAF na cafeicultura seabrense apresentou inicialmente alguns desafios como a baixa produtividade por causa de espécies inadequadas ao sistema agroflorestal, o controle das árvores a partir de podas sistemáticas para a entrada de luz. À medida que esses desafios foram sendo vencidos, aos poucos outros agricultores também foram aderindo ao SAF, viabilizando novas perspectivas de manejo e relação com os ambientes produtivos de forma sustentável e economicamente viável, de modo a suprir a carência da região de baixos índices pluviométricos, assegurando a sobrevivências dos seres vivos presentes no solo e em todo o ecossistema no qual a unidade produtiva está inserida, ecossistema que também necessita estar equilibrado, uma vez que agricultor e agricultora faz parte e depende para seguir produzindo.

4.4 Documentário com a adoção de SAF com árvores nativas na cafeicultura no município de Seabra, Chapada Diamantina, Bahia.

Em relação ao objetivo 3 “Producir um documentário com a adoção de SAF com árvores nativas na cafeicultura no município de Seabra, Chapada Diamantina, Bahia”

a proposta foi de produzir um material audiovisual sobre o “O processo de fortalecimento dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO” (Figura 43 e 44).

Esse **produto audiovisual**, dividido em dois episódios, registra as experiências e os saberes de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, no município de Seabra (BA), a partir da adoção de sistemas agroflorestais com espécies nativas na produção de café. Resultado de visitas realizadas durante o acompanhamento técnico às propriedades, o material valoriza práticas agroecológicas e dá visibilidade ao protagonismo da agricultura familiar na Chapada Diamantina. No **episódio 1**, “*Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas*”, são destacadas as técnicas já consolidadas pelas famílias agricultoras da COOPERBIO, como podas, compostagem, produção de insumos orgânicos e certificação participativa. O episódio também evidencia os múltiplos benefícios dos SAFs e o papel estratégico das árvores nativas na promoção de uma cafeicultura sustentável. Já o **episódio 2**, “*Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina*”, mergulha nos processos de colheita e pós-colheita realizados com rigor e cuidado pelas famílias agricultoras, fundamentais para garantir a qualidade dos cafés especiais produzidos na região. O episódio revela como tradição, inovação e manejo agroecológico se unem para transformar o café em um verdadeiro diamante da Chapada.

Todos os momentos de produção do documentário teve a contribuição do jornalista e diretor de fotografia Iago Aquino, as gravações foram feitas em visitas nas propriedades realizadas durante o processo de acompanhamento das ações da cooperativa realizadas durante a pesquisa, No episódio 1 “Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas” a proposta era por um lado apresentar todo o conhecimento já praticado nas unidades produtivas da COOPERBIO sobre manejo agroecológico como podas, compostagem, fabricação de insumos orgânicos, certificação orgânica, etc.; e por outro lado revelar os benefícios do SAF e as árvores nativas com potencial a produção de café agroflorestal.



Figura 43 – Gravação do documentário



Figura 44 – Gravação do documentário

Após o fim do ciclo do diamante, a população da Chapada Diamantina ficou desorientada e numa “crença messiânica” de que outra fonte de renda substituiria de imediato o poderio econômico do diamante na região. No entanto, além do esvaziamento populacional, a região se viu na necessidade de encontrar outras fontes de desenvolvimento econômico como a cachaça, a criação de animais, o café e, recentemente, o vinho.

A partir da década de 1990 produtores de café da região, guiados pela ascensão mundial dos cafés especiais e dos benefícios comerciais, iniciaram o processo de produção desse tipo de café no território. Isso pelo fato de a Chapada Diamantina apresentar características favoráveis como altitudes entre 800 e 1300 metros, além de solos ricos em matéria orgânica e o clima com estações secas e chuvosas bem definidas que favorecem a maturação uniforme dos grãos e a produção de cafés acima de 85 pontos, os novos diamantes da Chapada, grãos de

café com sabores complexos, acidez equilibrada e aromas diferenciados; características garimpadas por provadores no mercado de cafés especiais e encontradas em cidades do território da Chapada Diamantina como: Piatã, Seabra, Abaíra, Ibicoara, Mucugê, Lençóis, etc.

No território, esse novo diamante foi descoberto a partir do reconhecimento em concursos de qualidade como o Cup of Excellence realizado pela Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA) em parceria com a Agência Brasileira de Promoções de Exportações e investimentos (ApexBrasil) e a Alliance for Coffee Excellence, em que Rigno de Oliveira Filho, na Fazenda Tijuco (Coopiatã), conseguiu o tetracampeonato no ano de 2022, com a nota de 91,41. Esses tipos de concursos incentivaram a ampliação da produção de café especiais no território da Chapada, por agregar um valor justo ao produto e por valorizar as boas práticas de um cultivo sustentável, além de viabilizar o turismo rural.

Essa realidade contribuiu para o registro da Indicação Geográfica (IG) Chapada Diamantina, reconhecida no Brasil, para produtos que possuem características especiais e únicas associadas a uma região geográfica específica. Esse reconhecimento foi celebrado na Semana Internacional do Café de 2023 (Figura 45), em Minas Gerais.



Figura 45 - Certificado da IG Chapada Diamantina na SIC - Semana Internacional do Café - Minas Gerais

O reconhecimento da Indicação Geográfica (IG) Chapada Diamantina representa muito mais que um selo de qualidade: simboliza o resultado de uma luta coletiva

construída com esforço, dedicação e pertencimento dos agricultores e agricultoras da região da Chapada Diamantina para reconhecer esse território como uma região com características únicas, associadas diretamente ao seu território, clima, solo e saberes tradicionais.

Essa conquista marca um importante passo na valorização da agricultura familiar e na preservação da identidade cultural e produtiva da região. A celebração oficial do reconhecimento da IG, ocorrida durante a Semana Internacional do Café de 2023, em Minas Gerais, foi um momento simbólico de vitória para todos os que integram essa trajetória, fortalecendo a visibilidade dos produtores e abrindo novos caminhos para o desenvolvimento sustentável com base na economia solidária e na agroecologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto rural da Chapada Diamantina, a “revolução verde” foi implementada por meio de políticas de financiamento que, embora tenham incentivado a expansão da cafeicultura, não promoveram mudanças significativas para o desenvolvimento do campo, devido à fragilidade da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) voltada para agricultores familiares. Sob o domínio dos coronéis, grandes proprietários de terra, consolidou-se um modelo de agricultura convencional baseado em manejo agressivo ao solo, o uso intensivo de adubos químicos e agrotóxicos. Esse modelo de produção, além de representar altos custos, provocou o esgotamento da fertilidade dos solos, bem como o abandono de extensas áreas, hoje utilizadas como pastagem. Ao mesmo tempo, excluiu os agricultores familiares e silenciou iniciativas de manejo sustentável entre as décadas de 1970 e o final da década de 1990. Como consequência, muitos passaram a perceber a agricultura local como economicamente inviável, optando pelo êxodo rural em busca de oportunidades nas grandes cidades, o que ameaçou a sucessão rural e enfraqueceu a produção agrícola no território da Chapada Diamantina.

Nesse cenário, a descrição da experiência mediada pelo coletivo COOPERBIO para o redesenho da produção de café em Sistema Agroflorestal (SAF) com espécies arbóreas nativas, no município de Seabra, mostrou ser uma estratégia de enfrentamento a esse modelo agrícola convencional imposto pela lógica capitalista e consumista.

Tornava-se necessário reorganizar a luta e estruturar uma organização de base popular. Nesse contexto, a cooperativa foi constituída tendo como núcleo formador agricultores e agricultoras comprometidos não apenas com a produção de alimentos, mas também com o acesso a novos conhecimentos e a ampliação de suas capacidades técnicas. Entre as motivações que impulsionaram esse processo, destacam-se o interesse em participar da qualificação da produção de cafés especiais, a adoção de práticas agroecológicas, a obtenção de certificação orgânica da propriedade e os alimentos produzidos, a industrialização dos produtos e a busca por formas de comercialização capazes de assegurar preços justos que remunerassem de maneira adequada todas as etapas da cadeia produtiva.

No final da década de 1990, a partir de intercâmbios com cafeicultores dos municípios de Baturité e Caucaia no Ceará, numa parceria entre o Serviço Brasileiro

de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Fundação Centro de Educação Popular em Defesa do Meio Ambiente (CEPEMA), os agricultores do território da Chapada Diamantina não só tiveram a oportunidade de acessar novos conhecimento como a agrofloresta, mas também o despertar para uma conexão com os saberes ancestrais de que debaixo das jaqueiras o cafezais eram mais produtivos, que eram debaixo dessas árvores, por ser mais úmido, que se retiravam as mudas de café para compor a lavoura. Essa conexão viabilizou estabelecer um maior sentido ao novo saber sobre agrofloresta, bem como o reconhecimento da importância e experimentação de árvores nativas no processo de implantação de SAFs no território da Chapada Diamantina.

ssa fase de consciência de que o saber não é mercadoria e de que quanto mais se ensina, mais se aprende, proporcionou ainda, a partir da retomada da prática da agrofloresta, o fortalecimento dos conhecimentos em práticas agroecológicas como a produção de insumos orgânicos e intercâmbios de vivências com a agricultura biodinâmica e orgânica que, além de promover a formação de cooperados por meio de partilhamento de experiências, encorajou esses camponeses a iniciar um processo de investigação e observação das práticas que obtinham resultados positivos, no qual o custo era viável.

Muitos desses saberes agroecológicos foram sendo fortalecidos por meio de diálogos formativos. Essa troca de experiências, além de viabilizar a produção de insumos orgânicos próprios—fato que contribuiu para o aumento da produtividade e também para a redução dos custos de produção—ampliou o acesso a outros conhecimentos, como a poda dos cafezais e o uso de novas espécies de árvores inseridas nos SAFs. O reconhecimento e valorização desses saberes tradicionais revelam-se essenciais para a reorganização da luta coletiva por uma agricultura sustentável.

Essas práticas visam atender às necessidades das plantas quanto ao fornecimento de matéria orgânica e luminosidade, bem como favorecer o redesenho agroecossistêmico. Tal redesenho tornou-se necessário uma vez que, após mais de duas décadas, algumas espécies já haviam completado seu ciclo produtivo e estavam no momento de serem retiradas dos sistemas. Nesse processo, alguns agricultores iniciaram um plantio planejado, considerando a organização dos estratos agroflorestais (emergente, alto, médio e baixo), a fim de ampliar a capacidade produtiva por meio da melhor distribuição de luz e do aumento da incorporação de

matéria orgânica ao solo.

O passo seguinte consistiu na participação em lutas coletivas de maior abrangência, voltadas à valorização da produção orgânica e agroecológica, destacando-se a conquista da Lei da Agroecologia e Produção Orgânica (Lei nº 14.564, de 16 de maio de 2023). Essa regulamentação representou não apenas o reconhecimento da importância de uma agricultura sustentável, mas também a validação de uma trajetória histórica de lutas, da qual a COOPERBIO é parte integrante. Inserida nesse contexto, a cooperativa passou a acessar editais e chamadas públicas que resultaram na inclusão definitiva de seus cooperados em processos de inovação tecnológica voltados à produção de cafés especiais, cultivados segundo manejos agroecológicos e orgânicos.

Diante desse cenário, a trajetória inicial da cooperativa em relação à certificação orgânica deu-se por meio do sistema de certificação por auditoria, o qual, ao longo dos anos, revelou-se insatisfatório, tanto por motivos financeiros quanto por adotar uma lógica predominantemente punitiva, em detrimento de uma abordagem formativa. Nessa perspectiva, a partir de 2023, iniciou-se o processo de transição para a certificação orgânica participativa da propriedade, culminando na entrega dos primeiros certificados em julho de 2024. Portanto, observa-se que o café foi o principal produto que conduziu essa conquista de certificação participativa da propriedade, no entanto, esse modelo favoreceu a reconhecimento de produção sustentável e orgânica de outros produtos como a mandioca, o aipim, a laranja, o limão, o abacate, a jaca, a banana, a batata doce, hortaliças, etc., o que fortalece ainda mais essa perspectiva agroecológica de diversidade produtiva. Paralelamente, foi constituído o pré-núcleo “Sementes da Chapada”, com o objetivo de assegurar, não apenas aos cooperados, mas também a todos os produtores da Chapada Diamantina, um modelo de certificação economicamente acessível, ambientalmente sustentável e socialmente justo, fortalecendo, assim, o processo de transição agroecológica.

Nessa perspectiva, evidencia-se que os saberes tradicionais relacionados ao uso de ervas medicinais, tão bem revelados durante a roda de vivência anterior à roda de conversa, constituem possivelmente a primeira forma de conexão dos participantes com a agrofloresta. Essas práticas aproximam as pessoas da natureza e despertam nelas a consciência sobre a importância da preservação ambiental para a manutenção harmoniosa da vida humana e dos demais seres vivos. Nas falas dos

participantes, ressalta-se o papel fundamental das mulheres nesse processo, uma vez que, além de utilizarem cada erva medicinal com explicações fundamentadas acerca de seus efeitos terapêuticos, eram também responsáveis pela transmissão desses saberes. Tal dinâmica evidencia a autonomia das comunidades tradicionais, contrapondo-se à dependência dos conhecimentos que foram apropriados e transformados em mercadorias no contexto contemporâneo.

Além disso, observa-se a relação desses sujeitos com os processos produtivos, manifestada no manejo agroecológico, como a utilização de árvores inseridas no meio dos cafezais e o aproveitamento da matéria orgânica proveniente da capina como fonte de nutrientes, reduzindo a dependência de insumos externos. O reconhecimento e a valorização desses saberes tradicionais revelam-se essenciais para a reorganização da luta coletiva, de modo a evitar que seja necessário aguardar o desaparecimento de comunidades indígenas ou quilombolas para então retomar a mobilização social.

Essa afirmação precisa ser constante, pois não há um ponto final nesse processo; trata-se de um ciclo contínuo, uma vez que se fundamenta na responsabilidade de conectar as gerações futuras à ancestralidade, à territorialidade e à identidade social, cultural e política dos povos tradicionais.

Nesse processo de formação, Leff (2001) aborda a Educação Ambiental como indispensável para promover a formação de um pensamento não reproduutor de modelos prontos, mas crítico para identificar os problemas comunitários e relacioná-los com os problemas sociais e mundiais e criativo, capaz de planejar soluções sustentáveis para o enfrentamento de problemas que afetam o ambiente coletivo. Por esse motivo, a relação professor/aluno precisa ser mais horizontalizada e necessita valorizar e incentivar as potencialidades criativas e os diversos saberes de indivíduos históricos, culturais, sociais e políticos. Só assim, os espaços formais e não formais de conhecimento estarão contribuindo para a formação de uma sociedade capaz de criar suas peculiares soluções para os seus próprios problemas. Uma sociedade que se organiza em coletivos para se fortalecer, se ouvir, aprender, compartilhar, criar, transformar.

Dante disso, observa-se que as concepções agroecológicas implantadas, a partir do processo de formação do coletivo COOPERBIO, buscaram desarticular a ordem padrão estabelecida pela agricultura convencional conservacionista para articular uma sociedade ambientalmente justa, capaz de criar alternativas de

convivências ambientais produtivas, economicamente viáveis e ambientalmente sustentáveis, como a criação de leis como a Lei de Agroecologia e Produção Orgânica (Nº 14.564 de 16 de maio de 2023), que é uma conquista não só do coletivo COOPERBIO, mas de uma luta de diversos coletivos que buscam o reconhecimento da agricultura sustentável nas políticas públicas nacionais e estaduais.

Sobre justiça ambiental, é possível afirmar que os ambientes produtivos ligados a COOPERBIO, iniciou um processo de fortalecimento do saber agroecológico a partir da interação dos saberes tradicionais locais com as vivências e experimentos, em relação ao conceito de agricultura agroecológica e orgânica, contribuiu para a emancipação do saber dos sujeitos do campo do município de Seabra, ao ampliar e adquirir novos conhecimentos sustentáveis no processo de produção do café.

É possível afirmar, com base nos ensinamentos de Costa Neto (2016), que a organização coletiva da COOPERBIO construiu coletivamente um ato contra o colonial com o objetivo de curar as “feridas” e “cicatrizes” de vozes silenciadas, de experiências corrompidas, de saberes invisibilizados, de corpos violados por um sistema opressor. Portanto, fortalecer as organizações coletivas e promover práticas educacionais contracoloniais é fundamental para vivenciar, tanto em espaços formais quanto informais de conhecimento, uma Educação Ambiental Crítica. Essa abordagem contribui significativamente para a formação de uma sociedade capaz de analisar, de forma profunda e contextualizada, as realidades e desigualdades ambientais, as exclusões sociais históricas, os conflitos socioambientais e os mecanismos de opressão e dominação. Além disso, permite uma compreensão crítica da padronização etnocêntrica que marginaliza as formas próprias de organização social e política dos povos tradicionais, abrindo caminho para a formação de uma sociedade transformadora, comprometida com a justiça ambiental.

No entanto, não sejamos ingênuos! Se tratando de liberdade essa história jamais terá um fim. Como diz Nego Bispo (2023), “nós somos o começo, o meio e o começo. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.” A liberdade não pode se dar ao luxo de deitar numa rede debaixo de um pé de paratudo, ouvindo o canto dos pássaros como se todas as ameaças tivessem sido sanadas. Os quilombos e as aldeias precisam ficar de orelha levantada, atentos! Sempre irá aparecer alguém tentando nos colonizar ou negociar a nossa liberdade: um político, uma grande indústria de veneno, uma empreiteira, uma empresa de energia, uma

mineradora... É tempo de contracolonização! É tempo de resgatar práticas tradicionais de modo a potencializar as interações e o envolvimento das comunidades! É tempo de restabelecer um diálogo com nossa ancestralidade! É tempo de nos conectar com nossa territorialidade! É tempo de pisar firme em nosso território.

Nesse contexto de evolução, é preciso sistematizar uma Educação do Campo capaz de promover a extensão rural diante desse processo de reorganização da luta. Essa luta deve se iniciar com um modelo de Escola do Campo, com um Projeto Político Pedagógico, um currículo adequado a essa realidade, e investimentos direcionados para promover estratégias sustentáveis de enfrentamento dos problemas que afetam os recursos ambientais coletivos, de modo a evitar adotar modelos prontos de desenvolvimento que já vêm sabendo que serão os explorados e os exploradores, os opressores e os oprimidos.

Assim, aliada a Educação Ambiental Crítica, a Economia Popular e Solidária como prática de reprodução da vida social e material possibilita a compreensão da complexidade das relações de trabalho pelos sujeitos que, juntamente com a Educação Popular Pública Contracolonial, promove o envolvimento dos jovens e adultos no contexto social do território, o desenvolvimento de interações dialógicas entre o estudante e as organizações sociais coletivas, entre protagonismo do sujeito e as instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem, visto que o conhecimento se torna significativo quando o indivíduo aprende participando, experimentando, construindo, intervindo, transformando a sua comunidade, a sua aldeia, a sua periferia, o seu quilombo.

6. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M In FERRARI, Eugênio A.; SILVA, Nívea Regina; SILVA, Márcio Gomes. Conhecimento Agroecológico In: DIAS, Alexandre Pessoa et al., Dicionário de Agroecologia e Educação. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 253-259.

ALTIERI, Miguel. Bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BAHIA. Secretaria do Meio Ambiente. *Relatório técnico do CAR – Cadastro Ambiental Rural no Estado da Bahia*. Salvador: SEMA, 2022. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BARDIN, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

BRANDÃO, C. R.(2006). O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense.

BRANDÃO, Carlos R. - Educação Popular. Editora Brasiliense. Volume 318. Coleção Primeiros Passos. 2006

BRASIL, Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRUNA VIOLA. Vida. Participação de Chitãozinho & Xororó. Produção musical de Gabriel Pascoal. São Paulo: Universal Music, 2024. 1 faixa sonora (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LINK> (ou Spotify, Deezer etc.). Acesso em: 1 jun. 2025.

CAFÉPOINT. Cafeicultor de Piatã vence o Cup of Excellence 2022. CaféPoint, 2022. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/cafeicultor-de-piata-vence-o-cup-of-excellence-2022-231892/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CAMARGO, P. de; CAMARGO, M. B. P. de. Definição e esquematização das fases fenológicas do cafeiro arábica nas condições tropicais do Brasil. Bragantia, v. 60, n. 1, p. 65–68, 2001.

CAMPOS, G.W.S. (2000). Um método para análise Rodas de Conversa. Retirado em 26 de novembro de 2012 de <http://www.rodasdeconversas.wordpress.com/>. /material-de-apoio/.e co-gestão de coletivos. São Paulo: HUCITEC.

CAR, 2024, Edital 10 Seleção de Subprojetos para Alianças Produtivas Territoriais. Acessado em: <https://www.car.ba.gov.br/node/11191>

COSTA NETO, Antonio Gomes da. A Denúncia de Cesáire ao Pensamento Decolonial. Revista EIXO, Brasília – DF, v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2016.

EMBRAPA 2024, Chefe-geral da Embrapa Amapá participa do evento Embrapa 50+ em Brasília. Acessado
<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/88720038/chefe-geral-da-embrapa-amapa-participa-do-evento-embrapa-50-em-brasilia>

EMBRAPA 2024, Produção mundial de café para safra 2023-2024 totaliza 171,4 milhões de sacas de 60kg. Acessado

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Café na Bahia: dados e informações*. Brasília, DF: Embrapa, 2024.

FIGUEIREDO, João B. A. AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA GT: Educação Ambiental/ n. 22. 2022.

FRACO, Fernando Silveira. Agrofloresta – sistemas agroflorestais In: DIAS, Alexandre Pessoa et al., Dicionário de Agroecologia e Educação. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 84-90.

FREIRE Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. . Co

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, ... atualizada, São Paulo: Cortez, 2007.

GLIESSMAN, S. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívea Regina. Agroecologia In: DIAS, Alexandre Pessoa et al., Dicionário de Agroecologia e Educação. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 59-73.

HADICH, Ceres; ANDRADE, Gilmar. Revolução Verde In: DIAS, Alexandre Pessoa et al., Dicionário de Agroecologia e Educação. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 650-658.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2006*:

resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

KRAWULSKI, Cristina Célia. Planejamento agroflorestal e meio ambiente. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

LAYRARGUES, P. P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, M. (Org.). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999. p. 131-148.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan.-mar. 2002.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. A pandemia, o Antropoceno e a Educação Ambiental: Reflexões para um Cenário de Policrises. Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental. Paraíba, 2021.

LIMA, José Raimundo Oliveira. 2. Economia popular e solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela comunidade organizada. In: ESTIVIL, Jordi; BALSA, Cassimiro. Economia local, comunitária e solidária: o desenvolvimento visto de baixo. Local da publicação. Edições Húmus, Lda., 2022. (p. 132-162).

LOUREIRO, C. F. B. ; LAYRARGUES, P. P. Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: Perspectivas de Aliança Contra-hegemônica. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

MARK, K. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLINA, M. C. e FREITAS, H.C. de A. Avanços e Desafios na Construção da Educação do Campo. Em Aberto. Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

MOREIRA, Gislene. Educomunicações e os sertões do século XXI. Campinas, 2020.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.

PEREIRA, Laurindo Mekie. Comunidade versus “desenvolvimento”: ensaio sobre a história do norte de Minas. In: ESTIVIL, Jordi; BALSA, Cassimiro. Economia local, comunitária e solidária: o desenvolvimento visto de baixo. Local da publicação. Edições Húmus, Lda., 2022. (p. 301-326).

POMPEIA, Caio. Formação política do agronegócio. São Paulo: Elefante, 2021. Popular, 2016. Portal da Agropecuária UEFS. (2024). Produção sustentável na

Chapada Diamantina.

Universidade Estadual de Feira de Santana. <https://agropecuaria.ufes.br/chapada>

PORTAL DA AGROPECUÁRIA UEFS. Cafeicultura na Bahia. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2024. Disponível em: <https://www.ufes.br/portaldaagropecuaria/cafeicultura-na-bahia>. Acesso em: 25 maio 2025.

PORTAL DA AGROPECUÁRIA UEFS. Título da página consultada. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2024. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês ano.

PRIMAVESI, A. Manejo ecológico do solo. 18 ed. São Paulo: Nobel, 2006.

PRIMAVESI, A. Manual do solo vivo. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PRIMAVESI, A. Manual ecológico de pragas e doenças. 2. ed. São Paulo: Expressão

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires. 2005. p. 117 - 142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 22/02/2023.

RIBEIRO, Matilde. *Nós somos o começo, o meio e o começo*. O Povo, Fortaleza, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/matilde-ribeiro/2023/12/14/nos-somos-o-comeco-o-meio-e-o-comeco.html>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SAES, Maria Sylvia Macchione. A desregulamentação do mercado cafeeiro e as perspectivas para o mercado nacional. R. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v.33, nº 03, p. 7-34, jul./set 1995.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023.

SANTOS, Stênio Erson. Eu revolução. Publicação independente do Ponto de Cultura Bateia das Artes, Seabra, 2019.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. 6ª. Edição. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

STAUFFER, Anakeila de Barros; RIBEIRO, Dionara Soares; TIEPOLO, Elisiani Vitoria;

STEINER, R. Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a terra. [Curso de Oito Conferências, de 7 a 16 junho de 1924]. 3 ed. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2010.

TIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 26, n. 2, 69-94, jan./jun. 2008.

VARGOAS, Maira Cristina. Educação Básica e Agroecologia. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 348-355.

7.ANEXO

ANEXO A - CRONOGRAMA

DESCRÍÇÃO DAS ETAPAS	INÍCIO 01/08/2024	TÉRMINO 30/11/2024
Duração total: 24 meses		
Desenvolvimento do roteiro para roda de conversa	26/11/2024	01/01/2025
Leitura e análise das fontes bibliográficas	01/08/2024	30/03/2025
Visita de observação de ações coletivas da COOPERBIO	01/06/2023	31/12/2024
Realização da roda de conversa	01/02/2025	01/02/2025
Realização da roda de conversa e análise dos dados	01/02/2025	01/03/2025
Produção da dissertação	01/08/2024	30/05/2025
Gravação do documentário	01/08/2024	30/06/2025
Edição do documentário e finalização do produto da pesquisa	30/06/2025	10/09/2025
Retorno aos participantes de pesquisa: apresentação dos resultados e produto para os cooperados da COOPERBIO	01/08/2025	16/09/2025
Revisão da dissertação / Finalização da redação final de relatório final ao CEP.	01/02/2025	16/09/2025

Eduardo Corrêa dos Santos

Mestrando PROFCIAMB

ANEXO B - ORÇAMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

TÍTULO - “COOPERBIO E O PROCESSO DE FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS A PARTIR DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM SEABRA, BAHIA”.

MESTRANDO: Stênio Erson dos Santos

Orientadores: Willian M. de Aguiar e José Raimundo Oliveira Lima

RECURSO	UNIDAD E DE MEDIDA	FONTE	DESTINAÇÃO	VALOR ESPECÍFICO	VALOR GERAL
Material bibliográfico	Kit	Biblioteca da UEFS	Estudo da temática	Contrapartida UEFS	Contrapartida UEFS
Notebook	Unidade	Pessoal	Produção da dissertação e pesquisa	Contrapartida mestrandodo	Contrapartida mestrandodo
Material de papelaria	Kit	Pessoal	Impressão do material para a rodad e conversa e da dissertação	500,00	500,00
Laboratório de informática	Espaço	UEFS	Pesquisa	Contrapartida UEFS	Contrapartida UEFS
Edição do documentário	Serviço	Gravação, montagem e pesquisacor do documentáriolo	Produto da pesquisa	3.000,00	3.000,00
Material bibliográfico	Kit	quisição pessoal	Estudo da temática	1.500,00	1.500,00
Deslocamento	20 Diárias	Pessoal	gravações e acompanhamento das ações coletivas da Cooperbio	80,00	1.600,00
Celular	Unidade	Pessoal	Gravação da roda de conversa	Contrapartida mestrandodo	Contrapartida mestrandodo
				TOTAL	6.600,00

Stênio Erson dos Santos

Mestrando PROFICIAMB

ANEXO C – ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DA RODA DE CONVERSA – MESTRANDO: STÊNIO ERSON DOS SANTOS

Tema: “COOPERBIO E O PROCESSO DE FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS A PARTIR DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM SEABRA, BAHIA”.

Público-alvo: cooperados e cooperadas vinculados a instituição COOPERBIO.

1. Sucupira
2. Bananeira
3. Jaqueira
4. Caibeira
5. Abacateira
6. Macaqueira
7. Ingazeira
8. Paratudo
9. Quaresma
10. Cachimbinho
11. Ipê
12. Copaíba
13. Baraúna
14. São Joeira
15. Candeia

Local: Propriedade do cooperado Bananeira

Facilitador / Mestrando: Stênio Erson dos Santos

Metodologia:

- A roda de conversa será realizada com com questões previamente definidas, de modo que as respostas sejam abertas;
- Inicialmente uma cesta com os envelopes que conduzirá a roda de conversa, será passado de participante para participante ao som de canções que remetem a campo;
- O participante que se sentir à vontade iniciar ou dá seguimento a roda de conversa, deverá retirar um dos envelopes (com exceção do envelope 1 que será passado sem o balão, pois é o momento de apresentação);
- Após o participante abrir o envelope e identificar o tema, terá um tempo de 3 a 5 minutos para abordar sobre. Após, mediante inscrição prévia, os demais poderão falar sobre o mesmo tema.
- Durante a roda de conversa, caso o instrutor sinta a necessidade de ampliar mais a discussão, poderá fazer algumas das perguntas de cada etapa.

1^a ETAPA

ABRINDO A CONVERSA: BOAS VINDAS (30 MINUTOS)

Condução da roda de conversa

- **Abertura:** Comece com uma breve introdução sobre o objetivo da roda de conversa e a importância da contribuição de cada participante.
- **Dinâmica:** Mantenha a conversa fluindo sem dominar demais a fala. Incentive a troca de ideias entre os participantes, sem deixar ninguém monopolizar o tempo.
- **Respeito ao tempo:** Controle o tempo para que todos os participantes possam se expressar de maneira justa e que o encontro não se prolongue demais.
 - Solicite que se sentem em círculo;
 - Um balão de cipó vazio será colocado no centro da roda;
 - Após o início da canção “Coração sertanejo” de Chitaozinho e Xororó, cada participante da roda deverá se dirigir até o balão e colocar dentro do instrumento de colheita, algo que represente o seu saber ou trabalho: alimento, artesanato, instrumento, produto industrializado, etc. (alimentos solicitados no convite)
 - Dialogue sobre qual seria a finalidade da RODA DE CONVERSA:

A roda de conversa tem como finalidade criar um espaço de diálogo aberto, onde as pessoas podem compartilhar ideias, ouvir umas às outras e refletir sobre diversos temas de maneira coletiva e colaborativa. Esse tipo de encontro favorece a construção de um ambiente de respeito, troca de experiências e aprendizado mútuo.

Ela pode ser utilizada em diferentes contextos, como na educação, em grupos comunitários, em organizações ou até em terapias. O formato da roda, simbolicamente, busca igualdade, sem hierarquia, e têm a oportunidade de falar e ser ouvidos.

A roda de conversa também pode ser uma ferramenta para fortalecer laços entre os participantes, promovendo uma maior compreensão e empatia sobre o ponto de vista do outro.

QUESTIONÁRIO PARA RODA DE CONVERSA

2^a ETAPA

- Nesse primeiro momento serão respondidas individualmente de modo a identificar o perfil do grupo;
- O primeiro participante irá receber o envelope 1;
 - Em seguida deverá responder oralmente a tabela e passar o envelope para o colega da direita;

ENVELOPE 1 – Perfil do agricultor ou agricultora CANÇÃO: A vida é um presente

(Bruno e Barreto)

TABELA: Perfil (Participante)

NOME	IDADE
TEMPO NA CAFEICULTURA	
COM QUEM APRENDEU A PRODUZIR CAFÉ?	
TEMPO QUE INICIOU COM A PRODUÇÃO DE CAFÉ AGROFLORESTAL	

QUESTÕES: Perfil (Instrutor)

1. Seu nome completo e idade?
2. Descrição: identificar o perfil do entrevistado.
3. Há quanto tempo você trabalha com produção de café? Quem te ensinou a trabalhar na cafeicultura?

Descrição: O objetivo dessa questão é verificar o tempo de cada agricultor na cultura do café na região, bem como indentificar os saberes ancestrais em relação a cafeicultura.

() Entre 5 e 10 anos () Entre 10 e 15 anos () Entre 15 e 20 anos () Entre 20 e 25 anos () Entre 30 e 35 anos () Acima de 35 anos

4. Tem quanto tempo que iniciou com o uso de árvores nativas em sua lavoura de café?

Descrição: Pretende-se com essa questão mapear quanto tempo essa prática do uso de árvores nativas na produção de café se iniciou na região.

() Entre 5 e 10 anos () Entre 10 e 15 anos () Entre 15 e 20 anos () Entre 20 e 25 anos () Entre 30 e 35 anos () Acima de 35 anos

3^a ETAPA:

- A partir dessa questão as respostas serão dialogadas na roda. Uma pessoa faz o sorteio da questão ou imagem e realiza um comentário livre, respondendo à questão ou apresentando a representatividade da imagem.
- Peça para cada membro retire do balaio um envelope;
- Dentro de cada envelope haverá ou uma pergunta ou uma imagem;

ENVELOPE 3: Agrofloresta (Participante)

CANÇÃO: Faça que não corta (Lucas Reis e Thácio)



QUESTÕES: Agrofloresta (Instrutor)

5. Onde ou com quem você aprendeu a usar as árvores nativas no plantio de café?

Descrição: A finalidade desse questionamento é localizar a origem desse saber e a maneira como esses agricultores tiveram acesso a esse conhecimento.

6. O que te fez adotar o sistema de produção de café com árvores nativas?

Descrição: Objetiva-se mapear os principais motivos que levaram o agricultor a adotar o sistema agroflorestal.

7. Você consegue listar algumas árvores que são consideradas adequadas pra o sombreamento de café? Quais?

Descrição: Pretende-se mapear as principais árvores nativas utilizadas no sistema agroflorestal .

() Paratudo

() Farinha seca () Cachimbinho () Copaíba

() São João

() Camuengo

() outras _____

8. Se você fosse escolher uma árvore para te representar, qual espécies arbóreas utilizada no sombreamento do café, escolheria?

Descrição: utilizar nome para indicar o entrevistado na dissertação.

9. Quais os principais benefícios que as árvores nativas trazem para a sua lavoura de café? Seria possível destacar alguma árvore em especial?

Descrição: Essa questão visa listar os principais benefícios para o solo e as plantas em relação ao uso de árvores nativas na produção de café.

10. É possível listar a redução de custo na lavoura após o uso de árvores nativas no cafezal?

Descrição: Verificar a viabilidade econômica e também a possibilidade de resolução de problemas a partir de práticas agroecológicas com elementos de fácil acesso e de baixo custo, evitando a dependência com resoluções externas.

11. Quais as dificuldades de trabalhar com o sombreamento com árvores nativas na lavoura de café?

Descrição: mapear as principais dificuldades enfrentadas pelos agricultores

12. O uso de árvores nativas aumentou ou diminuiu a produção de café? Por quê?

Descrição: Verificar a viabilidade econômica e produtiva dos cafezais com árvores nativas

- Apresente várias fotos que retratam momentos de aprendizagens dos cooperados em algum momento na história da cooperativa.

4^a ETAPA

ENVELOPE 4 – Surgimento da COOPERBIO

CANÇÃO: Meu reino encantado (José Camilo e Mazinho)

O QUE MOTIVOU O SURGIMENTO DA COOPERBIO?

ETAPA 4

ENVELOPE 4 – Fotos de formação e acesso ao conhecimento sobre produção agroflorestal (Participante)

Canção: Saudade da minha terra (Belmonte e Amaral)





QUESTÕES: Fotos de formação e acesso ao conhecimento sobre produção agroflorestal (Instrutor)

13. De que forma a COOPERBIO tem contribuído para sua formação e acesso ao conhecimento sobre produção de café agroecológico e agroflorestal?

Descrição: Compreender de que maneira o espaço informal vivenciado na cooperativa tem contribuído para a formação dos agricultores em relação agroecologia

14. Fazer parte da cooperativa te permitiu ter acesso a outras formas de cultivo como a produção de cafés orgânicos e especiais?

Descrição: Verificar como a cooperativa tem viabilizado o acesso a novos conhecimentos aos agricultores

5^a ETAPA





**ENVELOPE 5 – Tecnologia e Comercialização (Participante) CANÇÃO: Deus e eu
no sertão (Renato Teixeira, Sérgio Reis)**





QUESTÕES: Tecnologia e Comercialização (Instrutor)

13. De que maneira a cooperativa tem contribuído para uma maior valorização da sua produção de café?

Descrição: Essa questão tem a finalidade de analisar como o cooperativismo contribui para o desenvolvimento de uma Economia Popular e Solidária

6^a ETAPA



ENVELOPE 6: Troca de Experiências (Participante) Canção: Estrada da vida
(Milionário e José Rico)



QUESTÕES: Troca de Experiências (Instrutor)

14. Por que é importante fazer parte de um coletivo como a COOPERBIO?

Descrição: Analisar a percepção de cada entrevistado sobre seu papel enquanto cooperado e a relevância do cooperativismo para os agricultores familiares

7ª ETAPA

ENVELOPE 7 – Cooperativismo

Canção: Comitiva esperança (Almir Sater)



8^a ETAPA



ENVELOPE 8 - Conquistas e Momentos Históricos CANÇÃO: Tocando em frente

(Almir Sater)



QUESTÕES: Conquistas e Momentos Históricos (Instrutor)

Descrição: Possibilitar a vivência de um momento de valorização das conquistas da cooperativa.

9^a ETAPA

ENVELOPE 8: Encerramento

Canção: Conversando com Deus (Wesley e Igor)



Agradecimento: Ao final, agradeça a todos pela participação e reforce a importância da contribuição de cada um para a pesquisa.

15. Você gostaria de reforçar alguma questão já respondida ou de acrescentar alguma coisa que não perguntamos?

Descrição: Viabilizar a liberdade de o entrevistado falar sobre a importância do trabalho em grupo, mutirão, confiança, preço justo, solidariedade, fortalecimento da agricultura familiar a partir de uma unidade coletiva, etc.

Análise de dados

- **Transcrição e análise:** Após a roda de conversa, transcreva os áudios (se houver) e organize as informações. Realize a análise qualitativa para identificar temas, padrões e percepção que podem ser relevantes para a sua pesquisa.

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: “COOPERBIO E O PROCESSO DE FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS EM PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS A PARTIR DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM SEABRA, BAHIA”..

NOME DO PESQUISADOR: Stênio Erson dos Santos

JUSTIFICATIVA:

Essa pesquisa se justifica por vários motivos. Primeiro, pelo fato de essa prática apresentar-se como um ato contracolonial, uma solução do saber tradicional para enfrentamento da degradação imposta pela ideia vigente da agricultura convencional implantada pela Revolução Verde e o pensamento coronelista local. Segundo por estudar uma concepção agrícola ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justa, capaz de alinhar aumento da capacidade produtiva com preservação ambiental, redução de custos de produção, bem como agregar valor a um produto produzido de forma limpa. Terceiro por apresentar uma característica interdisciplinar em relação às questões climáticas e ambientais; os saberes tradicionais; a catalogação de espécies arbóreas nativas; agricultura sustentável, etc.

1. **ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO:** Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para **diagnosticar, por meio de entrevistas, os saberes dos agricultores e agricultoras da COOPERBIO, sobre as potencialidades do uso de árvores nativas na produção agroflorestal de café**. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.
2. **PROCEDIMENTO DO ESTUDO:** Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 15min, de modo que o resultado final dessa entrevista será utilizado como parte do objeto de pesquisa.
3. **GRAVAÇÃO EM ÁUDIO E IMAGEM:** Todas as entrevistas serão gravadas em áudio e imagens. Os áudios serão ouvidos por mim e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e seu nome/imagem poderão serem utilizados para a coleta de dados. As imagens audiovisuais serão utilizadas na produção de um documentário

audiovisual. Se você não quiser ser gravado em áudio, não poderá participar deste estudo. No entanto, **caso você aceite ser gravado em áudio somente, esses áudios serão utilizados na coleta de dados, ficando o pesquisado ausente apenas das gravações documentário audiovisual.**

4. **RISCOS:** Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.
5. **BENEFÍCIOS:** Sua entrevista ajudará a identificar espécies arbóreas nativas com potencial para compor o sistema agroflorestal na produção de café dos agricultores, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.
6. **CONFIDENCIALIDADE:** Como foi dito acima, seu nome aparecerá nos áudios, bem como em formulário a ser preenchido por nós. Caso não tenhamos o seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.
7. **IDENIZAÇÕES:** Caso o pesquisado sinta-se constrangido, ameaçados ou afetados moralmente, os pesquisadores se comprometem assegurar indenização ao entrevistado.
8. **DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES:** Esta pesquisa está sendo realizada nos ambientes produtivos vinculados à COOPERBIO para desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado. O mestrando Stênio Erson dos Santos possui vínculo com a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS através do Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB sendo o aluno Stênio Erson dos Santos o pesquisador principal, sob a orientação do professor Willian M. de Aguiar e coorientação do professor José Raimundo Oliveira Lima. O investigador está disponível para responder a qualquer dúvida. Caso seja necessário, contacte Stênio Erson no telefone (75) 99943-9574, ou e-mail stenierson@gmail. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura:

Data: _____

Endereço:

Telefone de contato:

Assinatura (Pesquisador):

Nome: _____

Data: _____

ANEXO E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA COMERCIALIZAÇÃO

(Utilizar uma autorização para cada imagem, quando houver na obra mais de uma)

AUTORIZO o uso de minha imagem (descrever a imagem e anexar cópia da mesma a este formulário): na obra (nome completo da obra): Documentário “**O processo de fortalecimento dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO**”, dividido em três episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **episódio 1**, “*Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas*”, são destacadas as técnicas já consolidadas pelas famílias agricultoras da COOPERBIO, como podas, compostagem, produção de insumos orgânicos e certificação participativa. O episódio também evidencia os múltiplos benefícios dos SAFs e o papel estratégico das árvores nativas na promoção de uma cafeicultura sustentável. Já o **episódio 2**, “*Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina*”, mergulha nos processos de colheita e pós-colheita realizados com rigor e cuidado pelas famílias agricultoras, fundamentais para garantir a qualidade dos cafés especiais produzidos na região. O episódio revela como tradição, inovação e manejo agroecológico se unem para transformar o café em um verdadeiro diamante da Chapada, de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrande através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da **UEFS** (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; **(II)** livros eletrônicos; **(III)** folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc); **(IV)** folder de apresentação; **(V)** website; **(VI)** Cartazes; **(VII)** mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral e/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana, _____
de _____

Assinatura

NOME COMPLETO:	
CPF:	
E-mail:	
Telefone:	
Endereço :	


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandoo através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

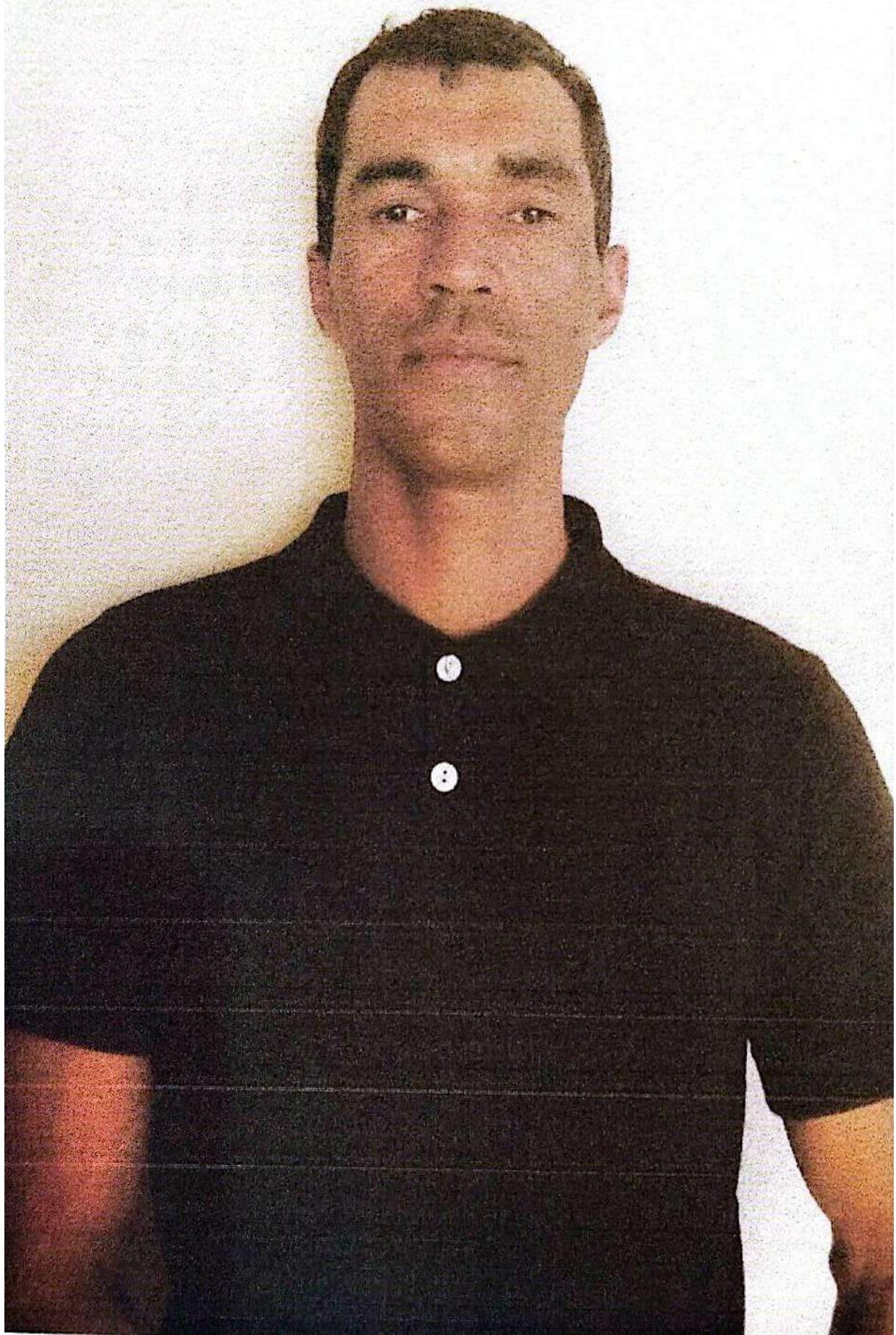
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Sidinei Oliveira de Souza
Assinatura

Nome completo:	SIDINEI OLIVEIRA DE SOUZA
CPF:	031.810.425 -36
E-mail:	sidinei296@gmail.com
Telefone:	(75) 99869-1317
Endereço:	POV. LAGOA DA BOA VISTA





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA COMERCIALIZAÇÃO

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “**O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO**”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandoo através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

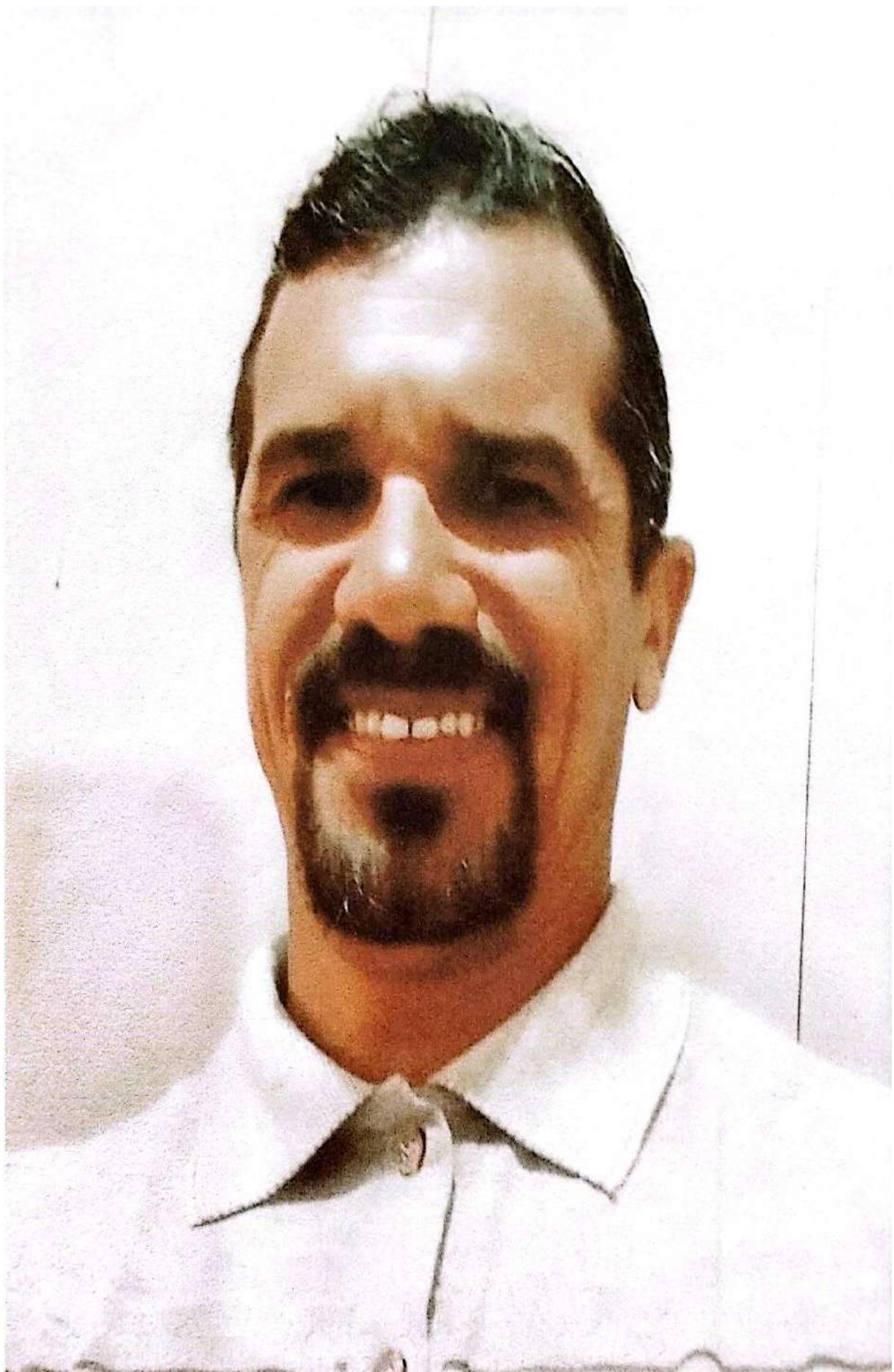
(I) livros impressos; **(II)** livros eletrônicos; **(III)** folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; **(V)** website; **(VI)** Cartazes; **(VII)** mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2015

Laércio Alves dos Anjos
Assinatura

Nome completo:	LAÉRCIO ALVES DOS ANJOS
CPF:	991.787.705-30
E-mail:	laecioa947@gmail.com
Telefone:	75.99955-5265
Endereço:	Ribeirão de Chucu - Seabra - BA




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestreatravés do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

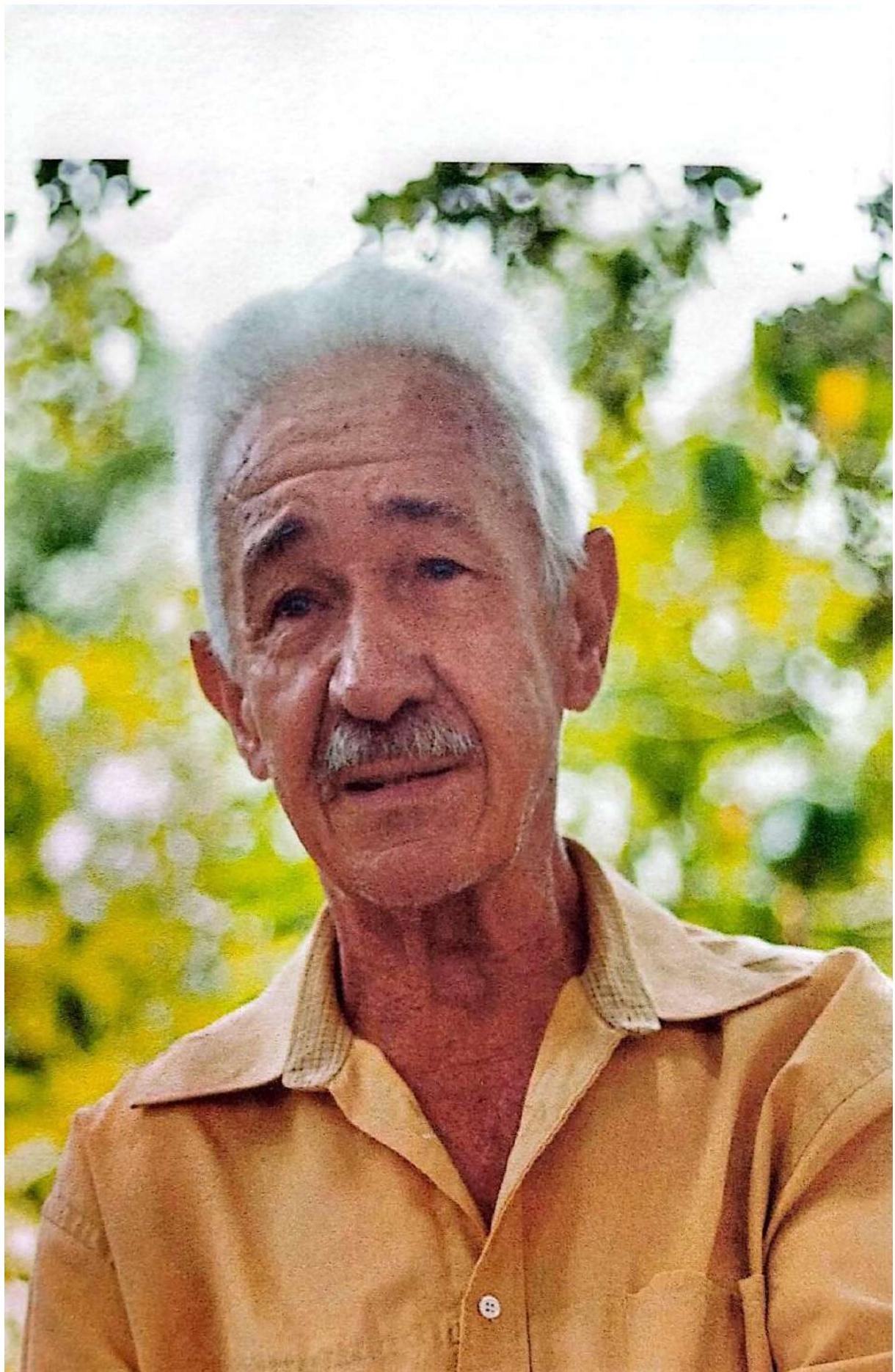
(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Egilson Alves Lopes

Assinatura

Nome completo:	Egilson Alves Lopes
CPF:	142.574.675/68
E-mail:	SITIUTATOBAS77@GMAIL.COM
Telefone:	75-999151088
Endereço:	Pov. Churé - SEABRA BA





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016

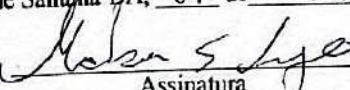


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandro através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; **(II)** livros eletrônicos; **(III)** folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);
(IV) folder de apresentação; **(V)** website; **(VI)** Cartazes; **(VII)** mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.


Assinatura

Nome completo:	MADSON SANTOS DE ARAUJO
CPF:	031.093.345.50
E-mail:	madson.santos.6@gmail.com
Telefone:	(71) 9 93551788
Endereço:	POVOADO LAGINHA - SEABRA - BA




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestre através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

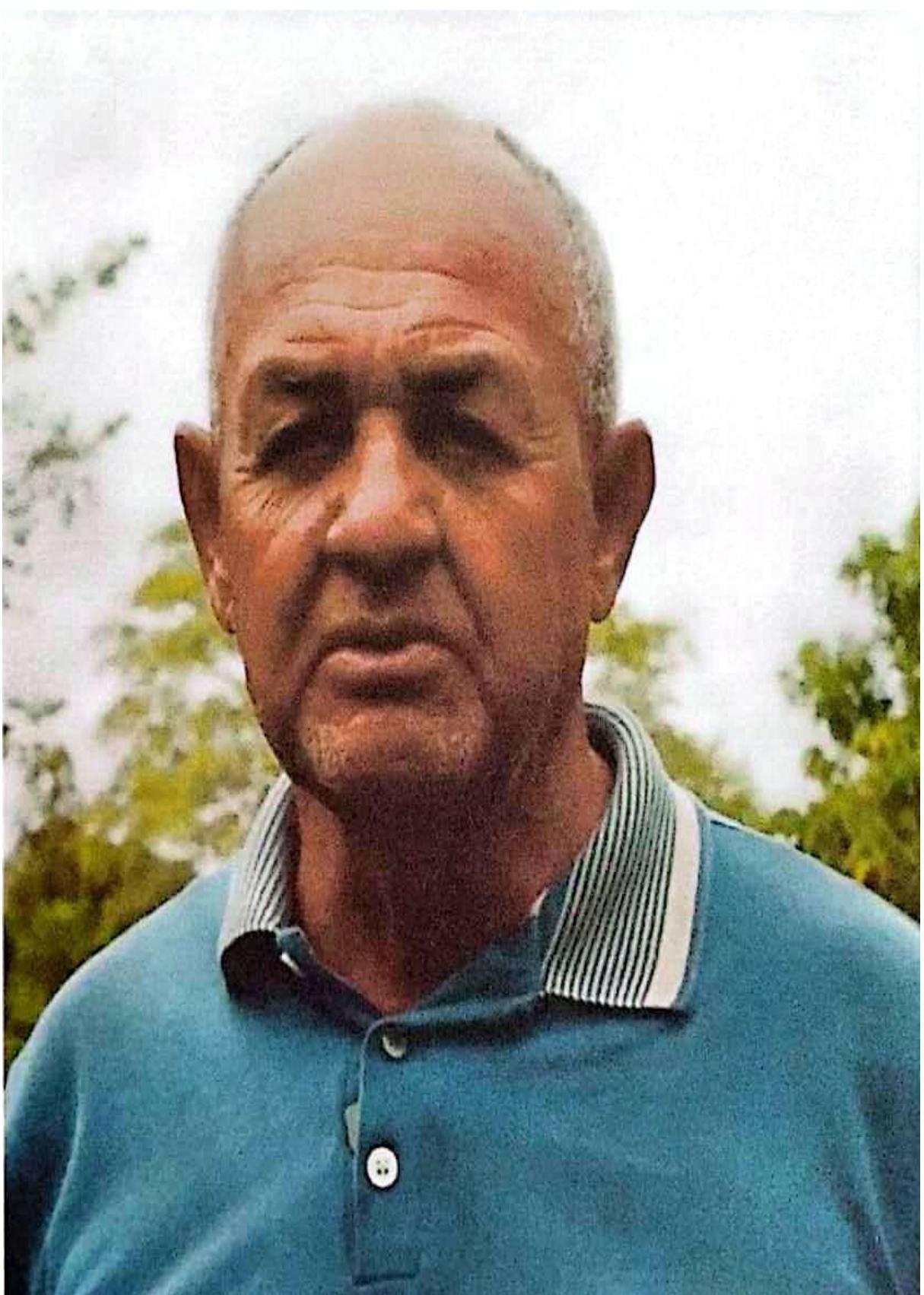
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Stênio Erson dos Santos
Assinatura

Nome completo:	<i>Stênio Erson dos Santos</i>
CPF:	<i>139.071.235-49</i>
E-mail:	
Telefone:	<i>75-999665585</i>
Endereço:	<i>Lagoa da Boa Vista.</i>





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandro através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);
 (IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Stênio Erson dos Santos
Assinatura

Nome completo:	<u>STÊNIO ERSON DOS SANTOS</u>
CPF:	<u>019.942.455-49</u>
E-mail:	<u>STENIERSON@GMAIL.COM</u>
Telefone:	<u>(95) 99711-9333</u>
Endereço:	<u>PDV. LAGOA DA BOA VISTA</u>




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

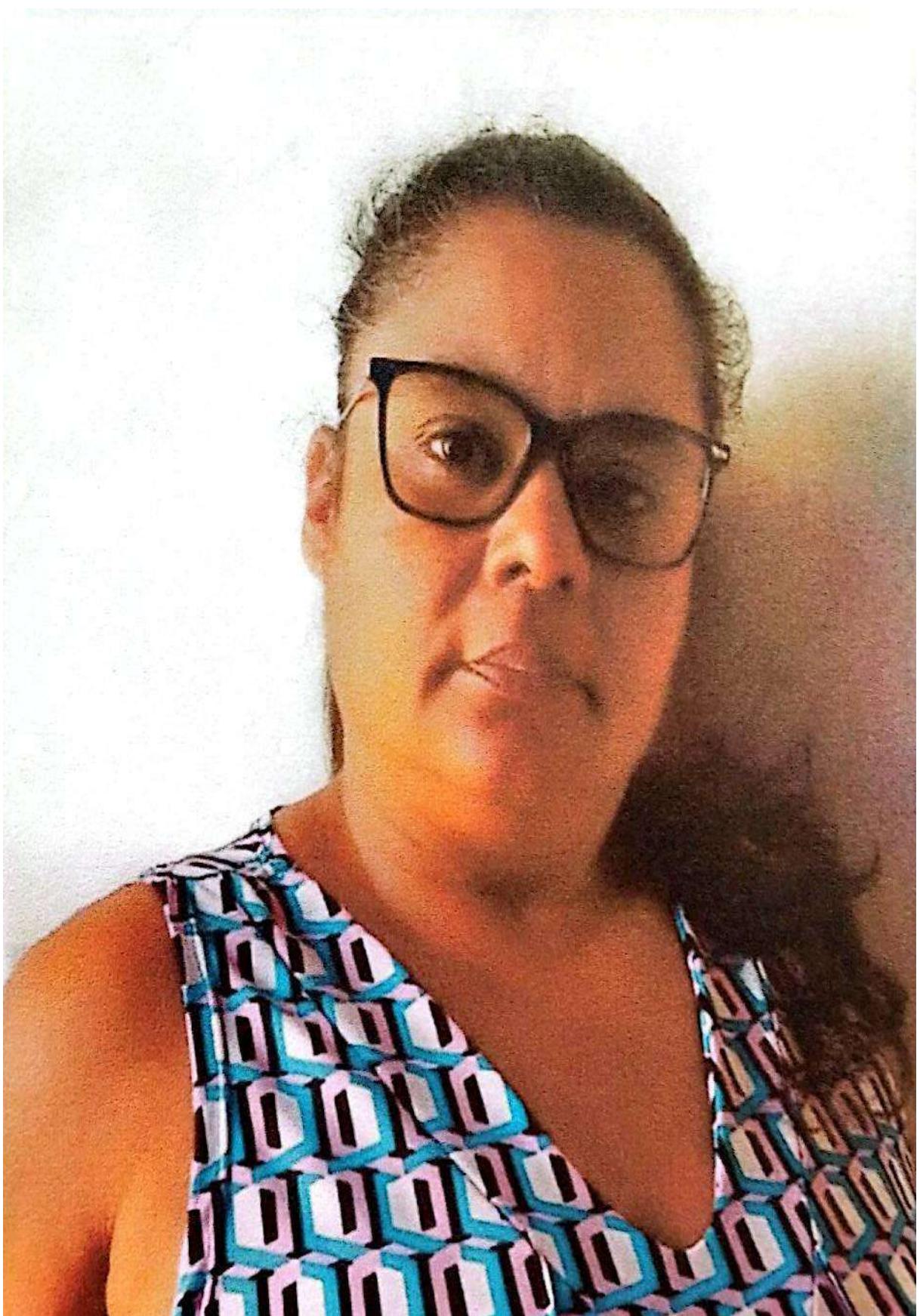
AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrando através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; **(II)** livros eletrônicos; **(III)** folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);
(IV) folder de apresentação; **(V)** website; **(VI)** Cartazes; **(VII)** mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Tatiiane Souza Pinto
Assinatura

Nome completo:	TATIANE SOUZA PINTO
CPF:	034.281.545-84
E-mail:	tatiandepinto269@gmail.com
Telefone:	(75) 99861-7824
Endereço:	POV. LAGOA DA BOA VISTA





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrando através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

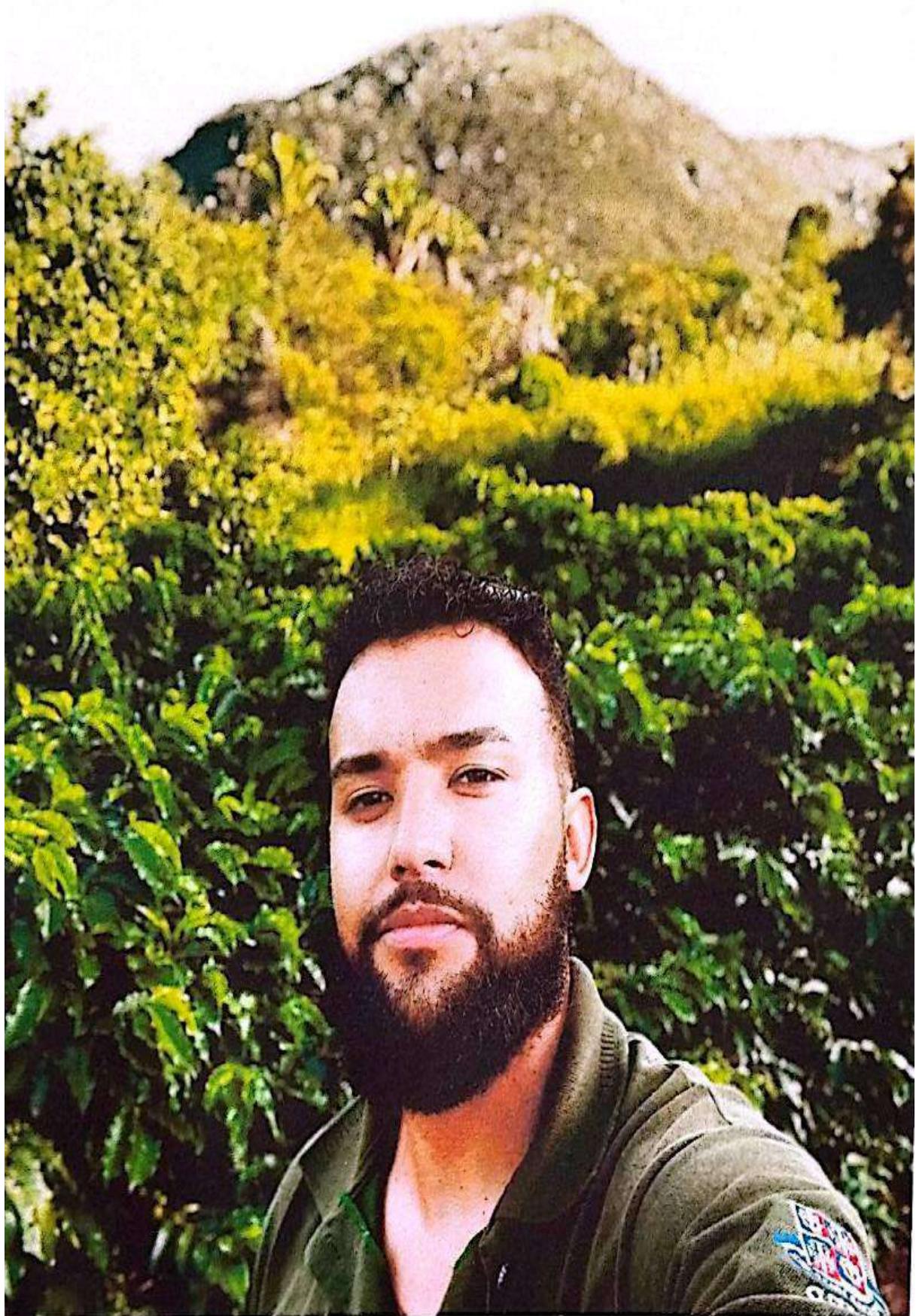
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 27 de maio de 2025.

Venâncio Ferreira dos Santos
Assinatura

Nome completo:	VENANCIOS FERREIRA dos SANTOS
CPF:	066.463.575-01
E-mail:	venancioferrainhos@bolmail.com
Telefone:	(75) 998044860
Endereço:	POV. LAGOA DA BOA VISTA





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandro através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Valéria Rosa de Souza
Assinatura

Nome completo:	<u>Valéria Rosa de Souza</u>
CPF:	<u>618.665.125.87</u>
E-mail:	<u>VL974462@gmail.com</u>
Telefone:	<u>(75) 99909-0668</u>
Endereço:	<u>Baiximadao Seabra Bahia</u>




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / **EPISÓDIO 1:** Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / **EPISÓDIO 2:** Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestre através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

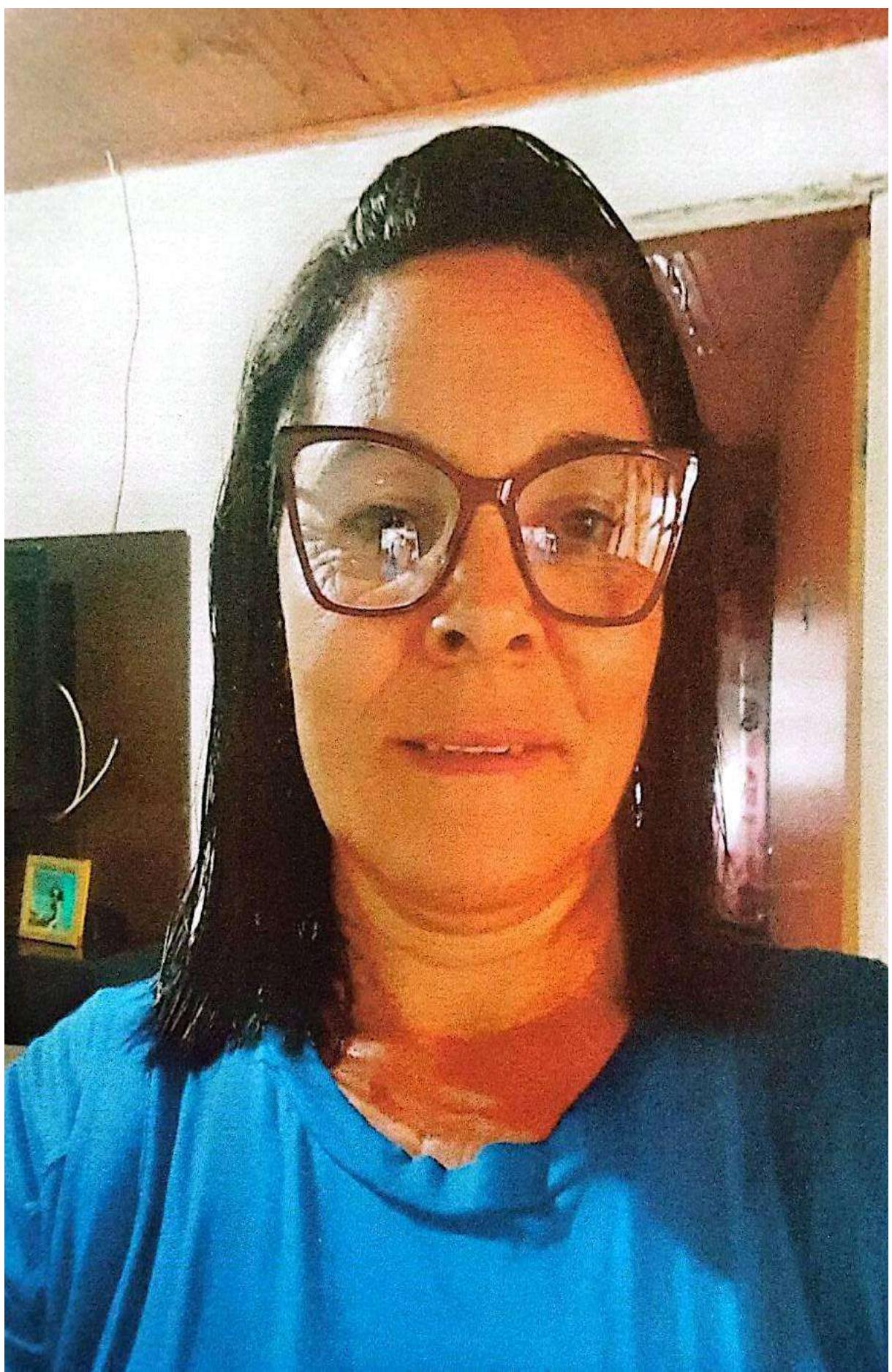
(I) livros impressos; **(II)** livros eletrônicos; **(III)** folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; **(V)** website; **(VI)** Cartazes; **(VII)** mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Sirlene de Souza
Assinatura

Nome completo:	SIRLENE DE SOUZA
CPF:	959.783.155-09
E-mail:	
Telefone:	(75) 99939-6865
Endereço:	LAGOA DA BOA VISTA - SEABRA-BA





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
 Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA COMERCIALIZAÇÃO

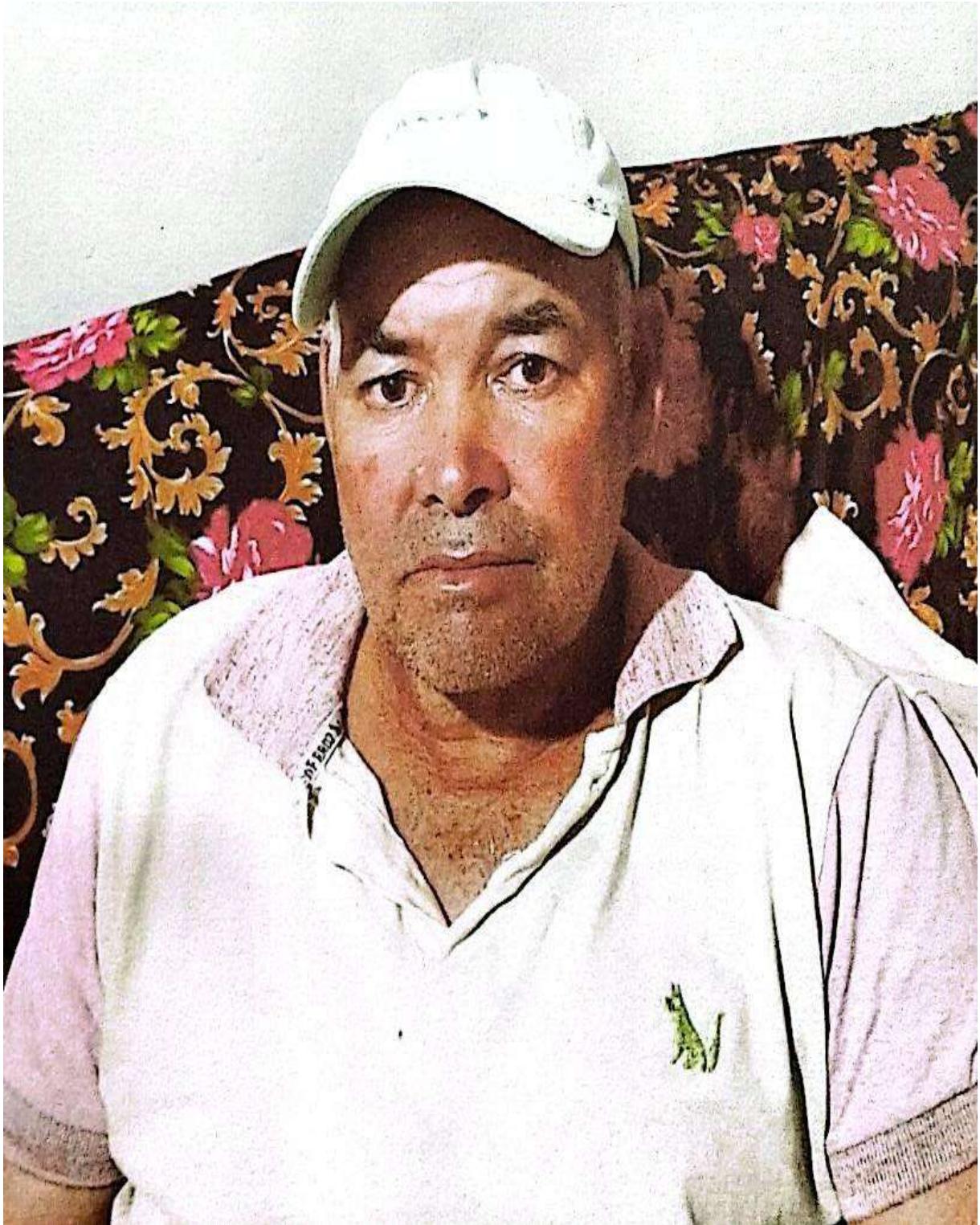
AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestre através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

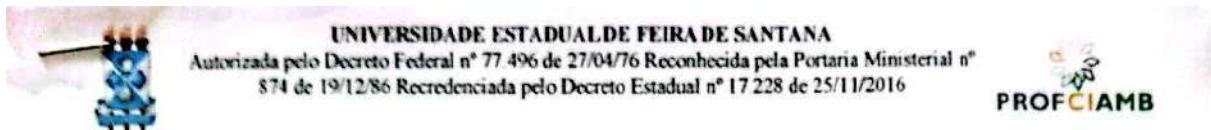
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);
 (IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Graciando Alves de Souza
 Assinatura

Nome completo:	GRACIANDO ALVES DE SOUZA
CPF:	155.556.708-85
E-mail:	
Telefone:	(45) 99939-6865
Endereço:	LAGOA DA BOA VISTA - SEABRA - BA





TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA COMERCIALIZAÇÃO

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestre através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

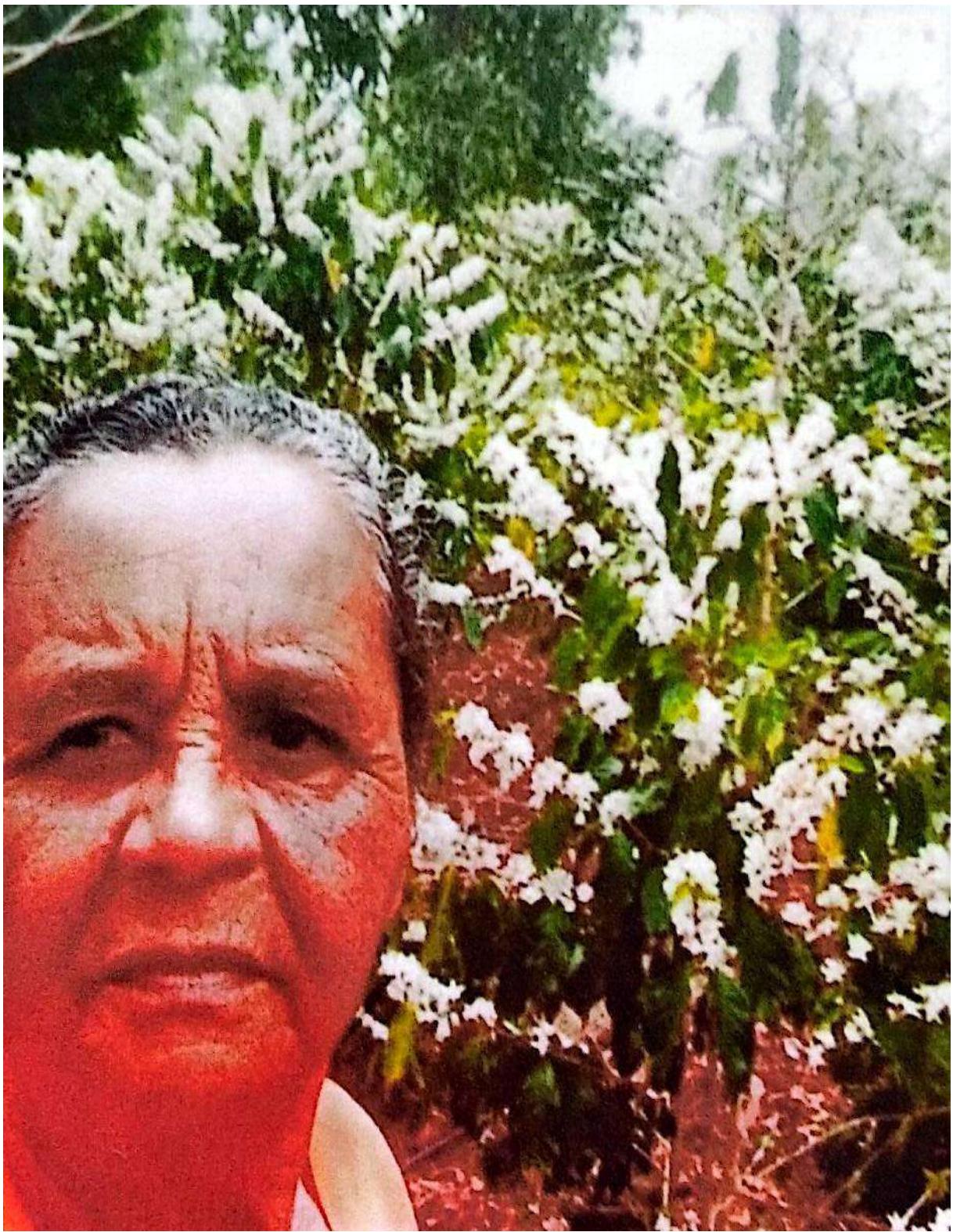
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Eury ma Souza Pinto
Assinatura

Nome completo:	<i>Eury ma Souza Pinto</i>
CPF:	<i>042.533.828-24</i>
E-mail:	
Telefone:	<i>(45) 99998-5545</i>
Endereço:	<i>POV. LAGOA DA BOA VISTA</i>





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
 Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA COMERCIALIZAÇÃO

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Ersom dos Santos a qual será publicada pelo mestrande através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

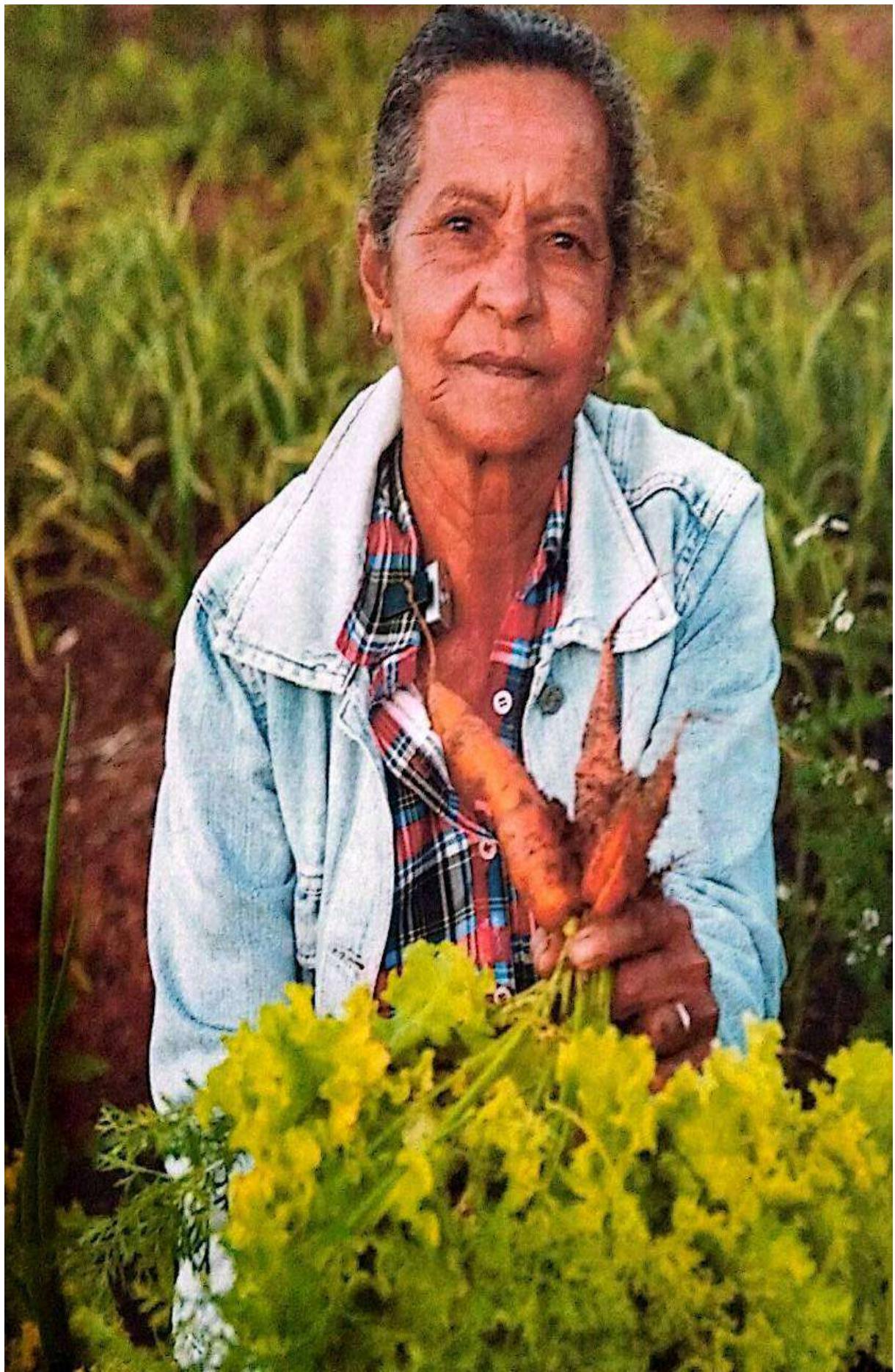
(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, ____ de ____ de ____.

Ivanete Maria de Souza Alves
 Assinatura

Nome completo:	Ivanete Maria de SOUZA ALVES
CPF:	284.391.285-87
E-mail:	
Telefone:	(75) 99921-5896
Endereço:	POV. LAGOA DA BOA VISTA




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestre através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana –BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025.

Maria Aparecida da Silva Pina
Assinatura

Nome completo:	MARIA APARECIDA DA SILVA PINA
CPF:	188.668.938-54
E-mail:	CIDAHESPINHA@GMAIL.COM
Telefone:	(75) 99858-9332
Endereço:	LAGOA DA BOA VISTA - SEABRA-BA




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874 de 19/12/86 Recredenciada pelo Decreto Estadual nº 17.228 de 25/11/2016


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA
COMERCIALIZAÇÃO**

AUTORIZO o uso de minha imagem na obra: Documentário “O processo de construção dos Saberes e Práticas Agroecológicas na COOPERBIO”, dividido em dois episódios, produzido a partir das vivências de agricultores e agricultoras da COOPERBIO, Seabra, em relação ao uso do sistema agroflorestal com árvores nativas na produção de café. / EPISÓDIO 1: Práticas e saberes sobre o manejo agroecológico dos sistemas agroflorestais com árvores nativas. / EPISÓDIO 2: Garimpando cafés especiais: os novos diamantes da Chapada Diamantina de autoria/organização de (nome completo autor(es)/organizador(es): Stênio Erson dos Santos a qual será publicada pelo mestrandoo através do seu canal do YouTuber e das plataformas digitais da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com sede na Avenida Transnordestina, S/N, Novo Horizonte, CEP: 44036-900, Feira de Santana -BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.045.546/0001-73. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo a imagem acima descrita em todo território nacional e no exterior, nas seguintes modalidades:

(I) livros impressos; (II) livros eletrônicos; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo etc);

(IV) folder de apresentação; (V) website; (VI) Cartazes; (VII) mídia eletrônica (CDROM, painéis, entre outros). A referida imagem poderá ser utilizada em todo e qualquer material de divulgação utilizado pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, através de meios diversos, ao público em geral/ou apenas para uso interno desta Instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima mencionado sem que nada haja sido reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Feira de Santana-BA, 01 de 02 de 2025

Izaque Rodrigues dos Anjos
Assinatura

Nome completo:	<u>Izaque Rodrigues dos Anjos</u>
CPF:	<u>372.768.915-34</u>
E-mail:	
Telefone:	<u>(75) 99939 4245</u>
Endereço:	<u>Fazenda Queimado - Seabra - BA</u>

